

DAGMAR HAJ MUSSI

EXIGÊNCIA E DESAFIO DA EDUCAÇÃO
NUM MUNDO EM CRISE

ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE MOUNIER

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA

1987

EXIGÊNCIA E DESAFIO DA EDUCAÇÃO NUM MUNDO EM CRISE
ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE MOUNIER

por

DAGMAR HAJ MUSSI

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, pela Co-
missão formada pelos professores:

Curitiba, de de 1987

ORIENTADORES

CORINA LÚCIA COSTA RAMOS

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

Professora Adjunto do Departamento de Planejamento e Administração Escolar do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

ALVINO MOSER

Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica.

Professor do Departamento de Filosofia e do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

*"Deus criou a pessoa
à sua imagem e semelhança." Gn 1,26*

À memória de meu pai
e dos amigos que partilharam
o início deste estudo,
Pe. Cesar Dainese, S.J. e
Alaides Adalberto Rosa.

*"Uma tese é mais uma obra humana
que intelectual".*

MOUNIER

Ofereço esta *"obra humana"*

aos educandos e educadores, **testemunhas de esperança**, por aceitarem o desafio do processo-projeto pessoal e comunitário da construção do **novo homem** e da **nova sociedade** justa e fraterna.

*"Para tudo há um tempo, para cada coisa
há um momento debaixo do sol." Ecl 3,1*

Há tempo para **receber** e tempo para
agradecer aos que contribuíram pa-
ra a realização deste trabalho; men-
ciono alguns, representantes de muitos.

Professora Corina Lúcia da Costa Ramos.
Professor Alvino Moser.
Professor Alino Lorenzon.
Comunidade Educativa do Mestrado de Educação da Universidade
Federal do Paraná.
Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Sociedade das Filhas do Coração de Maria.
Aglae, Sirlei e Suzana.
Meus familiares, especialmente minha mãe.

SUMÁRIO

RESUMO	viii
RÉSUMÉ	xii
INTRODUÇÃO	1
<u>Considerações gerais sobre o estudo</u>	1
<u>O problema e seus objetivos</u>	4
<u>Procedimentos metodológicos</u>	5
 1. ^a PARTE. <u>PANORÂMICA DA REALIDADE HODIERNA: DENÚNCIA-ANÚNCIO</u>	11
O MUNDO EM CRISE: DENÚNCIA	12
<u>Mudança: característica da atualidade e a condição</u>	
<u>do homem</u>	12
<u>A miséria das massas questiona a mudança e eviden-</u>	
<u>cia a crise</u>	18
CIVILIZAÇÃO PERSONALISTA: ANÚNCIO	32
<u>A pessoa de Emmanuel Mounier</u>	32
<u>Situando o Personalismo</u>	37
 2. ^a PARTE. <u>EDUCAÇÃO: PROPOSTA DO HOMEM PARA O HOMEM</u>	47
A EDUCAÇÃO EM MOUNIER	48
<u>Atualidade do pensamento de Mounier</u>	48
<u>Antropologia Personalista</u>	54
- <i>Estrutura do Universo Pessoal</i>	58
- <i>Pessoa e comunidade</i>	78

REPERCUSSÕES DA CRISE ATUAL NO MUNDO DA EDUCAÇÃO.....	89
<u>O mundo da educação</u>	89
- <i>Comunidade familiar</i>	96
- <i>Comunidade escolar</i>	102
INTERPRETAÇÕES GERAIS A PARTIR DO ESTUDO	121
<u>Pontos de referência para a educação da pessoa e da co-</u> <u>munidade hoje, baseados no Personalismo de Mounier</u> ...	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134

RESUMO

A educação se apresenta como realidade permanente e universal, necessidade individual e social que permite ao homem humanizar-se, processo que ocorre na sociedade, pois o homem é sempre situado-datado, o que lhe permite ser e o condiciona.

O levantamento da realidade focaliza especialmente os aspectos sociais que surgem como desafios à exigência da educação, num mundo em crise.

Com esse objetivo, baseia-se na análise da América Latina feita pela Igreja Católica nas últimas décadas, pela afinidade de propósitos: conhecer a situação global do homem. Justifica-se a escolha da América Latina porque a realidade brasileira está aí integrada pela participação dos bispos brasileiros nessa caminhada.

Constata-se uma crise de época da civilização, ligada a uma crise de existência do ser humano, caracterizada pela mudança, com ressonância em todas as dimensões da existência. O grande progresso, trazendo benefícios à humanidade, é acessível apenas a uma elite privilegiada, excluindo a maioria, reforçando e aprofundando a marginalização das massas, aumentando ainda mais o fosso entre os poucos que têm muito e os muitos que pouco ou nada têm.

A crise caracteriza-se ainda pela progressiva conscientização por parte dos oprimidos de que essa situação de injustiça

tiça institucionalizada é causada pela má administração do mundo pelos homens e não por Deus.

Evidencia-se a imbricação do Projeto de Educação com o Político e o Antropológico.

Ao enfrentar o desafio da educação num mundo em crise, este estudo encontra em Emmanuel MOUNIER um guia nessa caminhada, pela atualidade de sua denúncia-anúncio, fruto da reflexão do cristão, filósofo, educador engajado.

MOUNIER indica as contradições da realidade social num diálogo permanente com os grandes movimentos sociais e políticos de sua época. Sua audácia se expressa na condenação do individualismo capitalista e do coletivismo totalitário, ao apresentar, segundo GOMES DE SOUZA, o Personalismo Comunitário, não uma terceira via conciliadora entre as duas, porém, superação dialética e histórica num outro sistema mais ousado e dinâmico.

A denúncia da crise é acompanhada pelo anúncio da Revolução Personalista e Comunitária que visa à nova civilização, obra do novo homem.

A Revolução que deve construir a Civilização Personalista é expressa numa Pedagogia Comunitária ligada à conversão pessoal.

O Projeto Educacional, no enfoque personalista, possui dois aspectos que se exigem mutuamente numa complementaridade constante: Projeto Pessoal e Projeto Comunitário Global de Civilização.

Discute-se o tipo de homem que fundamenta esses projetos e aborda-se a Antropologia Personalista.

A impossibilidade de definir a pessoa leva MOUNIER a descrevê-la de inúmeras maneiras. Apresenta as estruturas do uni-

verso pessoal, diferentes planos interligados cuja verdade de cada um só existe em união com todos os outros: a existência incorporada, a comunicação, a conversão íntima, o afrontamento, a liberdade sob condições, a eminente dignidade, o compromisso.

Tais estruturas clarificam o *"mistério pessoal"* sem esgotá-lo.

MOUNIER sintetiza essas estruturas numa tríplice dimensão: vocação, encarnação e comunhão, que dependem de três exercícios essenciais: a meditação, em busca da vocação; o engajamento, reconhecimento da própria encarnação; o despojamento, iniciação ao dom de si e à vida em outro, comunhão.

Estas dimensões propiciam os fundamentos para a educação.

À educação cabe a missão de despertar a pessoa para o uso de sua liberdade e engajamento responsável. Esse processo-projeto de *"formação da pessoa no homem e do homem nas exigências individuais e coletivas do universo pessoal"* começa no nascimento e acompanha-o durante toda a vida.

A educação personalista inclui uma ação interventora do educador e da comunidade educativa, no intuito de colaborar com a criança e com o jovem na realização de sua pessoa. O tutor, ao prestar o serviço de colaboração com o educando, é motivado a aprofundar sempre mais seu próprio projeto pessoal, confirmando ser o Personalismo uma pedagogia.

O despertar se dá por apelos que a pessoa escuta e a que responde na comunidade.

Focalizam-se as comunidades família e escola pela relevância que possuem, ambas profundamente abaladas pela crise, sendo até consideradas por alguns como instituições fracassadas,

em vias de extinção.

A relação educativa que acontece na comunidade é de capital importância, pois nela educando e educador realizam seu processo-projeto de educação, construindo a história.

Este trabalho destaca, ainda, alguns pontos de referência para a educação nas comunidades família e escola, hoje.

RÉSUMÉ

L'éducation se présente comme réalité permanente et universelle, nécessité individuelle et sociale qui permet à l'homme de s'humaniser, processus qui se réalise dans la société, car l'homme est toujours situé-daté, ce qui lui permet d'être et le conditionne.

Ce survol de la réalité envisage spécialement les aspects sociaux qui se montrent en tant que défis à l'exigence de l'éducation dans un monde en crise.

Avec ce dessein, il se fonde sur l'analyse de l'Amérique Latine faite par l'Eglise catholique dans les dernières décennies avec le même but, celui de connaître la situation globale de l'homme. Le choix de l'Amérique Latine se justifie par le fait que la réalité brésilienne y est intégrée, à cause de la participation des évêques brésiliens dans cette marche.

On constate une crise d'époque de la civilisation, liée à une crise d'existence de l'être humain, caractérisée par le changement, avec des résonnances dans toutes les dimensions de l'existence. Le grand progrès qui apporte des bénéfices à l'humanité n'est accessible qu'à une élite privilégiée, qui exclut la majorité des gens, tout en renforçant et approfondissant la marginalisation des masses, en augmentant encore plus le fossé entre une minorité qui a beaucoup et une majorité qui possède peu ou rien du tout.

La crise se caractérise encore par une progressive prise de conscience de la part des opprimés du fait que cette situation d'injustice institutionnalisée est provoquée par la mauvaise administration du monde par les hommes et non par celle de Dieu.

C'est évidente l'imbrication du Projet d'Education avec les Projets Politique et Anthropologique.

En faisant face au défi de l'éducation dans un monde en crise, cette étude trouve chez Emmanuel MOUNIER un guide dans ce parcours, à cause de l'actualité de ses réponses-propositions, fruits de la réflexion-action du chrétien, philosophe, éducateur engage.

MOUNIER indique les contradictions de la réalité sociale dans un dialogue permanent avec les grands mouvements sociaux et politiques de son époque. Son audace s'exprime dans la condamnation de l'individualisme capitaliste et du collectivisme totalitaire lorsqu'il présente, d'après GOMES DE SOUZA, le Personnalisme Communautaire, non comme une troisième voie conciliatrice entre les deux, mais en tant que supériorité dialectique et historique dans un autre système plus hardi et dynamique.

La dénonciation de la crise est accompagnée de l'annonce de la Révolution Personnaliste et Communautaire qui vise à la nouvelle civilisation, oeuvre du nouvel homme.

La Révolution qui doit construire la Civilisation Personnaliste est exprimée dans une pédagogie communautaire liée à la conversion personnelle.

Le Projet d'Education du point de vue personnaliste présente deux aspects qui s'exigent mutuellement, dans une complémentarité constante: Projet Personnel et Projet Communautaire Global de Civilisation.

On met en question le genre d'homme qui fonde ces projets et on fait une approche à l'Anthropologie personnaliste.

L'impossibilité de définir la personne emmène MOUNIER à la décrire de plusieurs façons. Il présente les structures de l'univers personnel, des plans différents interliés dont la vérité de chacun n'existe que dans une union avec les autres: l'existence incorporée, la communication, la conversion intime, l'affrontement, la liberté sous conditions, l'éminente dignité, l'engagement.

Ces structures rendent clair *"le mystère personnel"* sans l'épuiser.

MOUNIER synthétise ces structures dans une triple dimension: vocation, incarnation et communion, qui dépendent de trois exercices essentiels: la méditation, à la recherche de la vocation; l'engagement, reconnaissance de l'incarnation; le dépouillement, une initiation au don de soi et à la vie en autrui, la communion.

Ces dimensions donnent des fondements à l'éducation. A l'éducation appartient la mission d'éveiller la personne pour l'usage de sa liberté et l'engagement responsable. Ce processus-projet de *"formation de la personne dans l'homme et de l'homme dans les exigences individuelles et collectives de l'univers personnel"* commence dès la naissance et l'accompagne pendant toute la vie.

L'éducation personnaliste inclut une action interventionniste de l'éducateur et de la communauté éducative avec le dessein de collaborer avec l'enfant et le jeune dans la réalisation de leur personne. Le tuteur, quand il prête le service de collaboration avec l'enfant, il est motivé à approfondir toujours plus son propre projet personnel, ce qui confirme le fait que le Personna-

lisme est une pédagogie.

L'éveil se fait par des appels que la personne entend et répond dans la communauté.

On envisage les communautés famille et école par l'importance qu'elles ont, les deux profondément ébranlées par la crise, ayant même été considérées par quelques-uns des institutions échouées, en voie de disparition.

La relation éducative qui se fait dans la communauté a une importance capitale, car enfant et éducateur y réalisent leur processus-projet d'éducation en construisant l'histoire.

Ce travail dégage encore quelques points de repère pour l'éducation dans les communautés famille et école aujourd'hui.

INTRODUÇÃO

Considerações gerais sobre o estudo

A reflexão sobre **educação**, processo que humaniza e personaliza o homem, exige uma Antropologia, visão do homem concreto, situado-datado, com raízes na sociedade. É preciso considerar a história dos indivíduos e os fatores que sobre eles atuam e sobre os quais podem exercer mudanças.

A educação deve ser integral em relação à totalidade da pessoa humana e, abrangente, no que diz respeito às outras atividades e instituições da sociedade que visam o bem-estar do indivíduo e o bem comum.

Várias são as teorias sobre a relação **educação e sociedade**: diferem quanto ao modo, à ênfase e à prioridade de um fator sobre o outro, mas concordam quanto à sua interdependência.

Na abordagem da realidade, o objetivo deste estudo delimita a análise social. Enfoques, problemas e contradições do contexto interessam na medida em que são lugar histórico e geográfico da educação. Baseia-se na análise da América Latina feita pela Igreja Católica nas últimas décadas, pelas seguintes razões:

- a Igreja se debruça sobre a realidade não como perita em assuntos sócio-econômicos, mas tão somente para conhecer a situação global do homem a quem ela deve evangelizar. Ela solicita subsídios a especialistas e sobre esses dados elabora sua

reflexão teológica;

- a Igreja como corpo social assume essa análise, garantindo-lhe confiabilidade;

- nas últimas décadas há uma sequência de estudos sobre o homem na sociedade, o que lhe confere um cunho histórico, atualizado, e evidencia certas constantes.

O Concílio Vaticano II (1965) descreve "*A condição do homem no mundo de hoje*". Em Medellín (Colômbia, 1968) os Bispos da América Latina procuram aplicar as orientações do Vaticano II a este continente. Em Puebla (México, 1979) novamente os Bispos latino-americanos refletem sobre "*O homem em nossa realidade*". No Brasil a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Associação de Educação Católica (AEC) também têm publicado estudos sobre o homem, a educação e a realidade contemporânea.*

A compreensão desta realidade evidencia a imbricação do Projeto de Educação com o Político e o Antropológico. Constatase uma crise "*epocal*" de civilização ligada à existencial do ser humano.

A crise torna a exigência da educação um imperativo desafiante. Não é atribuição exclusiva da educação a solução da crise, aliás, de nenhum setor isolado. A educação, ao conviver com a crise, deve extrair-lhe todos os possíveis benefícios, capacitando o homem e a comunidade naquilo que lhe é específico - a humanização.

*Desde que os Bispos do Brasil participaram corresponsavelmente de toda caminhada da Igreja, quer em Roma, quer neste Continente, a visão da América Latina engloba a brasileira. Portanto, utiliza-se como nos referidos documentos a expressão América Latina compreendendo obviamente o Brasil, distinguindo-o só quando necessário.

Entre as inúmeras abordagens do homem em comunidade, optou-se pela PERSONALISTA de EMMANUEL MOUNIER, filosofia que focaliza o ser humano em suas dimensões pessoal e comunitária. Esta filosofia, inserida num contexto de crise de civilização - fenômeno que Mounier denuncia como **desordem estabelecida** nas instituições e no homem - analisa as interpretações idealistas e materialistas da crise como unilaterais, ambas negando a pessoa humana.

O referido autor também reconhece as dimensões educativas da crise: muitas pessoas só neste momento refletem, pensam realmente e partem para alternativas de solução.

Os que encaram a crise como catástrofe e se limitam a vociferar contra ela, sem caminhar para a análise e ações concretas, não desejam as transformações necessárias, comprometem até os valores espirituais sobre os quais possam basear-se.

Após a denúncia, Mounier anuncia uma solução mediante a REVOLUÇÃO PERSONALISTA E COMUNITÁRIA que, num projeto educativo, exige a conversão do homem e transformação das estruturas, na esperança de construir a CIVILIZAÇÃO PERSONALISTA.

A atitude personalista global contesta a **desordem estabelecida** e propugna pela construção de uma **nova civilização**. Essa civilização será fruto da revolução necessária, dirigida em primeiro lugar contra si mesmo, exigindo a **metanóia** - conversão profunda e continuada da pessoa em comunidade.

Busca-se na FILOSOFIA PERSONALISTA DE MOUNIER - pedagogia comunitária ligada ao despertar da pessoa - a construção de um referencial para a educação que corresponda às exigências do homem e da sociedade hodierna.

Nessa perspectiva, **educador e educando** comungam a expe-

riência do **despertar** com características e acentos distintos, incluindo a ação **interventora**, principalmente na educação das crianças e jovens. Esse processo-projeto de educação na construção da pessoa, em suas relações fundamentais de ser histórico-social-corresponsável, é imbricado com o da comunidade, visando à construção de um mundo mais humano, mais justo e mais fraterno.

Neste estudo, as instituições **família** e **escola**, caracterizadas como comunidades educativas, são focalizadas em linhas gerais, ambas com as responsabilidades acrescidas pela situação de crise, enfrentando o desafio da educação hoje e capacitando os construtores da "*cidade dos homens*", obra **de** todos e **para** todos.

O Personalismo será atual na medida em que responda aos desafios do homem e da comunidade, hoje.

O problema e seus objetivos

. Quais os aspectos da proposta personalista de Mounier que podem subsidiar o processo-projeto de educação numa sociedade em crise?

Objetivo geral:

. Releitura do Personalismo de Mounier na busca de um quadro referencial para a educação, hoje.

Objetivos específicos:

. Analisar a atualidade das intuições presentes no pensamento e testemunho de Mounier, em relação à Pessoa e à Comunidade.

Estabelecer pontos de referência para uma pedagogia nas comunidades: Família e Escola.

Procedimentos metodológicos

1. *Estudo baseado na pesquisa bibliográfica extensiva e intensiva das obras de EMMANUEL MOUNIER.*

A apresentação das obras de Mounier evidencia a temática do Personalismo, focalizada sob diversos ângulos, e reforça a justificativa da escolha do pensamento deste autor como base para a reflexão sobre educação.

Utilizaram-se como fonte principal as OEUVRES, reunidas por Paulette Mounier em quatro volumes, segundo a ordem cronológica, e publicadas em Paris, nas Éditions du Seuil, de 1961-1963:

La Pensée de Charles Péguy

De la propriété capitaliste à la propriété humaine

Révolution personaliste et communautaire

Manifeste au service du personalisme

Anarchie et personalisme

Personalisme et christianisme

Les chrétiens devant le problème de la paix

Traité du caractère

L'affrontement chrétien

Introduction aux existentialismes

Qu'est-ce que le personalisme?

L'Éveil de l'Afrique noire

La petite peur du XXe siècle

Le personalisme

Feu la chrétienté

Les certitudes difficiles

L'espoir des désespérés

Mounier et sa génération

2. *Participação como observadora do ciclo de debates preparatório ao Encontro Internacional "A CAMINHADA DA AMÉRICA LATINA RUMO À LIBERTAÇÃO E À DEMOCRATIZAÇÃO".*

- Tema: O PENSAMENTO DE E. MOUNIER. Sua influência nos movimentos de Ação Católica no Brasil.

Coordenador: Alino Lorenzon.

Debatedores: Leda Hüdne, Herbert José de Souza, Jean-Louis Pandelon.

Data: 27/05/86 - 20 h.

Local: Universidade Santa Úrsula. Rio de Janeiro.

- Tema: ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE E.MOUNIER, T.CHARDIN e L.J.LEBRET.

Coordenador: Alino Lorenzon.

Participantes da mesa redonda: Deodato Rivera, Luiz Alberto Gomes de Souza, Pedro Ribeiro de Oliveira e Rose Marie Muraro.

Data: 03/06/86

Local: Universidade Santa Úrsula. Rio de Janeiro.

3. *Participação na preparação e realização do Encontro Internacional "A CAMINHADA DA AMÉRICA LATINA RUMO À DEMOCRACIA E À LIBERTAÇÃO". Contribuições do pensamento e testemunho de T.Chardin, E.Mounier e L.J.Lebret.*

Data: 14/15/16 de agosto de 1986.

Local: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP)

4. *Realização de entrevistas gravadas com estudiosos do pensamento de MOUNIER.*

- Alino Lorenzon. (Filosofia.UFRJ) 30/05/86

- José Carmelo de Carvalho. (Educação.PUC-RJ) 31/05/86

- Maria Aparecida Mamede. (Psicologia.PUC-RJ) 04/06/86
- Luiz Alberto Gomes de Souza. (Sociologia.IBRADES) 05/06/86
- Creusa Capalbo. (Filosofia.UFRJ) 06/06/86
- Olinto Pegoraro. (Filosofia.UFRJ) 10/06/86
- Antonio Joaquim Severino. (Educação.PUC-SP) 15/08/86

5. *Levantamento sobre a influência do pensamento de Mounier, presente nas obras de educadores brasileiros, destacando-se ALCEU DE AMOROSO LIMA (TRISTÃO DE ATAYDE) (1895-1985) e PAULO FREIRE (1921).*

Para **Alceu de Amoroso Lima** a ausência de Maritain nos debates de ordem política e social foi preenchida por homens como Mounier. Este compreendeu melhor o problema do marxismo, *"ao perceber certos aspectos que haviam escapado à filosofia tradicional, exageradamente abstrata e transcendentalista. Mounier procurou (....) uma composição com o que havia de positivo no marxismo através da exaltação da pessoa humana, do personalismo e da composição, em vez da oposição radical". ("Europa de Hoje", p. 181)*

Paulo Freire, em seu livro *"Conscientização"*, relata a influência recebida através das leituras de Tristão de Atayde, Maritain, Bernanos e Mounier. Vários estudos detectam a influência e afinidade do pensamento de Mounier e Freire. **SIMÕES JORGE**, em sua obra *"A ideologia de Paulo Freire"*, confirma a presença do Personalismo de Mounier. A constante reivindicação da dignidade da pessoa é a fonte de aprofundamento de Freire. Mounier e Freire, entre outros enfoques, enfatizam o homem concreto como o fundamento, não um homem isolado, mas o homem em comunhão com os outros e o combate à *"coisificação"* e *"massificação"*. (*"Ideologia de Paulo Freire"*, p. 19)

6. *Leitura de teses e dissertações inspiradas em Mounier, elaboradas nas duas últimas décadas, por autores brasileiros.*

- . SEVERINO, A.J. A Antropologia Personalista de Emmanuel Mounier. Tese de doutoramento em Filosofia PUC-SP, 1971. Publicada sob o título Pessoa e Existência. Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo, Autores Associados:Cortez, 1983. 158 p.

Severino aborda o personalismo sob o prisma da metafísica, e esta é uma metafísica da **pessoa humana**.

A **existência humana** aparece como o núcleo de todo pensamento filosófico de Mounier. Ao afirmar a pessoa como valor absoluto, exige o reconhecimento do valor da comunidade, que acontece no tempo, criando uma História. Às pessoas em comunidade compete "*re-criar*" a História, atuando sobre os acontecimentos.

- . RUEDELL, A. Qual a significação do pensamento político de Emmanuel Mounier para a América Latina? Tese de mestrado em Filosofia PUC - R.G. do Sul. Publicada sob o título Lições Políticas para a América Latina. Um estudo do pensamento político de E.Mounier. Canoas, Editora La Salle, 1985. 181 p.

Ruedell relaciona a "*desordem estabelecida*" denunciada por Mounier com a situação de pobreza e injustiça institucionalizada do continente latino-americano, e propõe uma nova ordem social, baseada na conversão da pessoa e na transformação das estruturas à luz do critério personalista de solidariedade (comunhão e participação) e libertação. Desperta para nova releitura da realidade deste continente a partir do personalismo.

- . LORENZON, A. Personne et Communauté. Essai sur l'oeuvre d'Emmanuel Mounier. Paris, Université de Paris, 1972. 385 p. (Tese de doutoramento ainda inédita)

Lorenzon estuda o processo de personalização individual e comunitário e afirma que "*Pessoa e Comunidade são reciprocidades de perspectivas*". Na base da relação humana encontra-se

o **eu - tu** que formam o **nós** comunitário.

Toda civilização deve ser fundamentada no respeito à pessoa, e esta não existe separadamente da comunidade onde se insere. A experiência da comunidade é primeiramente a experiência do "*próximo*". Num mundo que se agiganta cada vez mais, a comunidade torna-se um imperativo, daí a necessidade da educação para o senso comunitário.

- . RAMOS, Odaléa Cleide. Les Elements Psychologiques et Philosophiques de la Notion de Personne dans l'Oeuvre d'Emmanuel Mounier. (jalons pour une philosophie de l'éducation) Paris, Université de Paris, Faculté de Lettres et Sciences Humaines de Nanterre, 1970. 191 p. (Tese de doutoramento ainda inédita)

Odaléa Ramos, na procura de uma pedagogia que se aplique ao homem todo e se estenda à concepção da vida toda, percebe a necessidade de recorrer à filosofia, a uma filosofia concebida e encarnada como a proposta por Mounier. A filosofia, no intuito de conhecer a pessoa, debruça-se sobre ela - o verdadeiro sujeito da educação.

Mounier começa por situar a pessoa em seu meio real e humano para tentar apanhá-la; diante da "*imprevisibilidade da pessoa*" reafirma a impossibilidade de objetivá-la. Estabelece então, o "*status*" e a "*estrutura do universo pessoal*" e atinge o coração do problema pedagógico.

Os princípios que Mounier institui para a realização da pessoa podem servir de marcos para uma filosofia da educação.

Ramos busca as principais dimensões da pessoa, segundo Mounier, para fundamento e orientação geral do trabalho educativo.

- . ANDREOLA, B.A. Emmanuel Mounier et Paulo Freire. Une Pédagogie de la Personne et de la Communauté. Belgique, Louvain-La-Neuve, 1985. 505 p. (Tese de doutoramento ainda inédita)

Andreola, ao estudar Mounier e Freire, aprofunda a identidade de propósitos em relação à visão global de homem, de mundo e de história, sobretudo no que se refere a um projeto histórico de homem novo. Para Mounier a criação do novo homem implica num projeto global de sociedade e civilização, incluindo um projeto pedagógico. Há uma dimensão pedagógica em seu projeto político.

Para Freire esse mesmo projeto contém um projeto pedagógico que inclui uma intencionalidade e dimensão explícita de sociedade e civilização. É a dimensão política e comunitária da *"pedagogia do oprimido"*.

Andreola, na confrontação Mounier-Freire, busca evidenciar os elementos mais significativos para uma pedagogia global do novo homem e para a construção de uma civilização da pessoa e da comunidade. O ponto de partida de ambos não é teórico, *"o acontecimento mestre interior"* tem valor de apelo ao engajamento na luta pelo homem.

Os dois pensadores e educadores são testemunhas que interpelam sobretudo pela coragem de seus engajamentos.

7. *Construção de um referencial para atuação dos Educadores nas Comunidades: Família e Escola.*

As obras de Mounier não encontradas em português, foram traduzidas pela mestrandia.

1.^a P A R T E

PANORÂMICA DA REALIDADE HODIERNA: DENÚNCIA - ANÚNCIO

O MUNDO EM CRISE: DENÚNCIA

Mudança: característica da atualidade e a condição do homem

Os dias de hoje se caracterizam por mudanças profundas, rápidas e extensas. Nenhum outro período da história sofreu tanto impacto em espaço de tempo tão limitado quanto este.

Nas últimas décadas vive-se um processo acelerado de mutação provocado pela espetacular manifestação da inteligência e criatividade do homem com repercussões sobre ele mesmo. Atinge o pensar, o agir, o viver individual e coletivo, bem como as relações com os semelhantes e com as coisas.

O homem apresenta-se forte e poderoso. Todo avanço tecnológico leva-o a crer que nada mais é impossível. Apenas não foi inventado.

Os sonhos de outrora são realidade hoje. O homem explora o espaço sideral, voa, conquista a lua, fotografa outros planetas e também o seu microcosmo, reproduz a vida humana em laboratório, transplanta órgãos vitais do corpo humano. Os limites são vistos como obstáculos passíveis de serem ultrapassados.

Entretanto, a ambigüidade permeia as obras humanas, e suas consequências se fazem presentes em vários setores da vida.

Os Meios de Comunicação, cada vez mais evoluídos e eficientes, são sinais inquestionáveis de mudança e interferência na concepção que o homem faz de si mesmo e do mundo.

As técnicas eletrônicas de difusão, embora recentes, já saturam o universo, modificando a vida social.

GUTIERREZ¹ destaca dois paradoxos dos Meios de Comunicação que, por suas evidências, sugerem a complexidade de seus usos: são instrumentos de **poder** e de **escravidão**. Ao mesmo tempo que atestam o poder de que pela primeira vez na história a humanidade é detentora, também podem ser instrumentos de escravidão, que tão bem sabem explorar a sociedade de consumo e as ditaduras.

A era da comunicação se dá conta das grandes dificuldades que o homem enfrenta ao comunicar-se, a ponto de CASTILLA DEL PINO, citado por GUTIERREZ, considerar a "*incomunicação*"² característica da atualidade.

O homem, ser dialogal, tem a comunicação como a experiência primordial de sua "*hominização*". Entretanto, os meios de comunicação social unidirecionais quase prescindem do parceiro. O outro é distante, passivo. O **eu** não dialoga com o **tu** para formar o **nós**. O **eu** deposita a informação no **tu**, que passivamente a introjeta.

A pessoa é manipulada e não, sujeito da ação dialogal. O embotamento se instala, obstaculizando as operações do pensamento e da consciência crítica; a própria verbalização se reduz cada vez mais, nivelando e massificando os indivíduos.

A educação deve ser repensada em face às novas exigências dos meios de comunicação social, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma.

Esses recursos utilizados pela sociedade de consumo constituem uma verdadeira "*escola*" alienadora e massificante.

É inegável o poder, o alcance dos meios de comunicação

social, que sobrepujam o do sistema escolar.

Tais meios requerem grandes recursos, que os levam à dependência do poder econômico e político. Esperam retorno de seus investimentos, fazendo da afirmação de GUTIERREZ o retrato da realidade. *"Na América Latina, os Meios de Comunicação Social, longe de atuar como agentes positivos de mudanças, como instrumentos da promoção humana e como veículo de educação, contribuem muito mais para manter os interesses da estrutura de dominação interna e externa."*³

Portanto, sem negar as grandes vantagens de tais meios e os benefícios que deles advêm à sociedade, é imprescindível destacar sua característica de meios dependentes do direcionamento que lhes é imposto, temática que envolve o campo da ética.

Os meios de comunicação, com técnicas sempre mais evoluídas e potentes, geram uma visão planetária do mundo, transformando a concepção de **tempo**, pensado dinamicamente, e **espaço**, considerado em franca expansão.

FURTER *"recorda que a visão de mundo é a imagem que o homem de cada época faz da relação terra-universo, e a de hoje é um mundo planetário."*⁴ Planeta, num universo que o cerca por todas as partes, enquanto lhe abre perspectivas infinitas.

A visão planetária cria nova crítica prospectiva, em que **tempo-espaço** se condicionam dialeticamente. O horizonte geográfico alarga-se e dilata-se através das telecomunicações, que tanto podem fomentar uma inter-relação mais intensa como banalizar os contatos.

O espaço manifesta que o universo pré-existe à descoberta do homem. O temporalizar o espaço atesta que o uni-

verso é inacabado; onde o homem, pois, não deve ser mero espectador da evolução, mas mediador de um processo.

Toda essa mudança é produzida pela Ciência e Tecnologia e, olhando a História, encontra-se o processo de industrialização como base dessa transformação. O crescimento da **sociedade industrial** e a atuação invisível de suas forças transformam a sociedade e provocam mudanças que desafiam a integração do indivíduo, desorganizam os costumes, hábitos e valores.

A indústria com seu potencial e dinamismo proporcionou inúmeras condições de transformar a natureza, de modificar o mundo e até mesmo de interferir sobre o ser humano e seu habitat, mas gerou uma crise cultural. Há uma nova visão de homem e de sociedade.

Vê-se o surgimento da **Sociedade Urbana**, pela vivência ou estilo de vida atingindo também o meio rural.

A Sociedade Urbana aproxima os homens geograficamente, multiplica os contatos, mas raras vezes essa proximidade gera relacionamento interpessoal. Na maioria esses contatos são superficiais, funcionais, não atingem o outro como pessoa em sua individualidade.

A cidade isola a pessoa, propicia o anonimato, a solidão. Cria problemas de ordem emocional, pois o ser humano precisa ser reconhecido pelo outro como pessoa e saber que sua existência é acolhida por seus semelhantes.

A industrialização deu nascimento à **Sociedade de Consumo**, em que o descartável é o símbolo por excelência: "*use e jogue fora*". Os objetos perdem seu valor histórico, afetivo. São substituídos por modelos mais recentes, último tipo. E essa mentalidade afeta até as relações interpessoais. O outro passa a

ser visto não como um sujeito, mas como algo útil, usável, que pode ser deixado de lado ou facilmente substituído.

É crescente a instabilidade nas relações sociais e o desrespeito ao outro, expresso no clima de violência da sociedade contemporânea, cuja escalada alarmante gera insegurança, medo.

Conforme OLIVEN, constata-se o aumento da **violência** tanto na cidade, quanto no campo e *"tem menos a ver com o contexto no qual se manifesta e mais com as condições que lhe dão origem"*,⁵ evidenciando suas raízes sociais.

MEDELLIN afirma que *"a violência constitui um dos problemas mais graves da América Latina"*⁶ e, em muitas partes, a *"situação de injustiça (....) pode ser chamada de violência institucionalizada, porque suas atuais estruturas violam os direitos fundamentais, situação que exige transformações globais, audaciosas, urgentes e profundamente renovadoras"*.⁷

A violência manifesta-se inclusive no relacionamento com a natureza, onde o homem não tem sido um bom administrador. A terra, de onde tudo retira para sobreviver, é explorada e espoliada; não há preocupação com o meio ambiente.

A interferência do homem sobre a natureza é cada dia mais problemática e ambígua. Atesta sua inteligência criativa mas também certo imediatismo irresponsável, sem perspectiva, inconseqüente, que se evidencia na relação com os bens, recursos e riquezas materiais.

A **Política Econômica** se reflete em todas as áreas. No campo é a principal responsável pelas mudanças. A propriedade rural passou por séria transformação, fruto dessa política que dá primazia à produção, ao lucro, em detrimento do homem. Entre outras conseqüências, constata-se o êxodo rural num ritmo ace-

lerado com repercussões desastrosas para o homem e a coletividade. Aí estão as favelas, já estabelecidas, verdadeiros cinturões de miséria em torno das grandes cidades, acrescidas dos retirantes que chegam e não encontram lugar para sua moradia, devido à especulação imobiliária, que restringiu o uso do solo a áreas cada vez mais limitadas.

O homem desenraizado, sem o devido preparo profissional para a nova vida, torna-se um pária na sociedade urbana. O ex-pequeno proprietário rural tenta sobreviver com biscates, sub-empregos. A transformação é por demais violenta e agressiva ao homem e à comunidade. Toda essa mudança é feita não por opção, mas por necessidade de sobrevivência.

Mas o homem da cidade também se ressentido dessa política desumana. O solo urbano, cada vez mais valorizado, continuamente expulsa os menos aquinhoados financeiramente.

Além da questão do solo, a nova política agrícola com industrialização, financiamento para os grandes, não apóia os pequenos. Também aqui os investimentos são feitos em grande escala e devem ter retorno alto. A terra é utilizada para o plantio do mais rentável, do lucrativo, sem preocupação de abastecer o mercado interno: um país com dimensões continentais, entre os primeiros exportadores de grãos do mundo ocidental, sem suprimento alimentar básico.

A saúde do povo se ressentido desse estado de coisas e o desenvolvimento do ser humano é comprometido pela ausência de elementos indispensáveis à sua formação, crescimento e manutenção.

As estatísticas abundam. Vários são os estudos sobre a problemática da saúde. Doenças já debeladas voltam epidemica-

mente, por falta de higiene, de alimentação, de moradia adequada. Um povo todo é sacrificado, vidas humanas comprometidas.

Enquanto a saúde do povo é comprometida por carência alimentar, as Ciências Agrícolas estão em franca evolução. Há pesquisas avançadas com controle e interferência nas leis da natureza.

O mundo do **trabalho** também integra toda essa realidade. O trabalhador rural e urbano enfrenta sérios desafios para atender às suas necessidades básicas e a dos seus, com um mínimo de dignidade.

O assalariado convive com a instabilidade, medo do desemprego, serviços desumanos, muitas vezes mais semelhantes a trabalhos forçados. Os bôias-frias, mão de obra barata, trabalho de menores, crianças envelhecidas precocemente, anciãos desgastados, mulheres esgotadas, são multidões anônimas, entregues à própria sorte.

Conforme a encíclica de João Paulo II sobre "*O trabalho humano*", a questão social do trabalho⁸ consiste em encará-lo como trabalho humano, colocando o homem como seu sujeito e não peça da engrenagem. O homem é o fundamento do trabalho, e tudo deve ser orientado em função de sua realização profissional, que implica a dos colegas, pessoas com quem convive por longas horas, criando laços de fraternidade e humanizando o próprio ambiente, o mundo do trabalho.

A miséria das massas questiona a mudança e evidencia a crise

A paradoxal constatação da realidade, onde os avanços tecnológicos e científicos alcançam mudanças nem sonhadas, acentua o contraste com a miséria das massas. AMOROSO LIMA enfa-

tiza "...o escândalo que representa o contraste entre o progresso científico e técnico da humanidade moderna e o espetáculo atroz da miséria em que se debatem dois terços da humanidade [evidenciando as] injustiças sociais que a oprimem".⁹

As descobertas, invenções, tudo atesta que o "gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico".¹⁰ Como então aceitar a presença da miséria, fome, desabrigo, doença, analfabetismo em grandes áreas do planeta?

O mundo contemporâneo, em grande parte, apresenta um caráter insensato, que manifesta ausência de sentido. O poder do homem, expresso de tantas formas, parece encontrar sua justificativa na própria obra, sem perguntar: Por quê? Em vista de quê?

WIENER, o pai da cibernética, em sua obra "*O uso humano dos seres humanos*", citado por LADRIÈRE,¹¹ coloca o problema. "*Aprendemos a responder a questão do **como**, mas não somos capazes de responder **em vista de que**, não somos mais capazes de responder à **questão do sentido** e, mais grave ainda, nem percebemos que há uma questão de sentido.*"¹²

Entretanto, essa situação tem limites; quando as injustiças sociais se tornam por demais escandalosas, começam a surgir sinais do despertar para a questão do sentido. É o que ocorre na América Latina, em que a Igreja Católica, através de seus documentos, reconhece que o momento histórico é decisivo para o homem deste continente e procura "*tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbe prestar...*"¹³ Também o povo oprimido desperta do fatalismo e toma consciência de que a miséria não é querida por Deus, mas produto da injusta administração do mundo pelos homens.

MEDELLIN, em 1968, ao analisar a situação do homem latino-

americano, lembra a existência de muitos estudos sobre o tema e *"em todos eles se descreve a miséria que marginaliza grandes grupos humanos em nossos povos. Essa miséria como fato coletivo se qualifica de injustiça que clama aos céus"*.¹⁴

PUEBLA, em 1979, comprova

*...como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção.*¹⁵

Os especialistas debruçam-se sobre o problema. WOLF, numa frase feliz, *"escalar a torre de Babel do desenvolvimento"*,¹⁶ expressa o desafio que o tema sugere, dada a complexidade e polêmica em torno do assunto. Essa abordagem busca tão somente sua compreensão genérica, indispensável em sua relação com a educação. Nesse intuito, consultaram-se alguns autores, extraindo certas noções que clarificam conceitos e podem orientar a reflexão dos educadores.

COSTA PINTO alerta para tal dificuldade pela freqüente confusão com conceitos correlatos e processos similares. É o caso de **desenvolvimento** que, *"ao contrário do uso genérico que a expressão tem na linguagem corrente, (...) não é sinônimo de crescimento, modernização, evolução ou outros conceitos equivalentes"*.¹⁷

O referido autor, ao conceituar desenvolvimento, destaca as características essenciais desse processo: *"transformações intencionalmente introduzidas em diferentes esferas e setores*

da sociedade (....) que se atrasaram em relação (....) à 'revolução industrial' dos tempos modernos, com objetivo expresso de transformar a sua própria estrutura, a fim de atender legítimas e crescentes aspirações da população...".¹⁸

Após essa conceituação, o autor procura distinguir desenvolvimento dos processos gerais e contínuos de mudança social. Desenvolvimento é "*mudança social provocada e deliberadamente promovida, que lhe é indissociável [de] natureza global e estrutural [não restrita] a operação técnica ou tecnológica*",¹⁹ pois o problema do desenvolvimento interessa a toda estrutura social.

Portanto, exclui-se a concepção de desenvolvimento parcelado privilegiando apenas uma camada da sociedade.

O crescimento do padrão de vida da população é o resultado mais importante do desenvolvimento, assegurando a todos um mínimo de condições necessárias a uma vida humana digna. Daí ser ele imperativo para a América Latina. Conforme a Encíclica "*O Desenvolvimento dos Povos*", de Paulo VI, que apela para o "*desenvolvimento integral do homem*"²⁰ e "*desenvolvimento solidário da humanidade*".²¹

A referida Encíclica afirma categoricamente, "*desenvolvimento é o novo nome da paz*".²² E a paz é construída sobre os alicerces da justiça social para todos os homens.

MEDELLIN retoma o tema e reflete "*se 'desenvolvimento é o novo nome da paz', o subdesenvolvimento latino-americano, com características próprias nos diversos países, é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz*".²³ Pois constata-se que esse continente encontra-se fechado entre duas opções que atentam contra a dignidade da pessoa humana:

- o **sistema liberal capitalista** "porque tem como pressuposto a primazia do capital, seu poder e sua discriminatória utilização em função do lucro",²⁴ onde a pessoa é colocada a serviço do capital, do poder; e

- o **sistema marxista** que "ideologicamente defende um humanismo, vislumbra melhor o homem coletivo, e na prática se transforma numa concentração totalitária do poder do Estado".²⁵

Deve-se denunciar que a América Latina encontra-se nesse impasse e "permanece dependente dos centros que canalizam sua economia".²⁶

Impõe-se um juízo crítico sobre essa realidade.

LADRIÈRE²⁷ apresenta uma hipótese sobre o espírito progressista e a mentalidade tecnicista que colabora na compreensão dessa realidade.

O referido autor estabelece como a chave dos fenômenos o fato de se estar na presença de vasta transformação das sociedades humanas que devem passar de sociedades agrícolas para industriais.

Constata-se há um século e meio o deslocamento da humanidade para o novo tipo de sociedade, baseada essencialmente sobre a indústria.

O elemento mais importante na conexão das sociedades arcaicas com as industriais é a **tecnologia**.

Os povos desejam a qualquer custo alcançar os países industrializados pelos meios mais rápidos, pois parece haver hoje no mundo um modelo de organização social que se tornou imperativo - o modelo industrial. E o que se denomina sociedades avançadas são as que avançam suficientemente longe sobre a via da industrialização.

Entre os fatos que corroboram essa tese, encontra-se o **marxismo** e a força de atração que exerce sobre os povos subdesenvolvidos.

LADRIÈRE questiona se os povos não procuram o marxismo por sua **técnica social** mais ou menos eficaz, e se ele não é julgado mais pela eficácia que representa do que por sua filosofia e moral.

Parece que aos homens interessam mais os **meios** que as doutrinas, e o comunismo se configura como uma entrada para os países industrializados, daí sua atração para os povos subdesenvolvidos.

Os homens, com exceções, demonstram estar mais preocupados com a **eficiência** do que com critérios morais. Daí o interesse pela **tecnologia** - espírito fundamental que habita o mundo hoje.

O **projeto técnico** é empreendimento coletivo total, sistema em movimento, cuja base é a natureza inacabada, com certos elementos não estabilizados que são as possibilidades e as potencialidades, e que, descobertas, criaram o sentido de dever atualizá-las.

A direção do projeto é a utilidade, embora seja evocada a melhoria de vida humana.

As pesquisas científicas e técnicas se desenvolvem inseparáveis, prestando-se apoio mútuo, entretanto, sem grandes preocupações filosóficas.

A mentalidade tecnicista não está isenta de perigos. Com a técnica aumenta o poder e, conseqüentemente, a responsabilidade.

A posse dos instrumentos implica a intervenção das de-

cisões humanas e, quanto mais possantes os instrumentos, mais aumenta a importância das decisões devido ao crescimento da indeterminação.

Destacam-se os perigos de redução do homem a status de objeto e de utilização dos avanços da tecnologia restrita a setores privilegiados, marginalizando mais ainda as massas já marginalizadas.

As técnicas não se limitam a instrumentos de dominação da natureza, mas também condicionam e manipulam os homens, os grupos humanos. O técnico tende a eliminar o conteúdo espiritual e ético do ser humano, só vendo no homem objeto de estudo.

Impõe-se esclarecer, o problema não é a técnica, mas o sentido que o homem lhe confere.

A hipótese de LADRIÈRE parece confirmar-se na América Latina, que vive um momento de transformação acelerada, atingindo e afetando todos os níveis da existência do homem e da coletividade, desde o econômico até o religioso, passando pelo político, social, educacional. Verdadeira **revolução cultural**. Indício de que se está no limiar de uma nova fase da História, cheia de anseios de emancipação e libertação de todas as formas de escravidão, de opressão individual e coletiva.

MEDELLIN percebe os *"prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização"*,²⁸ e almeja-se que esse parto dê à luz o homem novo, construtor da civilização humana para todos.

É a constatação da **crise** que também é portadora de sinais de esperança.

O homem oprimido por toda sorte de carência, sem justas condições de sobrevivência, anseia pela libertação e se revolta contra o que o impede de viver com dignidade. Essa **crise** é

fenômeno com duas grandes vertentes: existencial dos indivíduos e da civilização como um todo.

ORTEGA Y GASSET, citado por FURTER, recorda que a crise não é um fato recente, mas acompanha a humanidade em sua evolução histórica, e esta se processa por avanços e recuos, pois *"não existe progresso linear na História"*.²⁹

Embora sua presença na vida do indivíduo e da civilização não seja fenômeno estranho, mas faça parte de sua caminhada, nem por isso deixa de ser dolorosa, difícil, e até mesmo dramática. Nesse momento histórico, não é algo que muda no mundo, mas é o mundo inteiro que muda.

Entretanto, a consciência da crise histórica não é igual em todos os homens. É oportuna e esclarecedora a abordagem de COSTA PINTO³⁰ sobre os tipos de atitudes mentais: vivência e consciência, em relação aos processos de transição social.

Todos têm vivência da transição, percebem-na no cotidiano que se transforma, nos padrões tradicionais que se desintegram e são substituídos por outros, criando nova organização social. Tal processo envolve e interessa a todos dessa sociedade, porém, para a grande maioria, essa vivência é meramente passiva, *"suporta-se a História"*, não se participa ativamente, nem se procura conscientemente intervir.

Já a **consciência** implica em *"mudança qualitativa da vivência, exprime-se no desejo de determinar seu ritmo e direção, conforme os interesses e valores"*.³¹ Exige um esforço pessoal. Vários são os obstáculos que dificultam a tomada de consciência, entre outros, nos meios cultos é a *"superespecialização sem a necessária contextualização, impedindo visão global da situação"*.³² Bem como a interpretação errônea da tolerância,

levando ao neutralismo, que não deixa de ser tomada de posição.

Esse tema também é estudado por MANNHEIM, que ratifica a superespecialização e a concepção errônea da tolerância como obstáculos à consciência.

Para esse autor, a consciência "*é uma atitude mental*".³³ E a consciência das questões sociais "*significa a capacidade de perceber prontamente o conjunto da situação em que a gente se encontra*",³⁴ isto é, a visão global da situação que tanto o indivíduo quanto a comunidade obtêm através do esforço pessoal.

Um dos modos de expressão dessa consciência é o diagnóstico correto de uma situação.

MANNHEIM afirma que assim "*como na vida do indivíduo, igualmente na das nações a hora da crise revela a presença da vitalidade fundamental*".³⁵

A crise em si não tem valor, depende da intencionalidade que o homem lhe confere. Entretanto, sua dimensão pedagógica deve ser valorizada.

FURTER vê a crise com significação pedagógica profunda, "*momento frutífero, ainda que dramático*", mas que permite superar as limitações "*para fazer dos nossos limites, os obstáculos a serem vencidos*".³⁶

ORTEGA Y GASSET insiste sobre o valor profundamente positivo, frutífero, criativo da crise. "*A urgência e a agudeza da crise serão exatamente proporcionais às possibilidades novas que, através dela, se antevêm*".³⁷ Não se deve focalizar a crise como um mal nem como uma ruptura com a evolução normal. Pois é "*utópico pensar que existe evolução sem crise*".³⁸

A crise presente na vida dos indivíduos e da civilização será pedagógica na medida em que for conscientizada, re-

fletida. É o que se verifica na vida do filósofo francês EMMA-NUEL MOUNIER. A partir da constatação e reflexão da crise de sua época, elaborou sua filosofia.

Relata MOUNIER: *"nunca repetiremos o suficiente que nosso personalismo (....) é um esforço total para compreender e ultrapassar o conjunto da crise do homem do século XX"*.³⁹ E precisa: *"assim, lançados na crise do século XX, e mais especialmente na crise do homem ocidental (....) procuramos (....) o foco dessa crise histórica singular, suas estruturas, (....) à luz de algumas perspectivas fundamentais sobre o homem..."*.⁴⁰

Sua análise é lúcida e corajosa. *"Só as crises levam a maioria das pessoas à meditação."*⁴¹ Quando a luta pelo pão cotidiano é muito intensa, absorve o homem, impede-o de refletir, não lhe dá tempo, meios e mesmo gosto para tal. As pessoas vivem automaticamente até que algo muito grave interrompa a rotina. Geralmente, são as condições de vida sub-humanas suportadas por longo tempo que atingem um ponto de saturação e acabam por explodir, abrindo fendas por onde penetra *"a luz sobre problemas desconhecidos"*.⁴²

Mounier confirma a dimensão pedagógica da crise. *"Tudo que concerne ao homem não se desenvolve senão por crises, onde a negação deve ser total para que o renascimento seja mais maravilhoso"*.⁴³

A denúncia presta um serviço, desnuda a realidade. *"Esqueçamos as crises (....) elas são só ilustrações (....) de nosso mal (....) mostram os verdadeiros problemas"*.⁴⁴ E continua: *"a revolução do século XX deve preparar ao homem contemporâneo um instrumento técnico-racional e uma organização social justa. Mas ela tem também o papel de lhe oferecer uma razão de viver*

*e morrer...".*⁴⁵

E anuncia a REVOLUÇÃO PERSONALISTA E COMUNITÁRIA, projeto ambicioso, cujo título já é um programa.

Essa Revolução visa à construção de *"uma nova civilização, de um novo homem"*.⁴⁶ Pois MOUNIER acredita no homem moderno, desde que seja libertado das servidões que o amarram. Esse homem libertado poderá *"fecundar o mundo do perpétuo milagre de sua criação, pois ainda está longe de ter esgotado todos os recursos de sua natureza incompletamente exercida e explorada"*.⁴⁷

A crise denunciada por MOUNIER deve ser afrontada pela REVOLUÇÃO PERSONALISTA E COMUNITÁRIA que compreende a **metanóia** - a conversão do homem exigindo a transformação das estruturas - dando o nascimento à CIVILIZAÇÃO PERSONALISTA.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹GUTIERREZ, F. Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978. p.30.

²CASTILLA DEL PINO. In: GUTIERREZ, _____, p.30.

³GUTIERREZ, p.36.

⁴FURTER, P. Educação e Vida. Petrópolis, Vozes, 1966. p.13.

⁵OLIVEN, R.G. Violência e Cultura. Petrópolis, Vozes, 1966. p.15.

⁶CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 2. Medellín, 1968. Conclusões de Medellín. 4.ed. São Paulo, Paulinas, 1979. p.30.

⁷MEDELLIN, p.31.

⁸JOÃO PAULO II, Papa. O trabalho humano; Carta Encíclica Laborem Exercens. São Paulo, Paulinas, 1981. p.8.

⁹LIMA, A.A. Comentários à Populorum Progressio. Petrópolis, Vozes, 1969. p.8.

¹⁰PAULO VI, Papa. A Igreja no mundo de hoje; Constituição Pastoral Gaudium et Spes. 11.ed. Petrópolis, Vozes, 1973. p.8.

¹¹WIENER, N. O uso humano dos seres humanos. In: LADRIÈRE, J. La science, le monde et la foi. Belgique, Castermann, 1972. p.91.

¹²_____._____, p.91.

¹³MEDELLIN, p.5.

¹⁴MEDELLIN, p.9.

¹⁵ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 3. Puebla, 1979. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 5.ed. São Paulo, Loyola, 1979. p.99.

¹⁶ WOLF, M. Desenvolvimento: para que e para quem? Trad. João Maia, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p.11.

¹⁷ PINTO, L.A. Costa. Desenvolvimento Econômico e Transição Social. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. p.13.

¹⁸ _____, p.14.

¹⁹ _____, p.14.

²⁰ PAULO VI, Papa. O Desenvolvimento dos Povos; Carta Encíclica Populorum Progressio. Petrópolis, Vozes, 1967. p.5.

²¹ _____, p.24.

²² _____, p.34.

²³ MEDELLIN, p.23.

²⁴ _____, p.14.

²⁵ _____, p.14.

²⁶ _____, p.14.

²⁷ LADRIÈRE, J. La science, le monde e la foi. Belgique, Castermann, 1972. p.77-208.

²⁸ _____, p.6.

²⁹ ORTEGA Y GASSET. In: FURTER, p.82.

³⁰ PINTO, p.10.

³¹ _____, p.10.

³² _____, p.10.

³³ MANNHEIM, K. Diagnóstico de nosso tempo. 2.ed. Trad. Otavio Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. p.85.

³⁴ _____, p.84.

³⁵ MANNHEIM, K. Diagnóstico de nosso tempo. 2.ed. Trad. Otavio Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. p.85.

³⁶ FURTER, p.6.

³⁷ ORTEGA Y GASSET. In: FURTER, p.82.

³⁸ _____._____, p.82.

³⁹ MOUNIER, E. Qu'est-ce que le Personnalisme? In: _____
Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1962. v.3. p.204.

⁴⁰ _____, p.204.

⁴¹ _____. Révolution Personnaliste et Communautaire. In: _____
Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1, p.138.

⁴² _____._____, p.138.

⁴³ _____. Qu'est-ce que le Personnalisme? p.207.

⁴⁴ _____. Révolution Personnaliste et Communautaire. p.139.

⁴⁵ _____. Qu'est-ce que le Personnalisme? p.207.

⁴⁶ _____. Manifeste au Service du Personnalisme. In: _____
Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1, p.488.

⁴⁷ _____._____, p.488

CIVILIZAÇÃO PERSONALISTA: ANÚNCIO

O anúncio de uma CIVILIZAÇÃO PERSONALISTA, meta da Revolução Personalista Comunitária, exige uma introdução ao PERSONALISMO de MOUNIER, detectando as razões de sua atualidade.

De tal modo vida e obra deste autor estão ligadas e uma esclarece a outra, que se inicia pela apresentação da pessoa de EMMANUEL MOUNIER, em busca de fundamentos para a Educação hoje.

A pessoa de Emmanuel Mounier

Ao esboçar a curva da vida de Emmanuel Mounier pretende-se apresentar alguns dados que permitam situá-lo em seu contexto e circunstâncias, ciente de que esse esforço é paradoxal, pois, como afirma GABRIEL MARCEL, a pessoa é o não inventariável.

EMMANUEL MOUNIER nasceu na França, em Grenoble, a 19 de abril de 1905, no seio de família modesta, da qual muito se orgulhava. Faleceu a 22 de março de 1950 em Paris, esgotado pelo trabalho, vítima de uma crise cardíaca.

Nessa trajetória de Grenoble a Paris, quarenta e cinco anos, encontra-se uma vida plena, peregrinante.

Os inícios de sua vida intelectual são analisados por ele mesmo, que considera anárquica sua formação devido aos cuidados excessivos da família: primeiro o retardamento de seus estudos a fim de conservar por mais tempo possível sua infân-

cia feliz, e depois a escolha vocacional, orientando-o para medicina no intuito de equilibrar sua tendência à meditação. *"Minhas virtudes viraram-se contra mim. Não acusarei os meus. Devo-lhes muito num plano infinitamente superior e de outra ordem. Mas gosto de unir a afeição viva a clarividência calma"*.¹

Inscrive-se na Faculdade de Ciências, mas não consegue se adaptar. Abandona-a e ingressa na de Filosofia, onde por três anos estuda sob a orientação de Jacques Chevalier.

O ambiente católico de sua família marca profundamente Mounier. Ele busca junto com o crescimento intelectual aprofundar o conhecimento e a vivência cristã.

Ingressa na Conferência de São Vicente de Paulo, grupo de apostolado leigo entre os estudantes. Entra em contato com a realidade dos bairros operários onde conhece *"a miséria (....) com seu cortejo de grandezas"*,² a fome, a doença, a ignorância personificadas na criança desnutrida, no jovem doente, no velho desamparado, assumindo um rosto, um nome próprio, uma história pessoal. *"A experiência ou a proximidade da miséria, eis nosso batismo de fogo"*,³ do qual não se esqueceu jamais, renunciando a Revolução Personalista e Comunitária.

Entrega-se ao estudo da filosofia e, no mês de junho de 1927, defende a tese intitulada: *"O CONFLITO DO ANTROPOCENTRISMO NA FILOSOFIA DE DESCARTES"*.

Concluídos os estudos em Grenoble, Mounier parte para Paris e tenta o concurso oficial para o magistério.

Aprovado no concurso, também continua seus estudos. Para tese de doutorado escolhe *"A PERSONALIDADE"*, tema que expressa sua preocupação com a pessoa humana e para o qual convergem seus interesses porque, nesse momento, consistia em ponto cru-

cial *"onde chegaram a Psicologia e Moral contemporâneas"*.⁴

O ambiente da Sorbonne não lhe agrada, percebe no meio acadêmico universitário a alienação e o descompromisso com o homem e a sociedade. Pressente que aí qualquer outra atitude diferente *"seria vista como ridícula"*.⁵

Enquanto prepara sua tese de doutoramento, acontece-lhe algo muito importante: a redescoberta de Charles Péguy. Já o conhecia, mas agora é como se realmente o encontrasse. Esta redescoberta culminará com a publicação do livro - *"O PENSAMENTO DE PÉGUY"*, obra em colaboração com Georges Izard e Marcel Péguy.

Isto repercute largamente na vida e obra de Mounier. É seu primeiro livro e sai publicado em 1931, na coleção *"Le Roseau d'Or"* (Plon), fundada e dirigida por Jacques Maritain.

A influência de Péguy é marcante, vem responder às angústias mais profundas do jovem filósofo. Amando a Filosofia, não quer alienar-se da vida nem encerrar-se numa carreira universitária cômoda, à margem dos homens.

Péguy possui *"esta amizade imperturbável, no seio de uma mesma vida, de homem que pensa e de homem que age"*.⁶ Talvez essa consideração fosse o encontro, a evidência daquilo que Mounier pressentia e todavia ainda não soubesse explicitar. Alguém que, também homem saído do povo, renunciou à carreira, ao sucesso, e escolheu a pobreza. Mais preocupado em servir do que em produzir.

O reencontro com Péguy acaba por convencer Mounier a tomar a decisão que ele há algum tempo já percebia necessária. Deixa a carreira universitária por um empreendimento idealista cheio de risco. *"Com um grupo de amigos, entre eles Georges Izard, Déléage, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougemont,*

*Réné Biot, funda a revista **ESPRIT**, porta-voz de todo um movimento espiritual que pretendia lançar."*⁷

As dificuldades são de toda ordem, vêm de fora como de dentro do próprio grupo.

É o desafio da ação. A problemática da conciliação entre *"ação e meditação; eficácia e testemunho; política e profecia"*⁸ cresce a tal ponto que compromete a posição de **ESPRIT**. Mounier tenta por todos os meios possíveis evitar a ruptura, mas tudo em vão, o grupo acaba por se dividir em dois.

De 1933 a 1939 oscila entre Bruxelas e Paris. Em Bruxelas leciona no Liceu Francês, e em 1935 casa com Paulette Leclercq e fixa residência nessa cidade.

O casal é duramente provado. Das três filhas, Françoise, aos sete meses, é atingida por encefalite.

É o período da guerra com todas as provações. Mounier, do front, escreve à sua esposa, revelando admirável aceitação do sofrimento. Françoise torna-se o símbolo de todos os sofrimentos do mundo. Também esta realidade, o sofrimento é refletido e assumido como *"mestre interior"*, lembrando ao cristão que ele é um peregrino. E, quando muito grande, torna-se um desafio, se é difícil viver só, muito mais sofrer sozinho. *"O único verdadeiro mal é sofrer isoladamente, e como de costas um para o outro, quando não sentimos mais, no mal comum, esta fraternidade cruel, intimidade na desgraça, que lhe arranca o espinho profundo..."*⁹

Os sofrimentos morais também penetram nas afeições mais caras, obrigando-as à lucidez e verdade, a um mais-ser. A verdadeira afeição, *"sua razão de ser não é que sejamos **felizes** juntos; e sim que sejamos **mais** juntos... toda afeição por demais harmoniosa, todo otimismo excessivamente conciliador são*

*parcialmente entrelaçados de mentira".*¹⁰

Para Mounier o sofrimento, entre outras missões, tem a de educador, e poderá contribuir para a construção harmoniosa da pessoa. Pois, *"o homem tem áreas no seu pobre coração que não existem ainda, escreve BLOY, e onde a dor entra a fim de começarem a existir".*¹¹

MOUNIER encara *"o acontecimento como mestre interior"*.¹² E por acontecimento ele entende tanto um encontro de pessoas como um fato histórico.

Nessa atenção ao **mestre interior** opõe-se ao que Hedeigger chama o mundo do *"man"* (a gente), do *"on"*, ou seja, *"o mundo em que nos deixamos aglomerar renunciando a ser pessoas lúcidas e responsáveis"*.¹³ À sonolência, à mediocridade, ao anonimato, ele contrapõe o heroísmo do comum, que não é vulgaridade, o valor da opção que não é instalação, a responsabilidade do ato pessoal que não é isolado, mas possui também dimensão comunitária. Enfim, ao **homem alienado** o **homem consciente**, que tem sua vida em mãos, porque está nas mãos de Deus e que, entre a vida e a existência, *"escolheu a existência"*.¹⁴

Durante a guerra, Mounier é preso e no cárcere, quando o tempo é sem finalidade, o ambiente deprimente, ele tenta reagir. Aí dentro a vida se organiza, os detentos procuram formar comunidade onde há até sessões de estudo. Mounier pede suas notas e aí mesmo começa a redigir o *"Tratado do Caráter"*.

Escreve aos pais. *"Estou profundamente feliz. Constitui uma lacuna na vida do homem não ter conhecido a doença, o infortúnio ou a prisão."*¹⁵

O intelectual procura engajar sua reflexão-ação em todas as circunstâncias que a vida lhe apresenta, essa busca se

configura numa filosofia que MOUNIER denomina PERSONALISMO por ser a afirmação do absoluto da pessoa.

Situando o Personalismo

Na introdução ao Personalismo apela-se inicialmente para RICOEUR não só por sua estatura de filósofo e historiador, mas também colaborador da revista ESPRIT e conhecedor da pessoa e obra de Mounier.

A homenagem póstuma a Mounier, prestada juntamente com seus companheiros de ESPRIT, é retomada por RICOEUR em sua obra *"História e Verdade"*. *"Esta homenagem, recolocada em novo contexto, torna-se a confissão de minha dívida."*¹⁶

RICOEUR estuda a problemática da História-Verdade em sua dupla vertente: Verdade no conhecimento da História e Verdade na ação histórica. A primeira refere-se ao acontecido que o historiador retoma na linha da objetividade e a segunda é a História a caminho, aquela *"em curso que sofremos e realizamos"*.¹⁷

O enfoque da *"Verdade na Ação Histórica"* é o novo contexto em que RICOEUR situa sua homenagem a Mounier, colocando-a em seu livro já referido, como abertura a esse debate.

Fala RICOEUR sobre a dívida para com Mounier, que se torna um legado, sugerindo não só gratidão pela herança recebida, mas também responsabilidade em continuar o trabalho reflexão-ação encetado juntamente com outros colaboradores de ESPRIT.

Optou-se pelo próprio texto de RICOEUR por ser uma síntese magistral do Personalismo que motiva a conhecê-lo mais profundamente.

Essa maneira de vincular a reflexão filosófica aparentemente mais aparta-

da da atualidade dos problemas vivos de nosso tempo, esta recusa em dissociar uma criteriologia da verdade de uma pedagogia política, este gosto de não separar o 'despertar da pessoa' da 'revolução comunitária', esta recusa em cair no preconceito antitecnicista a pretexto de interioridade, essa desconfiança em face do 'purismo' e do catastrofismo, esse 'otimismo trágico', enfim, tudo isso considero minha dívida a Emmanuel Mounier.¹⁸

Dentre os escritos de MOUNIER, podem ser considerados mais ou menos os dois momentos extremos de sua obra: **Revolução Personalista e Comunitária** - coletânea de artigos aparecidos em ESPRIT, entre 1932-34, e o **PERSONALISMO**, 1950, publicado três meses antes de sua morte.

O desígnio primordial do Personalismo é o desígnio de uma Civilização, Civilização Personalista.

Para RICOEUR a grande força e originalidade de Mounier consiste em "*vincular originariamente sua maneira de filosofar ao afloramento ao nível da consciência de uma crise de civilização e de ter tido a ousadia de visar para além de qualquer escola filosófica uma nova civilização em sua totalidade*"¹⁹ no momento em que esse fato - consciência da crise - "*estava longe de ocupar lugar de destaque no cerne do pensamento representativo da França, em 1932, sobretudo na filosofia universitária*".²⁰

Essa é uma das razões do rompimento de Mounier com a elite universitária francesa, representada ou simbolizada pela Sorbonne, uma filosofia fechada em quatro muros, alheia à vida do povo e da sociedade. Daí seu apelo veemente aos **filósofos de profissão**. A situação é tão dramática que ninguém pode ser dispensado da cooperação nessa causa. Os filósofos e "*os melhores*

entre nós, devem trazer sua imprescindível contribuição".²¹

MOUNIER visa à criação da **Civilização Personalista**. Civilização nova em substituição à que está em crise, situação que a quebra financeira da bolsa de Nova York em 1929 confirma e simboliza. Ele descreve esse panorama e analisa suas repercussões sobre a pessoa e a sociedade.

O Nihilismo europeu aparece, despertando a atenção para as três revoluções em curso.

Em 100 anos, três machadadas nessa civilização demasiado convencida de seu equilíbrio:

- MARX, para lá das harmonias econômicas, revelava a luta sem tréguas de profundas forças sociais;
- FREUD, para lá da harmonia psicológica, descobria o turbilhão dos instintos;
- NITZSCHE anunciava o nihilismo europeu antes de passar o facho a Dostoievsky.

As duas guerras mundiais, o aparecimento dos Estados policiais (....) orquestraram depois largamente estes temas.²²

Nesta efervescência tudo fica abalado, já não se sabe o que é o homem. Surgem as grandes confusões:

- tudo é **possível** ao homem (....)
- tudo é **permitido** ao homem (...)
- tudo é **permitido sobre** o homem.²³

Diante da crise, várias são as posições, a maioria tenta iludir-se procurando esconder a gravidade da situação. "Duas explicações se apresentam. Os **marxistas** diziam: crise econômica clássica, crise de estrutura. Operai a economia, o doente se recuperará."²⁴ Em outro extremo, "os **moralistas** opunham-se: crise do homem, crise dos costumes, crise dos valores. Mudai o ho-

*mem, e as sociedades recuperar-se-ão".*²⁵

Tanto os marxistas como os moralistas separam arbitrariamente corpo e alma, pensamento e ação, **Homo faber** e **Homo sapiens**. Embora divergentes, unem-se ao afirmar o dualismo no homem.

Para MOUNIER esta situação é o caos, o ponto de saturação a demonstrar a urgente necessidade de mudança, mudança radical capaz de extirpar o mal pela raiz.

Uma ação se impõe. Deve ser precedida de uma análise científica incluindo todas as dimensões do homem e completada pela orientação a seguir.

MOUNIER constata a existência de um mal mais profundo sob a crise econômica: crise da civilização, subversão total dos valores, desordem estabelecida, que coloca o homem em perigo. Pois *"a crise é ao mesmo tempo uma crise econômica e uma crise espiritual, uma crise das estruturas e uma crise do homem"*.²⁶

Prossegue MOUNIER esclarecendo que não se limita a retomar a frase de PÉGUY: *"A Revolução será moral ou não será."*²⁷ Para ele *"a Revolução moral será econômica ou não será. A Revolução econômica será 'moral' ou nada será."*²⁸

Para ele, o valor da pessoa reside na eminente dignidade humana e na transcendência, e é escandaloso o contraste verificado, o mundo dividido em dois grandes partidos: regimes individualistas e totalitários, com linhas diametralmente opostas, mas tendo em comum o desrespeito absoluto à pessoa humana.

A denúncia da **desordem estabelecida** é complementada pelo anúncio da Revolução Personalista e Comunitária. Se aquela é a evidência de uma sociedade que **impossibilita o acesso har-**

monioso à vida pessoal e acarreta até a perda do gosto pela vida, quer pela miséria ou ideal pequeno-burguês, esta deve ter as características opostas, as bases para que todo ser humano possa realizar-se em todas as suas dimensões: pessoal e social, colaborando na construção de um mundo mais humano.

Segundo RICOEUR, Mounier tem como motivação às suas reflexões *"uma dúvida metódica de caráter histórico-cultural"*.²⁹ A crise não deve ser chorada, mas analisada e trabalhada em toda amplitude por pessoas capazes, lúcidas, que não se deixam levar pelo pânico ou desespero paralisante ou ações intempestivas, mas inócuas. Os meios devem ser os mais eficazes, pois o empreendimento é vital para uma multidão de pessoas que se encontram marginalizadas econômica, política e espiritualmente.

Após essa análise, RICOEUR expressa sua admiração e reconhecimento pelo "mestre": *"ousaria dizer que Emmanuel Mounier foi o pedagogo, o educador de uma geração, (...) ou ainda diria eu que Mounier pregou uma conversão, [transportando] essa expressão (...) para o plano mais largo de uma civilização em conjunto"*.³⁰

Projetar uma civilização é empreendimento desafiante para os homens, questionam-se as exigências para esses construtores de civilização.

Para MOUNIER a nova sociedade só será possível se houver uma transformação radical. Ele emprega o termo **revolução**, explicando o que entende por isso. Aos amedrontados e escandalizados com o termo, ele contesta lembrando que a **desordem estabelecida** é uma revolução, mas contra o homem pois mutila a liberdade, mata o amor, compromete a troca honesta de corações, a sinceridade das palavras, o esforço e a alegria de viver. E

esta situação desumana não se resolve com uma *"esmola à justiça para calar a boca e apagar a traição"*.³¹

A verdade *"não se constrói com pedaços de verdade e com o perdão"*.³² Deve-se refundir no fogo o que foi impregnado pela mentira.

A integração universal deve ser o resultado de uma transfiguração na **massa de todos os valores**, pois a revolução é um **tumulto profundo**, uma metanóia: *"a mudança do coração do coração. E no mundo de tudo aquilo que foi contaminado"*.³²

A revolução que se identifica com a **metanoia-conversão** não se restringe a um momento único na vida. Esse acontecimento deve ser atualizado continuamente, numa atitude peregrina de busca e não de posse da verdade. Esta nunca é possuída. A totalidade da verdade de uma pessoa é apenas uma parcela da verdade plena.

Enquanto durar a humanidade, o dinamismo da conversão deve ser atualizado *"porque nossa vida do espírito é uma conquista sobre nossas preguiças"*³³ e a cada passo devemos *"sacudir-nos contra o entorpecimento, nos adaptar à revelação nova, nos expandir na paisagem que se amplia"*,³⁴ pois a revolução nunca termina e a perseverança é uma das exigências para o sucesso.

O que faz a revolução é o espírito e não a força.

Toda ação deve ser a expressão da reflexão engajada, *"age-se mais pelo que se é do que pelo que se faz e diz"*.³⁵

O fim da ação não é essencialmente o sucesso e sim o testemunho, o que não dispensa a fé, o amor e fervor na realização da obra. Não tanto por nós e para nós mas *"por milhões de homens que ainda não desesperaram"*.³⁶ Mas, ainda mesmo que estivesse certo do fracasso, nada dispensaria de agir *"porque o si-*

lêncio tornou-se intolerável".³⁷

Diante da realidade desumana nenhum homem pode ficar indiferente, nem tampouco procurar salvar só a sua pessoa, mas engajar-se visando criar condições que permitam *"a estes proscritos serem recolocados em face de sua vocação, com um mínimo de liberdade material"*.³⁸

A consciência e tomada de posição rompendo com o *"status quo"* não se limita a um desligamento, mesmo prático. Pressupõe a ação concreta que propicie instrumentos apropriados e liberdades eficazes que permitam ao indivíduo viver e contribuir para essa sociedade humana.

Daí as estruturas de um regime personalista obedecerem a uma dupla orientação:

- *"jamais fazer de uma só pessoa uma vítima de seu peso ou seu instrumento de tirania"*.³⁹ Não permitir a invasão de indivíduos ou instituições no âmbito propriamente pessoal, quer no domínio privado, quer no público. Os limites necessários devem atender às exigências naturais e àquelas da ordem pública de um regime moderado de controle, revisão e progresso;

- dar a cada ser humano *"os instrumentos e as liberdades eficazes que lhe permitem realizar-se como pessoa"*.⁴⁰ Revisar a vida coletiva que se desenvolveu muito rapidamente sem a preocupação com a pessoa, portanto, contra ela. Impregnar a engrenagem da sociedade do respeito à pessoa, promovendo aí ao máximo *"a iniciativa, a responsabilidade, e a descentralização"*.⁴¹

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹MOUNIER, E. Lettre à Jacques Lefrancq. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1963. v.4, p.416.

²_____. Révolution Personnaliste et Communautaire. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1. p.133.

³_____. _____, p.132.

⁴_____. Lettre à Jacques Chevalier. v.4, p.471.

⁵_____. Lettre à Jacques Chevalier. v.4, p.433.

⁶MOIX, C. O pensamento de Emmanuel Mounier. Trad. Marcelo Simões. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. p.10.

⁷SEVERINO, A.J. Pessoa e Existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1983. p.5.

⁸_____. _____, p.6.

⁹MOUNIER, E. Lettre à Paulette Mounier. v.4, p.775.

¹⁰_____. Lettre à Paulette Mounier. v.4, p.777.

¹¹_____. Traité du Caractère. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.2, p.564.

¹²_____. Lettre à Jean-Marie Domenach. v.4, p.817.

¹³_____. Le Personnalisme. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1962. v.3, p.458.

¹⁴_____. Introduction aux Existentialismes. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1962. v.3, p.114.

¹⁵_____. Lettres à ses parents. v.4, p.730.

¹⁶RICOEUR, P. História e Verdade. Trad. F.A. Ribeiro, Rio de Janeiro, Forense, 1968. p.12.

¹⁷_____._____, p.12.

¹⁸_____._____, p.12.

¹⁹_____._____, p.137.

²⁰_____._____, p.12.

²¹MOUNIER, E. Révolution Personnaliste et Communautaire, p.151.

²²_____. Le Personnalisme. p.510.

²³_____._____, p.510.

²⁴_____. Qu'est-ce que le Personnalisme? p.183.

²⁵_____._____, p.183.

²⁶_____._____, p.183.

²⁷_____._____, p.183.

²⁸_____._____, p.183.

²⁹RICOEUR, P. _____. p.137.

³⁰_____._____, p.138.

³¹MOUNIER, E. Révolution Personnaliste et Communautaire. p.148.

³²_____._____, p.148.

³³_____._____, p.149.

³⁴_____._____, p.149.

³⁵_____._____, p.152.

³⁶_____._____, p.152.

³⁷_____._____, p.152.

³⁸ MOUNIER, E. Manifeste au Service du Personnalisme.
In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1, p.548.

³⁹ _____, p.548.

⁴⁰ _____, p.548.

⁴¹ _____, p.548.

2.^a P A R T E

EDUCAÇÃO: PROPOSTA DO HOMEM PARA O HOMEM

A EDUCAÇÃO EM MOUNIER

Atualidade do pensamento de Mounier

As condições e limites à realização da educação dependem das situações históricas, e a reflexão sobre a realidade constatou uma crise "*epocal*" de civilização. Grandes mudanças, invenções, descobertas contrastando com a miséria das massas, expressão cabal do desrespeito à pessoa.

Mounier também viveu numa época de crise e, a partir da reflexão-ação sobre esse fenômeno, elaborou o Personalismo. Daí o interesse em buscar na Filosofia personalista perspectivas que possam servir como alternativas para a solução dos problemas da educação hoje.

Afasta-se qualquer veleidade de copiar ou reviver Mounier, o que seria traí-lo, mas tenta-se levantar as grandes intuições do Personalismo que são atuais na medida em que respondem às necessidades do presente.

A partir da introdução ao pensamento de Mounier sobre educação, aborda-se a Antropologia Personalista base da Pedagogia, sem pretensão de esgotar o assunto.

O Personalismo tem como principais instituições educativas a Família e a Escola, e estas são expressões da cultura e dos valores vigentes.

Mounier considera a educação o **despertar** da pessoa, a

aproximação ao mistério pessoal, que se revela progressivamente, nunca de maneira definitiva, pois a pessoa enquanto existe é possibilidade de ser, de mais-ser.

Esse despertar se dá por apelos que a pessoa escuta e responde na comunidade, com ela e por ela.

A educação como tal não existe, e sim pessoas educáveis, em processo de educação, processo-projeto de humanização do homem todo e da comunidade.

A pessoa se humaniza através da educação numa vivência de *"autocriação, de comunicação e de adesão, que em ato, como movimento de personalização, alcançamos e conhecemos"*.¹ Jamais de maneira acabada, pois o projeto pessoal é processo que permeia toda a existência, cujo termo só pode ser colocado pela morte.

"A esse empreendimento ninguém pode ser constrangido, (...) mas quem se recusa, perde o seu sentido como se perde a sensibilidade de um órgão que já não funciona".²

Esse processo-projeto de *"formação da pessoa no homem e do homem nas exigências individuais e coletivas do universo pessoal começa no nascimento"*³ e acompanha o ser humano durante toda a vida, com características próprias em cada etapa da existência e suas circunstâncias. É preciso aprender a ser criança, a ser jovem, como a ser adulto. Cada nova etapa da existência supõe aprendizagem e, depois de uma certa idade, tal situação compreende as influências positivas e negativas das experiências anteriores.

MOUNIER coloca a questão do fim da educação e ao responder a ela descortina amplos horizontes.

"Por definição, uma pessoa suscita-se por apelos; não se

fabrica domesticando."⁴ Em decorrência, o fim da educação consiste em **despertar** e não em fazer pessoas, afastando qualquer idéia de domesticar, moldar, esculpir, ligada à educação.

Esse despertar do homem compreende duplo movimento: **acordar** e **assumir**. Despertar supõe sair do sono, da inconsciência, do estado de torpor, de massificação, da alienação de toda espécie. *"Tomar consciência é atitude que implica combate, e o mais duro combate do ser espiritual é a luta constante contra o sono da vida e contra essa embriaguez da vida que é o sono do espírito."*⁵

Acordar, preocupação constante dos existencialistas - sair do mundo das aparências, do *"se"* (Heidegger), do *"estético"* (Kierkegaard), do *"divertimento"* (Pascal).

Acordar o homem inativo, de consciência sonolenta, o indiferente que passa ao lado das coisas sem percebê-las, *"ao lado dos homens sem escutar seus apelos"*.⁶

A pessoa acorda para assumir o que **é**, a realização do projeto de sua existência pessoal, desenvolvendo todas as dimensões do ser humano: individual, social, coletiva, eliminando qualquer adestramento.

É um despertar que exige empenho pessoal, não se restringe ao intelecto e nem ao individual. É apelo à **conversão total da pessoa**, unindo-se para se assumir e assumindo-se para se doar.

Tal processo inclui várias e sérias implicações: a tomada de consciência do que se **é**, fazendo-se; a responsabilidade em relação à sua originalidade e singularidade, por ser única, diferente de todos os outros; a humildade, por constatar sua semelhança com os demais seres da família humana; a atenção ao es-

paço e tempo em que vive, pois estes, enquanto lhe permitem ser, também pesam sobre sua pessoa; a consciência de seu lugar social na cidade dos homens; influindo em sua cosmovisão; o assumir a posição de "administrador" do universo, a serviço de todos os homens e sua abertura para o Absoluto.

A pessoa é **sujeito** da educação. E sua transcendência implica que a pessoa não pertence a mais ninguém senão a ela mesma.

A criança, sendo **sujeito**, não é propriedade da família, do Estado ou de qualquer outra instituição. Mas como "*não é sujeito puro, nem sujeito isolado*",⁷ insere-se em coletividades e nelas e por elas se forma.

MOUNIER, ao desenvolver o tema da **educação da pessoa** e ao apresentar os "*princípios de uma educação personalista*", alerta para o fato de que toda civilização que deseja favorecer o desabrochar da pessoa ou submetê-la, se ocupa da educação como "*obra essencial que começa no despertar da pessoa: desde a infância*".⁸

Daí a importância que o Personalismo atribui às instituições educativas, as que administram a vida privada, pois está convicto de que **não há neutralidade** em educação.

Enuncia-se a importância e imbricação da Antropologia, Educação e Política. Entretanto, sem ignorar a dimensão política, este estudo visa especificamente à **educação** e sua relação com a Antropologia. A dimensão política do Personalismo tem sido bastante estudada. A título de ilustração, cita-se a obra deveras interessante do brasileiro Aloisio Ruedell "*LIÇÕES POLÍTICAS PARA A AMÉRICA LATINA. Um estudo do pensamento político de E. Mounier*".⁹ Aí se encontra certa afinidade com este tra-

balho. A análise da realidade da América Latina também é calcada nos documentos da Igreja Católica nos últimos decênios.

Para MOUNIER *"a educação não pode ter como fim moldar a criança ao conformismo dum meio familiar, social ou estatal, nem se restringirá a adaptá-la a função ou papel que futuramente possa vir a desempenhar quando adulto"*.¹⁰

É a afirmação da supremacia da pessoa diante de qualquer meio, proposta ou estratégia.

A educação *"tem por missão despertar pessoas capazes de viver e de se engajar como pessoa"*,¹¹ preparando-as progressivamente para o uso de sua liberdade e o sentido de suas responsabilidades, opondo-se a todo regime totalitário da família, da escola ou do Estado, que podem esterilizar a iniciativa da criança quando a habituem a decidir por delegação, a agir sob ordens.

A educação personalista possui uma visão global, abrangendo todas as dimensões da vida humana. É total sem ser totalitária, é espontânea e é livre sem ser lassa. Não basta desenvolver no homem e ao redor dele o máximo de consciência, de sinceridade; importa, igualmente, assumir o máximo de responsabilidade e transformar o máximo de realidade à luz das verdades que temos conhecido. Esta educação é um apelo ao despertar para a conversão total da pessoa, para a Revolução Personalista e Comunitária. Mounier denomina revolucionária a conversão integral do homem e a vontade de reconstrução total da civilização.

A educação como despertar não significa um desabrochar espontâneo; já se mencionou a necessidade do esforço pessoal, agora afirma-se a importância da ajuda para esse acordar. *"A educação da criança é uma aprendizagem da liberdade através da*

colaboração da tutela e de suas potências espontâneas."¹²

A missão da família junto à criança é de "*tutora de sua vocação*".¹³ Empenhando-se nessa missão sem ilusões, não idealizando a infância, mas ciente de que é nessa fase que se pode aprender e preservar o homem antes que ele tenha desaprendido a liberdade, a gratuidade, o abandono.

*"Cada infância protegida, fortificada (....) encaminhada até a idade adulta é uma fonte que nós preservamos."*¹⁴

Contra o liberalismo que deixa a criança à mercê dos determinismos de seus instintos, de seu meio, a pretexto de não intervir, a educação personalista é **intervencionista**, entendendo por isso a atitude que colabora com a pessoa na construção de seu projeto, tendo como fim constante o desenvolvimento da pessoa como tal, evitando qualquer atitude semelhante a talhar, moldar... como se a educação partisse do "*tutor*" que não mais exerceria a função de tutela e passaria a agir como autor principal da educação.

Esse apelo ao despertar deve levar progressivamente ao autoconhecimento e à auto-aceitação porque não pode haver eficácia para a pessoa fora dos caminhos e limites que lhe são assinalados.

As regras que orientam a formação do próprio caráter respondem às que dirigem o comportamento em relação ao caráter do outro. Compreender e aceitar o caráter do outro é o caminho imprescindível para aproximar-se do seu mistério. Tal atitude obriga o sujeito a sair de seu egocentrismo e a estabelecer os fundamentos duráveis de uma vida em comum.

Portanto, a educação, ao **despertar** a pessoa, deve acolhê-la, respeitando-a, pois toca o "*não existencial*", e aproxi-

ma-se do "*mistério pessoal*".

Antropologia Personalista

Ao abordar o conceito de pessoa em Mounier, tema central de seu pensamento e, conseqüentemente, do Personalismo, verifica-se que ele foi da pessoa ao Personalismo.

Pessoa é o pano de fundo sobre o qual se desenrola toda a Revolução Personalista e Comunitária.

Mounier, ao elaborar sua antropologia, não visa apenas ao estudo teórico, quer combater pelo homem.

Com reverência, cautela, humildade, desenvolve seu estudo; é significativo o título "*Aproximações ao mistério pessoal*", primeiro capítulo do "*Tratado do Caráter*". É tateando que se aproxima do **mistério pessoal**, pois o que se conhece deixa antever o quanto ainda se desconhece.

É elucidativa a análise que Claudel faz da palavra conhecer, em francês - "*connaître*". A tentativa de conhecer alguém implica em "*connaître*", nascer-com-ele, isto é, refazer sua história pessoal, que se constrói até o último momento da existência.

A pessoa não é uma arquitetura imóvel, sua estrutura é mais semelhante a um desenvolvimento musical, está sempre no tempo, e, sob sua aparente imobilidade, "*ela guarda uma arquitetura axial feita de temas permanentes e de uma regra de composição*".¹⁵

Defronta-se com a pessoa sem jamais apanhá-la, "*sempre presente, nunca se nos oferece, sem ser indizível é a única realidade que conhecemos e fazemos ao mesmo tempo de dentro*".¹⁶

A dialética personalista apresenta-se aí em toda a pu-

jante beleza. Busca dramática da verdade entre opostos, transcendência mantendo equilíbrio dinâmico, dimensão pessoal completada na comunitária, estrutura pessoal exigindo estruturas sociais humanas.

Mounier é apaixonado da pessoa, sabendo que é uma experiência rica, exprimindo-se por criação incessante, portadora de **recursos indefinidos**. Nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a escraviza; entretanto, não se cansa de explorar o assunto em todas as dimensões, sem esquecer nenhuma faceta ou detalhe, quase tentando esgotá-lo.

Avalanche de temas se sucedem, se entrelaçam, se completam.

Embora o Personalismo só possa ser conhecido a partir da pessoa, centro de sua profunda reflexão, Mounier não chega a defini-la.

Impedem-o duplo motivo:

- "*não é um objeto*"; portanto, não é atingida numa primeira tentativa e nunca é atingida perfeitamente. Existe para desabrochar e não para permanecer;

- concomitantemente é autoconhecimento e auto-realização. Só pode ser conhecida vivendo-se a **experiência pessoal**, jamais se acha perfeitamente realizada, é um vir a ser constante.

Estes dois elementos estão intrinsecamente ligados.

Eis "*o paradoxo central da existência pessoal: é o modo especificamente humano de existir e, no entanto, deve ser incessantemente conquistada*".¹⁷

Em "*Revolução Personalista e Comunitária*", coletânea de artigos publicados em ESPRIT entre 1932-1933, portanto nas pri-

meiras obras, Mounier pergunta:

- O que é uma pessoa?

E começa por dizer o que ela não é.

*"Não é indivíduo" - este é "dispersão da pessoa na matéria (....), é dissolução da pessoa. Indivíduo é amor das singularidades, a reivindicação, o egocentrismo, a avareza".*¹⁸

Pessoa não é a consciência que alguém tem de si mesmo. Basta aprofundar a reflexão para que se encontrem, sem dúvida, inúmeros personagens. Existem realmente, cada homem o representa ou representou, acredita ser ou gostaria de ser.

Personagem não é pessoa: é apenas a centelha alimentada por uma chama ardente e invisível do núcleo pessoal; entretanto, é capaz de extrapolar a própria função, aparentando a globalidade da pessoa quando é apenas uma simples faceta.

Não é personalidade: esta é apenas um ângulo da expressão da pessoa, portanto incompleta - é esta falha constante que existe, em cada um a todo momento, o substituto da pessoa, *"compromisso entre o indivíduo, os personagens e as aproximações mais sutis de nossa vocação pessoal"*.¹⁹

*"PESSOA é domínio, escolha, formação, conquista de si, doação. É uma **unidade** dada, não construída, mais vasta, mais interior que as construções que eu tento (...) Ela é uma **presença** em mim, permanência aberta."*²⁰

Podemos perceber a ordem da pessoa em sua tensão fundamental. *"É constituída por um duplo movimento aparentemente contraditório, mas na realidade dialético: um, a afirmação do absoluto pessoal irreduzível, e outro, a edificação da unidade universal no mundo das pessoas."*²¹

A constatação da unidade de pessoas leva à questão: em

que se baseia essa unidade?

Não pode ser na identidade, pessoa é única, não se repete, é unidade da humanidade no tempo e no espaço, baseada na natureza humana.

A idéia do gênero humano com uma história e destinos coletivos, da qual não pode ser separado nenhum destino individual, gera o sentido da humanidade una e indivisível, alicerce para a igualdade e subsequente justiça entre os homens.

Por isso a unidade da humanidade é uma das idéias-chaves do Personalismo.

A experiência pessoal, singular, deve levar à descoberta de outras experiências pessoais, sem o que a individual não se realizaria.

A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa.

O **eu** só se conhece e se realiza quando se abre para o **tu** construindo o **nós**. É a dimensão comunitária da pessoa.

Impulsionada pelo dinamismo interno e externo, descobre-se a si mesma, ao outro e ao mundo. E nesse movimento de personalização ela deve construir-se, humanizando o mundo e criando a comunidade humana.

*"A vocação suprema da pessoa é divinizar-se divinizando o mundo, personalizar-se sobrenaturalmente, personalizando o mundo, seu pão cotidiano... é hora por hora criar próximos ao redor de si."*²²

Ao procurar **fazer-se**, a pessoa estará **fazendo** a humanidade. Evidencia-se a importância da **COMUNICAÇÃO** - experiência fundamental da pessoa-, contrariando a opinião de muitos para quem essa experiência reside na **originalidade**, **auto-suficiência**,

afirmação solitária.

Por natureza pessoa é comunicável, dependente da comunicação; quando esta é "enfraquecida, o **alter** torna-se **alienus**, torno-me estranho a mim próprio, alienado".²³ Estas verdades são "o próprio **PERSONALISMO**, a ponto de podermos dizer que há pleonismo quando se designa a civilização por ele visada por **PERSONALISTA E COMUNITÁRIA**".²⁴ Só a indigência da linguagem obriga a este duplo adjetivo, pois a comunidade é dimensão indispensável da pessoa.

- Estruturas do Universo Pessoal

A definição de pessoa cria um dilema para Mounier:

- impossibilidade, por ser a presença mesma do homem, e
- exigência de precisão por ser tema central da Filosofia Personalista, base de suas reflexões.

A suprema característica não é suscetível de definição rigorosa, entretanto MOUNIER apresenta uma designação suficientemente precisa.

UMA PESSOA É UM SER ESPIRITUAL CONSTITUÍDO COMO TAL POR MEIO PARTICULAR DE SUBSISTÊNCIA E DE INDEPENDÊNCIA EM SEU SER, ELA SE MANTÉM POR ADEÇÃO A UMA HIERARQUIA DE VALORES LIVREMENTE ADOPTADOS; ASSIMILADOS E VIVIDOS, POR ENGAJAMENTO RESPONSÁVEL E CONSTANTE CONVERSÃO; ELA UNIFICA ASSIM TODA SUA ATIVIDADE NA LIBERDADE E DESENVOLVE POR MEIO DE ATOS CRIADORES A SINGULARIDADE DE SUA VOCAÇÃO.²⁵

Logo após esta designação, Mounier apressa-se em dizer que, mesmo tentando ser completa, densa, não passa de uma pseudo-definição. Pois a pessoa, sendo a presença mesma do homem, sua característica última não é suscetível de definição rigorosa.

A pessoa só se revela na experiência decisiva, proposta à liberdade de cada um, que nenhuma noção pode dispensar - **a vida pessoal**.

A pessoa é o centro de reorientação do **universo** objetivo, e não um objeto que se separe, se observe. Impõe-se a apresentação desse **universo**, para iluminar as estruturas em seus diversos planos. Esses são incidências diferentes sobre uma mesma realidade que é, que se faz. A verdade de cada um só existe quando em união com todos os outros.

O *"Manifesto ao Serviço do Personalismo"* (1936) estuda a pessoa sob diversos prismas, procurando contrapor o individualismo à noção de **pessoa**. No capítulo *"O que é o Personalismo?"*, os aspectos do **universo pessoal** são apresentados em cinco planos distintos, complementares.

ENCARNAÇÃO E ENGAJAMENTO. Pessoa e Indivíduo.

A pessoa é submersa na própria natureza, transcendendo-a. Ao assumi-la, personaliza-se; ao contrário, despersonaliza-se quando assumida.

INTEGRAÇÃO E SINGULARIDADE. Pessoa e Vocação.

Pessoa é vocação. Procura de unificação de tudo o que tem e é, evidenciando sua singularidade por acréscimo.

ULTRAPASSAGEM. Pessoa e Despojamento.

"O homem ultrapassa o próprio homem." Pessoa é *"pro-jeto"* sobre o futuro, sempre mais além da objetivação. Não é apropriação das riquezas adquiridas, mas despoja-se ao ultrapassar-se.

LIBERDADE. Pessoa e Autonomia.

A pessoa se faz livre. A liberdade não é entregue, mas adquirida. A liberdade não é espontaneidade, nem indefinição,

mas adesão, engajamento.

COMUNHÃO. Pessoa e Comunidade.

A pessoa só se encontra quando se dá. A dimensão comunitária é o outro pólo da dimensão individual, é o realizador da dialética personalista.

Esses cinco aspectos do **universo pessoal** são retomados na obra "*O Personalismo*" (1949), com desdobramento de temas, enriquecidos na reflexão-ação.

Quanto à evolução de seu pensamento, Mounier já havia esclarecido. Afirma ele: "*o autor, ao reler sua obra, nada tem que negar. Mas seria anormal e inquietante que dez anos de experiência e reflexão passassem sobre um pensamento sem ao menos modificar parcialmente o enfoque enriquecendo-o de perspectivas novas*".²⁵

Portanto, a flexibilidade e adequação do Personalismo não se fixa esclerosadamente, mas tenta acompanhar a evolução da história.

Eis os novos enfoques ou explicitações.

COMPROMISSO - que possibilita e torna fecunda a ação. Não ter receio de "*sujar as mãos*", visando à eficácia da ação.

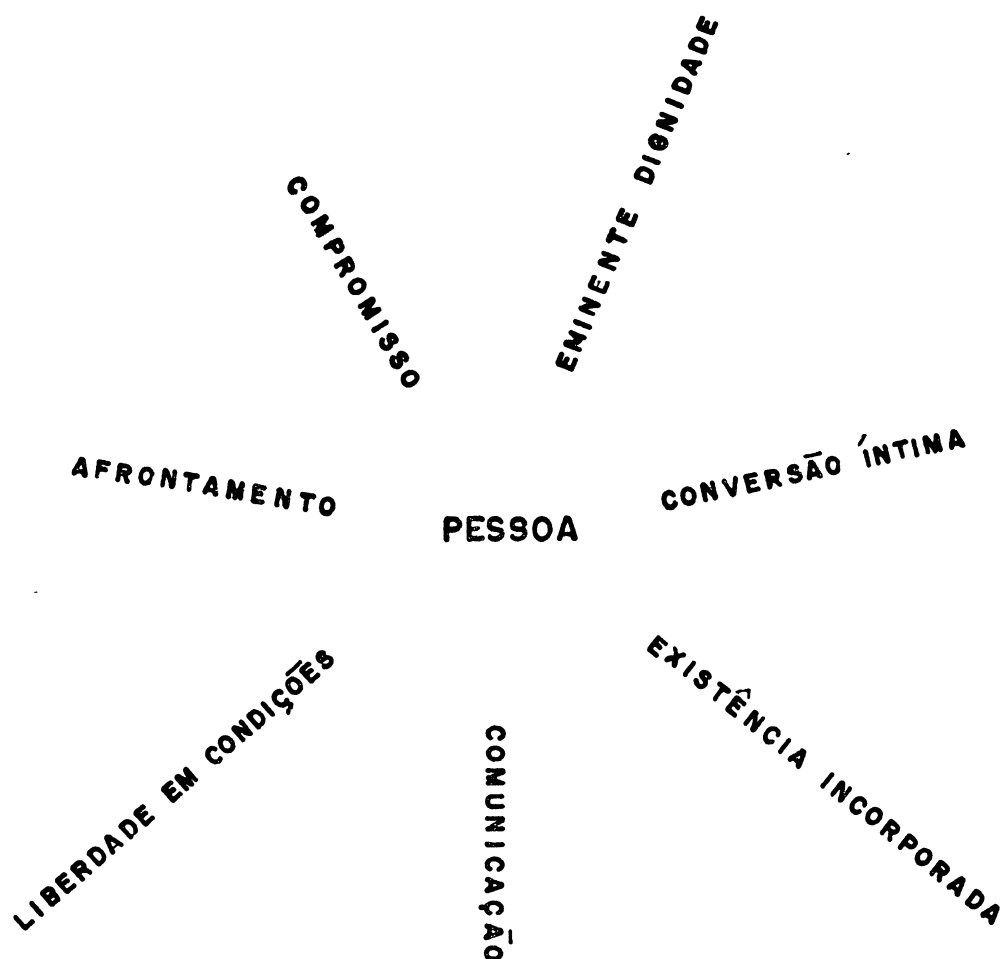
AFRONTAMENTO - correr risco, **pôr-se**, "*ex-por-se*" aceitando ou rejeitando para obter a liberdade.

LIBERDADE EM CONDIÇÕES - A pessoa é livre condicionalmente, deve aceitar os limites impostos pela natureza, circunstâncias, guardando sempre a liberdade de espírito.

COMUNICAÇÃO - Experiência primitiva da pessoa. A pessoa só existe na medida em que existe para os outros.

EMINENTE DIGNIDADE - "*Sou mais do que minha vida*." (G. Marcel). Pessoa é personificação dos valores; é movimento dialé-

tico no tempo, projetando-se na eternidade já começada. Engaja-se consigo mesma, com sua história pessoal e a da humanidade, como resposta a um apelo transcendente que a dignifica, imprimindo-lhe força ascensional.



As estruturas do universo pessoal clarificam, sem esgotar, a concepção de pessoa. Pois a realidade é por demais complexa, nenhum espírito está mais ligado, e tão diversamente quanto o seu, ao mundo da matéria, ao de seus semelhantes e a todo um universo mal conhecido de realidades espirituais.

Entretanto, a participação neste tríplice relacionamento proporciona ao homem supremacia sobre toda a criação, sobre o universo. São esses relacionamentos que permitem ao homem humanizar-se: com o mundo da matéria que está sob ele e ao qual deve levar a chama divina; com o de seus semelhantes que "*co-lateralmente*" esperam seu amor para a construção do destino comum; e acima dele com a totalidade do espírito, que se oferece ao seu acolhimento ao atraí-lo para além de seus limites.

Participar de mundos distintos, opostos, e ter que integrá-los não numa sujeição, mas num equilíbrio unificador e hierarquizante é desafio e programa para toda vida, pois, a cada etapa da caminhada, a unidade deve ser "*re-feita*".

Toda a amplitude de sua vida é coberta pelo tecido das tríplexes relações, assegurando ao homem sua característica peculiar de **ser social por essência**.

Mounier chama de materialismo todas as tentativas do homem para renunciar a uma de suas três missões de ser espiritual.

Daí seu humanismo ser aberto ao que está fora e acima do homem, pois ele está "*inserido, envolvido e dominado, ele é apenas uma parte, um eleito da realidade espiritual, ele não aprisiona o espírito, ele é devotamento ao espírito*".²⁷

À medida que se aproxima do **mistério pessoal** a complexidade se amplia.

"A pessoa é o volume total do homem. É um equilíbrio em

extensão, largura e profundidade, uma tensão entre as suas três dimensões espirituais."²⁸ Uma dimensão encarna-se ao subir das profundezas; outra eleva-o ao dirigir-se para o alto, e uma terceira, estendendo-se para os lados, propicia a comunhão.

Essas três dimensões são o resumo do **universo pessoal**: **Vocação, Encarnação, Comunhão**, que, atendendo à dinâmica própria da formação da pessoa, deve construir-se harmoniosamente.

Essas dimensões dependem de três exercícios essenciais:

- a meditação, em busca da **VOCACÃO**;
- o engajamento, reconhecimento da própria **ENCARNAÇÃO**;
- e o despojamento, iniciação ao dom de si e à vida em outro: **COMUNHÃO**.

Desde que o **universo pessoal** é resumido por Mounier nessa tríplice dimensão, sua abordagem motiva a busca sempre a caminho da compreensão da **pessoa**.

VOCACÃO - Pessoa é vocação, do latim **vocare** - chamado, apelo que o homem passa a vida toda a ouvir, no mais profundo de si mesmo e a que procura responder realizando-se na unificação de tudo que tem e é.

A **conversão**, processo dinâmico e complementar da comunicação, tem por ideal a integração da unidade pessoal que evidenciará a singularidade de cada ser humano.

Este complexo processo dialético tem como condição básica a experiência pessoal. É intransferível, ninguém pode ser substituído, pois a pessoa é a *"única realidade que ao mesmo tempo conhecemos e construímos de dentro"*.²⁹ Sempre inacabada, sempre em tensão, cujo ponto de gravidade é o futuro.

A pessoa se revela a si mesma não como fenômeno mais ou menos necessário e sim como ato responsável proposto à liber-

dade de cada um, numa experiência progressiva de vida, a vida pessoal, que noção alguma pode dispensar.

Essa vivência consciente e livre é apelo à exigência de engajamento, ninguém pode ser constrangido, pode-se viver como **coisa** embora não o seja; entretanto, uma vida coisificada terá sempre o aspecto de demissão, de inautenticidade, de alienação.

A vida consciente implica na escolha para ser e, à medida que a pessoa se descobre, o **eu** se firma; entre a profusão de possibilidades ela escolhe ser uma, renuncia à quantidade para reforçar a qualidade, assumindo uma história pessoal.

*"Num movimento vindo das profundezas, a pessoa se gera a si mesma progressivamente, por suas escolhas."*³⁰

A vida pessoal compreende três momentos complementares, que são os movimentos de:

- interiorização: recolhimento às zonas mais silenciosas e profundas do ser;
- exteriorização: adaptação à totalidade do mundo ao redor;
- ultrapassagem: que permite o desabrochar do homem total e o seu equilíbrio, ultrapassando, transcendendo os dois movimentos anteriores, impedindo-os de se radicalizarem e se dissolverem num processo de despersonalização.

A vida pessoal deve inventar e manter uma coesão e equilíbrio entre essas três solicitações do **eu**, que não são as mesmas para todos.

Essa afirmação do **eu** é dinâmica, progressiva descoberta da realidade enriquecedora, *"re-velando"* ao homem sua situação no mundo. Conscientiza-o da dependência da matéria que não é

servidão, da vida imediata, da exterioridade, da dispersão.

À procura da pressentida unidade, rompe contatos, toma "*de-cisões*", interioriza-se.

Num primeiro contato a vida pessoal é um movimento de fuga, entretanto, não se restringe a isso. O mais importante não é a fuga, mas a concentração de forças.

A **concentração** visa a uma "*re-tomada*" do homem sobre si mesmo, não só das coisas, porém das "*múltiplas projeções do eu, onde me dispersei no mundo*".³¹ Não é só recolhimento, mas também aventura para descoberta, desconhecendo antecipadamente os limites e os dramas.

Nessa concentração o homem como que traz para dentro de si a exterioridade das coisas e de si mesmo, interioriza-as numa reflexão profunda. Presente a si mesmo, o homem pode personificar-se e personificar, apropriando-se; propicia ao **ter** enriquecer o **ser**, o saber tornar-se cultura, a estima, amizade.

Toda vida pessoal está ligada a um certo **segredo** e a uma dimensão de privacidade oposta a vidas escancaradas, como livros abertos. O tema do **segredo** evoca o do **pudor** - afirmação do que a pessoa não quer ser esvaziada em suas expressões.

O pudor físico proclama que "*sou infinitamente mais do que esse corpo olhado, alcançado*",³² e a pessoa envergonha-se por aparentar não ser mais do que isso; o contrário do pudor é a **vulgaridade**.

O pudor, como o segredo, também possui suas falsidades, assim como a intimidade, que pode ser fuga, demissão, omissão. Também a meditação corre o risco de degenerar em introspeção mórbida, a interiorização em solidão avara e estéril; o **ter**, pensar sobre o **ser** e o possuidor ser possuído por seus bens.

Daí surge a necessidade de um outro movimento que engendra a dimensão complementar da pessoa, a exteriorização. O que foi interiorizado, personalizado, deve ser aplicado no mundo exterior, concretizado.

A conversão de forças, progressivamente, leva ao ato próprio da pessoa, que é a **unificação**, em todos os seus atos, e por eles os personagens e estados são catalisados.

Essa unificação não é sistemática e abstrata, mas descoberta progressiva de um princípio espiritual de vida que não reduz o que integra, mas o salva, o completa, recriando o interior.

*"Este princípio vivo e criador é o que chamamos em cada pessoa sua **VOCAÇÃO**."*³³

A pessoa une-se para se encontrar *"e a seguir expõe-se para se enriquecer e se tornar a encontrar (....) a vida pessoal, sístole e diástole, é a procura até a morte de uma unidade pressentida, desejada, nunca realizada"*.³⁴

A vocação da pessoa não tem como primeiro valor o ser **singular**, ela o é por acréscimo. O fim da pessoa é de qualquer maneira interior; sendo singular, é a procura ininterrupta desta vocação.

Portanto, não é o encontro de algo acabado, estático, mas concomitantemente dinamismo de encontrar e construir, produzir e buscar.

Pessoa é vocação, *"pro-jeto"* dinâmico em realização. E não como uma idéia tal, que só precisaria ser encontrada, decifrada e realizada.

A vocação transcende a existência; entretanto, o mistério da liberdade permite à pessoa talhar-se por si mesma, em co-

laboração com a intenção divina. Ela avança, recua, desvia, acelera... conforme as respostas que der aos acontecimentos. O último traço só será dado com a morte.

A vocação compreende o desenvolvimento dos talentos naturais, das iniciativas espirituais e, também, os fracassos temporais. É inimaginável em perspectiva cristã uma vocação que não integre qualquer coisa da grandeza do fracasso.

Vocação não se restringe ao movimento linear de descobrir-se, construir-se, integrar-se... Inclui momentos de perplexidade, dúvida, desafio, para acolher, aceitar como atributo à realização, integrando até os próprios fracassos.

Esse dinamismo implica em **risco**, mas, se não correr o risco para ser, estará correndo o **risco de não ser**. Mounier cita a frase de Nietzsche, "*gosto das pessoas que não se conservam*", e faz uma bela comparação. Os animais medrosos procuram proteger-se com grossas cascas, escondendo-se; ostras, moluscos, acabam por viver de restos; o peixe que aceitou o desafio sem defesa, mergulhou na vida, rasgou caminho, sendo uma das etapas do **Homo sapiens**.

O orgulho de ser pessoa se conquista, e a trajetória desta vida só se encontra na estrutura íntima do ser.

O movimento de ir sempre mais longe, que mantém o equilíbrio entre interioridade-exterioridade, é a **ultrapassagem ou transcendência**.

O centro de gravidade da pessoa é o futuro, ela é lançada para fora de si mesma, o homem ultrapassa o próprio homem.

A **transcendência** é para a pessoa como a velocidade para o avião e a bicicleta. Só se mantém com um mínimo de força ascensional.

Nesse movimento contínuo, a cada momento procurando fazer-se, como garantir a permanência, encontrar a pessoa?

A pessoa é "... *côerência mutável, só pode ser conhecida por uma psicologia do ato, e do ato pessoal*".³⁵ Se fosse absoluta identidade, seria imóvel, morta.

É o ato contínuo de engajamento que permite ao **eu** ser idêntico. O **eu** é idêntico como se é constante, fiel, numa atitude comprometedora em que cada ato ratifica a posição assumida.

*"A constante do eu consiste em manter, sustentar a tensão dialética, dominar crises periódicas... de cuja história acidentada se depreende um destino."*³⁶

A pessoa, singular pela vocação, descobre outras singularidades, parcelas de plenitude reunidas na humanidade. A grandeza da pessoa, que lhe confere a dignidade de um universo, é também a razão da sua humildade, porquanto todas as pessoas se equivalem nessa dignidade.

No movimento dialético **ad extra** e **ad intra**, a pessoa faz sua história na história da humanidade, realiza a singularidade na escuta do chamado silencioso que passa a vida toda a traduzir, que no mais íntimo do ser é um apelo a ouvir, uma exigência a realizar, uma unidade a criar.

Outra dimensão da pessoa é a **ENCARNAÇÃO**, que possibilita a imanência e a transcendência da pessoa.

O paradoxo da pessoa é permanente por ser ela constituída por opostos que deve integrar num equilíbrio em movimento, nunca atingido definitivamente.

Na dimensão da **encarnação** essa bipolaridade se manifesta como: indivíduo-pessoa; corpo-espírito; natureza-transcendência; de-

terminismo-liberdade; despersonalização-personalização.

A compreensão desses binômios é oferecida pela afirmação - *"nessa oposição de indivíduo e pessoa, é preciso ver uma bipolaridade, uma tensão dinâmica entre dois movimentos (....) um de dispersão e outro de concentração. Isto é, a pessoa, no homem, é (....) misturada à sua carne transcendendo-a"*.³⁷

Atingir a pessoa, torna-se um desafio, pois dela não há uma experiência imediata. Na tentativa de aproximação da pessoa, depara-se inicialmente com o indivíduo. Entretanto, esta distinção não deve ser imobilizada numa imagem espacial; na pessoa tudo é, em diferentes graus, personalizado e individualizado, isto é, espiritualizado e materializado. Pois o homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente corpo e é integralmente espírito.

Da pessoa como espírito encarnado, é preciso dizer dela o que se diz dos dois mundos: o dos corpos e o dos espíritos. Como **corpo**, a pessoa está submetida às leis da matéria: espacialidade, temporalidade, opacidade, pluralidade; como espírito, realidade oposta ao corpo, não é espacial, não está encerrada em determinado movimento, nem no tempo, é feita para a eternidade.

A pessoa está mergulhada na matéria, transcendendo-a.

*"Existir subjetivamente, existir corporalmente são uma única e mesma experiência. Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio, ao mundo, aos outros."*³⁸

E o corpo, *"através das solicitações dos sentidos lança-me no espaço, através do seu envelhecimento ensina-me o tempo,*

*através da sua morte lança-me na eternidade".*³⁹ O corpo é o mediador onipresente da vida do espírito e a presença da pessoa no mundo, objetivando-a.

Impõe-se acabar com o dualismo: espiritualismo-materialismo; o homem, como ser natural, é o único capaz de ser natureza e não ser só natureza. O homem é um ser natural, através do seu corpo faz parte da natureza. E nele tudo é imbuído de terra e sangue; entretanto, a encarnação não é uma queda, mas permanente **ocasião** de alienação, pois tanto a miséria como a abundância esmagam a pessoa.

Só o homem, o menos armado e menos poderoso dos grandes animais, conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar.

A relação da pessoa com a natureza deve ser de transformação e progressiva personalização, impondo-lhe a soberania dum universo pessoal, que aí está como promessa a realizar. Consequentemente, a história do homem será a conquista progressiva desse universo.

Inicialmente, a consciência pessoal afirma-se assumindo o meio natural que passa a explorar, abrindo-o à ação criadora e livre; a um número crescente de homens, as mais altas possibilidades de humanização. É a força da afirmação pessoal que ultrapassa os obstáculos e dilata o horizonte, encarando a natureza como obra pessoal, suporte de toda a personalização.

As relações do homem com a natureza são de domínio e sentido, relações dialéticas de permuta e ascensão.

O homem, ao trabalhar a natureza, começa a humanizá-la. Para isso deve respeitar suas leis próprias e imprimir sentido humano às descobertas que abordam os segredos da matéria, da

vida, do mundo psíquico.

Aceitar a condição humana é aceitar o **engajamento** nas situações impuras e nos combates duvidosos.

A pessoa de alguma maneira sempre está engajada, a abstenção é ilusória.

O objetivo da ação é modificar a realidade exterior, formar a pessoa, aproximá-la de seus semelhantes e enriquecer seu universo de valores.

Toda ação deve atender mais ou menos a essas quatro exigências, porque *"é o homem todo que se debruça para beber em cada um de seus atos"*.⁴⁰

1. No **fazer** (*poiein*), o fim principal da ação é dominar e organizar uma matéria exterior. É a ação **econômica** - ação do homem sobre as coisas, do homem sobre o homem no plano das forças naturais e produtivas. É a ciência aplicada aos assuntos humanos da **indústria** no sentido mais amplo do termo. A **eficácia** é seu fim e critério. Tais operações devem atender às exigências humanas de dignidade e fraternidade no trabalho e não se restringirem à utilidade.

2. No **agir** (*prassein*), o fim principal da ação é a formação daquele que age, suas capacidades, virtudes, unidade pessoal. Esta zona de **ação ética** tem seu fim e sua dimensão na **autenticidade**.

3. A **teoria** (*teorein*) designa o aspecto da atividade que explora valores. Não depende só da inteligência mas do homem todo. *"Aspira a um reino de valores que abranja e desenvolva toda a atividade humana. Seu fim é a **perfeição** e a **universalidade** através de uma obra finita e de uma ação singular."*⁴¹

A ação **contemplativa** é desinteressada, não visa direta-

mente a organizar as coisas e os homens. Quando visa à eficácia direta, é **profética**, afirma a existência de um absoluto cujo sentido se perdeu sob o peso da rotina diária.

4. Dimensão **coletiva** da ação: a comunidade de trabalho, de destino, de comunhão espiritual são imprescindíveis à humanização integral, pois a pessoa não é isolada.

A validade da ação comunitária repousa na dependência do respeito à consciência particular, que amadurece através da consciência total e do drama integral da sua época.

Produzir torna-se uma atividade essencial da pessoa, desde que a produção seja uma atividade livre e libertadora, modelada a todas as exigências da pessoa.

A produção só tem valor quando visa ao seu mais alto fim: a instauração de um mundo de pessoas, e não se restrinja à organização das técnicas, acumulação de produtos, instalação pura e simples, necessárias, importantes, mas desde que submetidas ao objetivo primeiro - o mundo dos homens.

Aí encontra-se o sentido profundo do desenvolvimento técnico, ele depende do uso que os homens lhe conferem, pode ser e muitas vezes o é, poderosa força de despersonalização, mas com grandes possibilidades de ser instrumento de libertação do homem das servidões naturais e de reconquista da natureza.

A personalização da natureza encontra obstáculos, não é automática, e a cada momento deve enfrentar novas dificuldades e a escolha pessoal de cada homem, que também é conquista contínua. A matéria é rebelde e não somente passiva, e a liberdade se ressentida das amarras da natureza sempre que tenta seus vãos.

A perfeição do universo pessoal encarnado é perfeição

de uma liberdade que combate duramente.

A **liberdade** é sempre em condições, pois liberdade absoluta é um mito. Ser livre é aceitar os condicionamentos biológico, social, político, daí a liberdade expressar-se melhor como movimento. O homem livre é o que tem sua vida nas mãos e procura direcioná-la para um Bem maior.

A liberdade não é entregue, mas adquirida. A pessoa se faz livre para aderir, engajar-se.

A dimensão da pessoa como **encarnação** compreende a estreita ligação da pessoa espiritual e da individualidade material, condicionando o destino da pessoa ao atendimento das necessidades materiais.

O despertar de uma vida pessoal só é possível, fora das vias heróicas, a partir de um mínimo de bem-estar e segurança.

Desde que o atendimento à dimensão material prejudica também a espiritual, o primeiro dever de todo homem, quando milhões são prejudicados, impedidos da vocação de homem, não é salvar **sua** pessoa, mas engajar-se em toda ação que permita a esses proscritos serem novamente colocados diante de sua vocação com um mínimo de liberdade material.

Em todo problema prático deve-se assegurar a solução no plano das infra-estruturas biológicas e econômicas, para que as medidas dos outros planos sejam viáveis. Lembrando-se que o espiritual também é uma infra-estrutura.

O Personalismo afirma a **encarnação** da pessoa e o sentido de suas servidões materiais, sem negar sua transcendência ao indivíduo e à matéria.

A ciência e a reflexão revelam um mundo que não pode passar sem o homem, e um homem que não pode passar sem o mundo.

Outra dimensão do universo pessoal é a **COMUNICAÇÃO**, experiência fundamental da pessoa, ao contrário da opinião comum que julga ser a originalidade, a auto-suficiência ou a afirmação solitária.

A **comunicação** é vital para o homem e a humanidade. E, paradoxalmente, um olhar sobre o mundo constata o espetáculo da negação dessa afirmativa. A humanidade conhece mais a guerra do que a paz e, quando cessa a guerra, nem sempre ocorre o mesmo com a hostilidade e a indiferença.

Questiona-se o lugar da comunicação entre a guerra e a indiferença.

HEIDEGGER e SARTRE fazem temas de filosofia os fracassos da comunicação que visam à posse e submissão, transformando cada homem num tirano ou num escravo. Para eles o olhar, a presença dos outros, invadem o universo pessoal do outro, tolhem a liberdade, a escolha, a espontaneidade. O outro é uma ameaça.

Mounier reconhece que o mundo dos outros não é um jardim de delícias; pelo contrário, é provocação, risco, sofrimento, daí a posição do individualismo reagindo com atitudes de isolamento e de defesa. O que leva muitas vezes à oposição pessoa-indivíduo, correndo o risco de unilateralidade, negando o desafio constante do equilíbrio na complementaridade.

Realmente, enquanto o individualismo tenta centrar o indivíduo em si mesmo, o Personalismo procura descentrá-lo para colocá-lo diante das largas perspectivas abertas pela pessoa, que só cresce na medida em que se purifica do individualismo.

ANDREOLA afirma que *"para libertar os outros e o mundo, é preciso libertar-se, libertando os outros, em comunhão"*.⁴² Portanto, o processo-projeto pessoal de cada ser humano, exigên-

cia radical para todo homem, só acontece **no** e **com** o processo-projeto dos outros, reconhecendo as implicações da caminhada: perplexidades, desvios, obstáculos de toda ordem. Quem não corre o risco de **ser**, corre o risco de não-ser, que não é graduação na queda, mas deformação na própria personalização.

Eis a realidade, embora desafiante; a **comunicação** é de importância capital para integração da própria existência pessoal, e *"um dos paradoxos mais problemáticos da condição humana é a oposição a esta hostilidade radical instalada no coração do indivíduo, e a estrutura tão profundamente comunicativa da vida pessoal"*.⁴³

LORENZON afirma que a pessoa é *"essencialmente relação"*,⁴⁴ possuindo essa tendência inata em sua estrutura ontológica.

O **eu** necessita do **tu** para ser, o **outro** oferece a possibilidade do **eu** se **pôr** através da **oposição**, pois a experiência da segunda pessoa é a experiência primitiva. O **tu**, o **nós** precede ou acompanha o eu. No movimento *"de ex-por-se"* a pessoa é comunicável, o que implica em: sair de si, compreender, assumir o outro sendo solidária, dar, ser fiel. E esta dialética das relações pessoais aumenta e confirma o ser de cada um.

Aquele que escuta colabora no movimento de personalização do outro, ele o faz tornar-se pessoa, pois para ouvi-lo exige que o outro se expresse.

Reconhecer o outro, ao mesmo tempo semelhante e diferente, é fundamental para a pessoa e a comunidade, e recusar ou negar o outro pode ser expresso pela **desconfiança**, quando o outro torna-se sinônimo de ameaça, pelo **mutismo** *"uma das mais antigas reações de defesa do organismo vivo (....) simulação de morte em certos insetos"*.⁴⁵

O processo de hominização envolve dois movimentos que se exigem mutuamente: a **comunicação**, o "*ex-por-se*", permitindo o autoconhecimento, e a **conversão íntima** desse conhecimento, personalizando-o.

Evidencia-se a oposição do Personalismo aos Idealismos e Individualismos, proclamando a interdependência do sujeito que só possui aquilo que dá, ou a que se dá. Portanto, ninguém se salva sozinho, nem social, nem espiritualmente.

Desde a primeira infância, o ser humano é movimento para outrem. A criança acorda da vida vegetativa, descobrindo-se no outro num processo próprio de identificação, caminhada difícil e tateante de afirmação de si pelo outro, na expressão de MOUNIER - "*o eu em direção ao outro e o outro em direção a mim*"-, tema axial do Personalismo que seu autor desenvolve no capítulo "*O eu entre os outros*", no "*Tratado do Caráter*".

A pessoa só existe, se conhece, se encontra através do outro; esta dialética das relações pessoais anuncia e confirma o ser de cada um, levando MOUNIER a considerar que "*quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar*".⁴⁶

E o amor se concretiza no **diálogo**, que se desenvolve na vida da pessoa e da comunidade como afrontamento. O ser humano descobre-se em face do outro, que ele deve afrontar, interrogando-o.

O diálogo é uma tensão para o outro, saída de si, despojamento que não acontece naturalmente, exigência da vida pessoal que implica ascese.

À medida que o homem se personaliza, personaliza também suas relações fundamentais: com o outro, com a natureza e

com Deus.

A comunidade humana é o parceiro indispensável à personalização pessoal do ser humano; ela possui suas mediações que muitas vezes são desafios ao homem.

No fundo de cada pessoa humana existe uma necessidade vital de ter alguém com quem se possa trocar e comungar. E essa troca e comunhão estão na dependência do comportamento que cada um tem em relação a si próprio.

Reafirma-se a temática da personalização interpessoal. O respeito ao outro, inicialmente, é expresso pelo respeito que cada um tem a si mesmo. E à medida que a pessoa se conscientiza de ser mistério, interioridade, possibilidade de revelação sempre imprevisível, é capaz de perceber o mistério do outro, pois *"o sentido do outro é inseparável do sentido de interioridade. O outro é meu semelhante, isto é, um outro eu-mesmo"*.⁴⁷

A comunicação e a comunhão das pessoas são as bases de um projeto de sociedade personalista e comunitária, e Mounier traça as estruturas fundamentais em suas obras, onde a preocupação prioritária não é de construir uma filosofia da pessoa, mas uma civilização da pessoa, uma sociedade que seja uma pessoa de pessoas.

LORENZON afirma que Mounier visava através do Personalismo a provocar de diferentes maneiras *"o encontro de pessoas e crenças divergentes, quer de ordem política, filosófica ou religiosa, num ato de fé na verdade"*.⁴⁸ Em consequência, uma tal filosofia nunca é acabada. É preciso ir sempre mais além, graças ao diálogo, à descoberta de convergências mais profundas. As questões são sempre abertas, sinais de imperfeições dos ho-

mens e de aproximações parciais da verdade.

- Pessoa e Comunidade

A pessoa sô se realiza na comunidade, e a vitalidade desta depende da "*inter-ação*" de cada um de seus membros com todos os demais.

RICOEUR, ao analisar a expressão Revolução Personalista e Comunitária, recorda a insistência de Mounier em esclarecer que sô a pobreza da linguagem é que obriga a esse uso, pois "*o despertar da pessoa é a mesma coisa que a pedagogia da comunidade*".⁴⁹ E as fórmulas sobre a pessoa não devem ser separadas de uma ascese comunitária cujo sentido completo está em ser uma **iniciação à pessoa**.

O desabrochar da pessoa e da comunidade acontece num relacionamento dialético em que as partes interagem visando suas realizações pessoais e a consecução de um ideal comum.

O processo de formação da comunidade é semelhante ao da pessoa.

A comunidade deve viver momentos de **interioridade**, recolhendo-se para se conhecer, se assumir, complementados pelos de **exterioridade**, em que se situa num contexto mais amplo, afrontando-o, tomando posição. Esse movimento bipolar é equilibrado pela **transcendência**, que confere sentido "*comunitário à comunidade*". A razão de ser da comunidade é o objetivo comum que congrega os homens.

Tal como a pessoa, a comunidade corre o risco de se degradar ficando fechada em si mesma. Assim, toda comunidade familiar, escolar e outras deve se constituir internamente, aberta ao mundo circundante. Caso contrário, poderia ser "*comuni-*

dade perfeita", cuja perfeição para nada serviria, pois alienaria seus membros, desligando-os do contexto histórico. Consequentemente, seriam pessoas desajustadas e omissas na construção de um mundo mais humano, mais justo, para todos os homens.

As sociedades que os homens criam devem ter dupla orientação: **verticalmente**, cada um deve crescer em direção à sua liberdade, personalidade, autocontrole; e **horizontalmente**, num intercâmbio de dar-e-receber.

A Revolução Personalista e Comunitária implica numa "*revolução pessoal dos revolucionários e das estruturas*",⁵⁰ pois o mal humano é duplo e deve ser atacado em ambos os lados. Os diferentes laços que unem os indivíduos, desde as formas amorfas às comunidades perfeitas, passam por várias etapas.

Indaga-se sobre as características da verdadeira comunidade, distinguindo-a das deformações, caricaturas; a resposta encaminha para o tema - **INICIAÇÃO À COMUNIDADE**.

Assim como o primeiro ato de iniciação à pessoa é a tomada de consciência de sua vida anônima, o da comunidade é a tomada de consciência de sua vida indiferente.

Portanto, o mesmo processo do despertar da pessoa, sair do anonimato, da vida indiferenciada, acontece em relação à comunidade que se inicia.

A comunidade como **projeto** não é atingida numa primeira fase e jamais o é completamente, pois é **processo** contínuo, sofrendo as vicissitudes de seus membros, em construção constante.

A criação e desenvolvimento da comunidade necessita de tempo, exigindo fidelidade. A fidelidade só é conhecida na vivência, na constância, no processo em que a adesão inicial é

ratificada e aprofundada a todo momento.

"A aprendizagem da comunidade é a aprendizagem do próximo como pessoa",⁵¹ tirando-o do anonimato, acolhendo-o como ser original, portanto, diferente de todos os outros e, ao mesmo tempo, semelhante a todo ser humano. O acolhimento ao outro implica aceitação de suas semelhanças e diferenças, mesmo nos momentos de afrontamento, oposição, pois estes também constituem o caminho da personalização do indivíduo e da comunidade. Recordar-se a desconfiança de Mounier em relação às amizades por demais harmoniosas que acabam por serem mentirosas, impedindo o verdadeiro crescimento pessoal.

"O amor é a unidade da comunidade como a vocação é a unidade da pessoa."⁵² E esse relacionamento é tão importante que sem a comunidade as pessoas não chegam a ser realmente elas mesmas, algo lhes falta. Os laços da comunidade são tão orgânicos que Mounier afirma das verdadeiras comunidades: "são pessoas coletivas, pessoas de pessoas".⁵³

Tal empreendimento deve ser construído e, como toda obra humana, possui suas ambigüidades e realizações imperfeitas.

Em grandes linhas apresentam-se os "*graus da comunidade*", propostos por Mounier e considerados por RICOEUR como "*fórmulas possíveis de vida em comum, a abalizar um movimento de cada um e de todos em direção à perfeição. Trata-se, em suma, de momentos pedagógicos*".⁵⁴

Inicialmente, aborda-se o estágio de grupo como massa ou "*sociedade impessoal*", onde os homens não são mais do que números, despersonalizados, num clima de "*tirania do anonimato*".⁵⁵ É o mundo da irresponsabilidade, mistura da desordem e opressão, reino do "*se*", do "*alguém disse*", "*alguém fez*", do impes-

soal e anônimo "*alguém*".

Logo após são encontradas as "*sociedades do quanto a nós*".⁵⁶ Como as massas, são indiferenciadas, mas possuem uma certa individualidade coletiva, isto é, uma consciência coletiva de si mesmas enquanto afirmação.

É uma espécie de conformismo vivo em que cada membro da coletividade como que delega parte de sua personalidade, omitindo-se de toda iniciativa. É a delegação a um líder, a um "*salvador*" que nos momentos difíceis assume e realiza o que cada um não tem coragem de fazê-lo como obra cotidiana.

Um outro estágio é o das "*sociedades vitais*". São as sociedades constituídas pelo "*fato de se viver em comum um certo fluxo vital ao mesmo tempo biológico e humano, e de se organizar para vivê-lo o melhor possível*".⁵⁷ Seus valores são: o bem viver, a tranquilidade, a felicidade... Há uma certa camaradagem e companheirismo. As funções são distribuídas, individualizadas, mas não personalizadas. Os indivíduos podem ser substituídos sem grandes prejuízos para o grupo. É uma espécie de alienação em que "*todos os indivíduos se comportam exatamente como se eles estivessem sós*",⁵⁸ limitando-se a preencher sua função, sem iniciativa individual, onde as relações mútuas não atingem um nível interpessoal.

Nessa caminhada, encontram-se as "*sociedades racionais*", que oscilam entre dois níveis de impersonalidade, o de uma "*sociedade de espíritos*", como um congresso científico, e o de uma "*sociedade jurídica contratual*", fundada sobre a convenção e associação. Um contrato em que cada uma das partes se compromete: uma a prestar serviço e outra a receber benefícios e a pagar por eles.

Geralmente, os contratos se estabelecem entre pessoas com poderes desiguais: operário-empregador, contribuinte-Estado.

O contrato não estabelece comunhão entre as partes, ele administra interesses, desconfianças, unidas numa "paz armada".

Conclui-se pela impossibilidade de edificar uma comunidade sem o respeito à pessoa, mesmo que existam certos valores pretensamente humanos.

MOUNIER reserva o termo **comunidade** àquela considerada a única válida, a **COMUNIDADE PERSONALISTA**, que ele define como **Pessoa de Pessoas**. É a apresentação de uma imagem ideal, limite, pois *"numa perfeita comunidade pessoal, cada pessoa se completará na totalidade de uma vocação continuamente fecunda, e a comunhão do conjunto será uma resultante de cada um destes êxitos singulares"*.⁵⁹

Tal comunidade é oposta às sociedades vitais, pois o lugar de cada um é **insubstituível**, e o único laço será o amor. MOUNIER conclui que tal comunidade não é deste mundo, mesmo que algumas vezes, uma família, alguns amigos vivam experiência muito próxima dessa comunidade pessoal.

Não sendo deste mundo a comunidade ideal, surge a necessidade de delinear as **relações da pessoa com as comunidades imperfeitas**.

MOUNIER considera a comunidade como coordenação natural das pessoas; entretanto, os fatos na realidade não são tão simples. As pessoas são indivíduos em busca de personalização; portanto, carregam o peso de suas amarras, mesmo quando em processo de **conversão**.

As pessoas estão inseridas em comunidades, tais como: família e escola, que não são comunidades puras.

No relacionamento indivíduo e sociedade entram em jogo vários fatores que se entrecruzam, dificultando a compreensão dessa relação.

Mounier sugere apelar para a sabedoria da vida nessa matéria e apresenta alguns dados a que chegou, sem pretender resolver tão intrincado problema, através da gramática: Pessoa e Comunidade.

*"Se a realização definitiva da Pessoa e da Comunidade é uma só obra sob dois aspectos, entretanto, sempre me é dado realizar minha Pessoa, (....) enquanto que, para a Comunidade, eu não posso senão fornecer minha parte da tarefa, ineficaz se os outros não se comprometem."*⁶⁰

Eis o realismo de Mounier: afirma o ideal e reconhece os limites, as dificuldades inerentes aos homens.

A comunidade é resultante do relacionamento interpessoal, sua harmonia é consecutiva. Antecipadamente, não se conhece nada da comunidade: o que será, como acontecerá, os caminhos que percorrerá...

Da comunidade só se possui uma única certeza - a abertura desses caminhos depende do esforço pessoal de cada membro que a constitui.

Nos conflitos que a pessoa possa vir a ter com as sociedades, ela deve procurar a solução que lhe proporcionará viver sua *"vocação de homem e de homem singular"*,⁶¹ e desse modo estará também a caminho da comunidade.

Toda sociedade temporal só existe em função das Pessoas, servindo-as, para que se realizem.

Concluindo, a pessoa e a comunidade caminham juntas, desafiando-se mutuamente, dependentes uma da outra, e a realização de ambas é a realização pessoal de cada uma. Reafirmando, a pessoa só se realiza na comunidade, e a verdadeira comunidade é a comunidade de pessoas.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ MOUNIER, E. Le Personnalisme. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1962. v.3. p.431

² _____._____, p.431.

³ _____._____, p.521.

⁴ _____._____, p.521.

⁵ _____. Traité du Caractère. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.2. p.275.

⁶ _____._____, p.278.

⁷ _____. Le Personnalisme, p.522.

⁸ _____. Manifeste au Service du Personnalisme. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1. p.550.

⁹ RUEDELL, A. Lições Políticas para a América Latina. Um estudo do pensamento político de E. Mounier. Canoas, Editora La Salle, 1985. p.141.

¹⁰ MOUNIER. Le Personnalisme, p.521.

¹¹ _____. Manifeste au Service du Personnalisme. p.550.

¹² _____._____, p.568.

¹³ _____._____, p.568.

¹⁴ _____._____, p.568.

¹⁵ _____. Traité du Caractère, p.51.

¹⁶ _____. Le Personnalisme, p.431.

- 17 MOUNIER. Le Personnalisme, p.432.
- 18 _____. Révolution Personaliste et Communautaire. In: Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1961. v.1. p.171.
- 19 _____._____, p.178.
- 20 _____._____, p.178.
- 21 _____. Le Personnalisme, p.459.
- 22 _____. Personnalisme et Christianisme. In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1963. v.1. p.766.
- 23 _____. Le Personnalisme, p.453.
- 24 _____._____, p.452.
- 25 _____. Manifeste au Service du Personnalisme. p.523.
- 26 _____. Qu'est-ce que le personnalisme? In: _____ Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil, 1963. v.3. p.179.
- 27 _____. Révolution Personaliste et Communautaire. p.153.
- 28 _____._____, p.153.
- 29 _____. Le Personnalisme, p.431.
- 30 _____. Traité du Caractère, p.564.
- 31 _____._____, p.573.
- 32 _____. Le Personnalisme, p.464.
- 33 _____._____, p.528.
- 34 _____._____, p.467.
- 35 _____. Traité du Caractère, p.575.
- 36 _____._____, p.576.
- 37 _____. Manifeste au Service du Personnalisme. p.526.
- 38 _____. Le Personnalisme, p.447.

- ³⁹ MOUNIER. Le Personnalisme, p.477.
- ⁴⁰ _____._____, p.500.
- ⁴¹ _____._____, p.502.
- ⁴² ANDREOLA, B. Emmanuel Mounier et Paulo Freire. Une Pédagogie de la Personne et de la Communauté. Belgique, Université Catholique de Louvain, 1985 (Tese de doutorado ainda inédita). p.199.
- ⁴³ MOUNIER. Traité du Caractère, p.474.
- ⁴⁴ LORENZON, A. Personne et Communauté. Essai sur l'œuvre d'Emmanuel Mounier. Paris, Université de Paris, 1972 (Tese de doutorado ainda inédita). p.24.
- ⁴⁵ MOUNIER, Traité du Caractère, p.480.
- ⁴⁶ _____. Le Personnalisme, p.453.
- ⁴⁷ _____. Traité du Caractère, p.516.
- ⁴⁸ LORENZON, p.55.
- ⁴⁹ RICOEUR, P. História e Verdade. Trad. F.A. Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense, 1968. p.142.
- ⁵⁰ MOUNIER. Révolution Personnaliste et Communautaire. p. 197.
- ⁵¹ _____._____, p.192.
- ⁵² _____._____, p.193.
- ⁵³ _____._____, p.197.
- ⁵⁴ RICOEUR, p.143.
- ⁵⁵ MOUNIER, Révolution Personnaliste et Communautaire, p. 197.
- ⁵⁶ _____._____, p.198.
- ⁵⁷ _____._____, p.197.
- ⁵⁸ _____._____, p.200.

202. ⁵⁹MOUNIER. Révolution Personnaliste et Communautaire. p.

⁶⁰_____._____, p.205.

⁶¹_____._____, p.206.

REPERCUSSÕES DA CRISE ATUAL NO MUNDO DA EDUCAÇÃO

O mundo da educação

A educação constitui uma realidade individual e social de todos os povos e épocas.

PETERSON afirma que a educação existe e ocorre tão originariamente como a vida e suas funções existem e se realizam. Educar pertence, pois, ao ser do homem de maneira original e inseparável, implicando que toda reflexão sobre educação supõe uma reflexão sobre o homem, um estudo filosófico-antropológico para detectar o núcleo fundamental onde se sustenta o processo educativo.

PAULO FREIRE¹ e PIERRE FURTER² sustentam que este núcleo é o inacabamento e a inconclusão do homem. O ser humano ao nascer é um "*pré-maturo*" que nem aparência de homem possui.

FURTER precisa o inacabamento do homem distinguindo "*i-maturo*" de "*pré-maturo*".

O "*i-maturo*" seria incompleto e atingiria a maturidade ao receber o que lhe falta. Para esse autor a perspectiva de prematuridade corresponde melhor à natureza do ser inacabado. O homem não nasce incompleto ("*i-maturo*") mas prematuramente. Ele é completo, eis o bebê vivendo, mas inacabado. Necessita dos cuidados dos pais e da sociedade para aperfeiçoar essa evolução, chegar a ser realmente homem e não apenas ser vivo.

Essa prematuridade acarreta o processo de evolução len-

ta e envolve uma aprendizagem complexa e completa, em comunhão com seus semelhantes, vivendo a mesma problemática que o acompanha durante toda a vida, com acentos e características distintas nas diferentes etapas.

As "*formulações transacionais*" na educação, segundo PITTINGER e GOODING, vêem o homem com potencial que o capacita à interação social. "*O homem é um organismo capaz de crescer e mudar, que se orienta do eu simples centrado em si próprio para o 'eu generoso' complexo, através de um envolvimento ativo num processo de interação social.*"³ O homem é abertura.

Esse processo de crescimento pressupõe ajuda de outros e, no início da vida, ela é quase total, quando o ser humano ainda nem tem consciência de si. Progressivamente, o homem se assume e a relação de ajuda continua, com acentos distintos, ele descobre que necessita dos outros para conseguir suas próprias metas. A socialização torna-se um processo básico.

O homem maduro não é o independente, o isolado, mas o que reconhece a necessidade e o envolvimento mútuo dos outros e torna-se interdependente: "*aprende a participar do processo social de definição de metas, ao mesmo tempo que identifica suas metas pessoais*".⁴ Evolui da fase do envolvimento dos outros na realização de sua própria meta, para a participação na realização da meta comum.

A pessoa, ser a caminho, constantemente depara-se com novos problemas, o que a leva a tornar-se dependente em novas áreas, sucessivamente.

Conclui-se que o homem, ser em devir, está em constante processo de vir-a-ser o que ele realmente é, até a morte.

Em decorrência, a nota de inacabado é inerente a todas

as concepções e realizações humanas.

O vegetal, o animal irracional, também são inacabados, mas só o homem tem consciência de sua inconclusão e por isso se educa.

Para MARTINS, a ânsia de ser em plenitude, conhecer todo o Ser, acompanha o homem do berço ao túmulo e *"se expressa pelo sentimento de ausência, de que alguma coisa lhe falta"*.⁵ Esse ser de carência aspira à perfeição, à sua plenitude, a ser realmente homem, *"pro-jeto"* que a educação permite realizar.

A raiz da educação está na possibilidade do homem refletir sobre si mesmo, situar-se no tempo e no espaço, descobrir-se inacabado e em busca constante de ser mais.

A possibilidade da educação se apóia na contingência e na historicidade do homem.

*"A busca da própria identidade pelas pessoas e grupos é o fundamento da Educação."*⁶ Essa constante na vida do homem envolve todas as manifestações de sua existência. É um processo-projeto de *"re-velação"*, um tornar-se o que se é.

Educar pode ser compreendido de dois modos: tarefa pessoal intransferível e ação de pessoas, grupos, instituições organizadas, estruturadas para esse fim. Esses dois movimentos são interdependentes.

Para ESCALONA são três as características essenciais do **fato** de educar:

- aperfeiçoamento que supõe capacidade de perfeição;
- intencionalidade do processo, visando um projeto;
- relação de ajuda Educador-Educando.⁷

Tal fato acontece num determinado tempo e ambiente, com exigências específicas.

O homem é o sujeito e o responsável por essa tarefa, o que lhe exige um esforço pessoal intransferível em sua própria humanização e personalização. Dinamismo que lhe propicia tornar-se realmente humano nas dimensões individual e comunitária, capacitando-o como agente social, pois a realização plena de cada homem não se esgota na própria existência individual, enquanto distinta da dos demais. O homem só se realiza plenamente, mediante os outros, comunitariamente.

A educação permeia toda a vida do homem, espontaneamente, mas possui também caráter formal, agindo de maneira a influenciar direta e intencionalmente sobre quem deve ser educado. Tal influência, para que tenha valor educativo, deve dirigir-se à totalidade do homem e considerar o educando como um fim em si mesmo, jamais como meio ou instrumento para outra finalidade.

A educação deve estar a serviço do homem.

Para MARITAIN a finalidade prioritária da educação é a libertação da pessoa através do conhecimento, da sabedoria, da boa vontade e do amor.

Em PUEBLA percebe-se a educação humanizando e personalizando o homem *"quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e liberdade, fazendo-os frutificar em hábitos de compreensão e comunhão com a totalidade da ordem do real; por meio destes, o próprio homem humaniza o seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história"*.⁸

A finalidade da educação está ligada à concepção da vida humana. O fim da educação depende da idéia que se tem do homem. Em decorrência, temos a diversidade de finalidades da educação.

Toda proposta de educação é apoiada num conjunto de pres-

supostos básicos sobre o homem e a sociedade, que são "*uma espécie de plano subjetivo das metas, valores, propósitos ou objetivos para um determinado esforço*".⁹

A diversidade de propostas é resultado de enfoques integrais ou parciais dos componentes constitutivos da realidade da educação.

A identificação de qualquer proposta educativa se dá através da análise interativa, homem-sociedade, questionando-se segundo PITTENGER e GOODING:¹⁰

- o que o processo educativo deveria fazer pela sociedade, e

- o que deveria a educação fazer pelo indivíduo.

As respostas evidenciam as diferentes propostas e subsequentes exigências para a consecução de seus objetivos.

A título de exemplo citam-se as chamadas visão aristocrática e desenvolvimentista.

GOMES DE SOUZA, citado por LIBÂNIO, apresenta a tendência **aristocrática** baseada "*numa concepção rousseauniana da educação no sentido de interessar-se pelo indivíduo e seu interior, deslocado de sua situação social*",¹¹ mesmo ainda que colorida com expressões de educação da pessoa. É chamada de **aristocrática** porque desconhece o contexto social e se restringe a um grupo social pequeno, orientada por critérios individualistas, privilégio de poucos e felizardos "*Emiles*".

Outro exemplo lembrado por esse autor é a visão **desenvolvimentista**. A educação se "*preocupa com grupos maiores, mas em função do mercado de trabalho aberto pelo desenvolvimento...*".¹² O aumento de produtividade necessita de mão-de-obra qualificada e a educação coloca-se a serviço dessa demanda. A preocupa-

ção centra-se na preparação de técnicos eficientes, bem treinados para funções específicas, e não com o homem profissional que tem sua preparação técnica como um setor diferenciado da educação integral.

A **aristocrática** prima pela qualidade, excluindo as massas. A sociedade é assumida sem questionamentos. Indaga-se por tal qualidade que ignora as massas e o contexto social.

Já a **desenvolvimentista** atrofia a visão integral da educação, restringindo-a a um setor, mesmo que necessário; também desfigura a concepção de ser humano, vendo-o apenas como "*mão-de-obra*" e não como agente transformador da sociedade.

Portanto, qualquer abordagem da educação envolve a pessoa e a sociedade, pois o aperfeiçoamento do homem não se dá isoladamente, mas no mundo circundante: físico e social.

A vida do homem realiza-se na sociedade, e esta se reflete na educação, produto de sua história.

Para Mounier a educação deve ser integral e oferecida a todos os homens, sem discriminação de qualquer espécie. Nesse processo de construção solidária, estes homens também edificam a sociedade.

Como todo empreendimento personalista, também a educação deve ser focalizada como: PERSPECTIVA, MÉTODO e EXIGÊNCIA.

Como **perspectiva** é a busca de unificação entre opostos. Entre os idealismos e materialismos opõe o realismo espiritual.

Entre o individualismo e o coletivismo, afirma a dupla referência pessoal e social a toda problemática humana.

A todo otimismo ingênuo opõe o "*otimismo trágico*", consciência de grandeza e fragilidade humana.

É a manifestação da história humana "*como desafio, disputa,*

*busca de equilíbrio entre esses pontos de vista, crise perpétua de uma dialética ascendente de unificação e perfeição".*¹³

Como **método** é a recusa ao mesmo tempo "*do método dedutivo dos dogmáticos e do empirismo grosseiro dos realistas*", pois o destino do homem é caminhar na história, fazendo-a.

Quanto às constantes das condições humanas, "*elas não podem ser descritas sob forma de esquema definitivo que em seguida teria apenas que ser aplicado à ação*".¹⁵ Elas são engajadas na situação de cada momento histórico. A compreensão da ação só é entendida na cadeia dos acontecimentos. "*A regra da ação se compõe no encontro de uma filosofia do homem e de uma análise direta das conjunturas históricas, que, em última instância, comandam o possível e o real.*"¹⁶

Como **exigência** é ao mesmo tempo total e condicional.

Engajamento total, realizador e não restrito à crítica, pois "*nós temos a paixão do homem (....) paixão eficaz, que busca compreendê-lo para melhor transformá-lo*".¹⁷

Engajamento condicional, motivado pela desarmonia interna, cujo equilíbrio exige contínua atenção aos radicalismos.

A proposta de Mounier não é a de um perfil de homem ou de humanidade como mito, mas um trabalho realmente humano, com duplo movimento: construção do homem e da humanidade, na procura de síntese que nenhuma época realiza totalmente, mas deve perseguir como ideal.

Assumir a ventura do homem - cada vez mais homem, "*é a tarefa onde, (....) tradição e revolução dialogam e se exigem mutuamente*".¹⁸

Tal tarefa deve atingir e renovar todas as áreas da vida humana. E Mounier é enfático em atribuir essa missão à "*edu-*

cação que deve preparar o terreno".¹⁹

Por ser o homem um ser educável, a educação é um dado permanente e universal, que se manifesta de múltiplas formas.

Em seus primórdios, a humanidade adquire os conhecimentos e habilidades necessários, bem como as perspectivas e valores da sociedade, de modo informal e espontâneo, pela participação na vida diária da família e grupos em geral; a educação não é uma atividade à parte, separada. As normas sociais, crenças, costumes e padrões morais são absorvidos inconscientemente no cotidiano da família.

Hoje, embora tenha havido grande mudança, a família numa sociedade em crise ainda tem função educativa, o que motiva a abordá-la.

- Comunidade familiar

LYNN SMITH, um estudioso do Brasil, citado por MEDINA,²⁰ pesquisou a instituição predominante na formação da sociedade e concluiu que no Brasil foi a **família**, nos Estados Unidos, a Escola e na América Latina, a Igreja.

Essa instituição tão importante na formação da sociedade brasileira, como em todas as outras, será abordada em sua relação com a educação.

A família, como toda a sociedade em geral, está em mudança acelerada e sua organização sofre transformações profundas na estrutura interior, no plano de suas funções e nas relações com outras instituições.

É esclarecedora a colocação de Mounier sobre a instituição familiar, que através dos tempos conhece diversos tipos,

ocorrendo até numa mesma época diferentes maneiras de viver essa instituição. Diz ele, *"cada época é tentada a confundir um modo passageiro, aquele que ela abriga, com valores permanentes, aos quais conferem um perfil, nesse momento"*.²¹

A evolução dos costumes e das instituições, exigindo novos modelos, pode fomentar a crença de que é a própria instituição que está abalada, e não sua configuração histórica.

Na sociedade tradicional, a família é uma unidade econômica de produção e desempenha funções educativas, no mais amplo sentido da palavra, desde o processo de socialização da criança até a transmissão do ensino formal sistematizado.

À medida que o processo de industrialização e modernização se instala, a família se transforma, tanto em relação ao desenvolvimento geral da sociedade, quanto aos indivíduos em particular.

A mudança de sua função econômica acarreta muitas e grandes conseqüências. O sistema industrial é mais aberto, promove a mobilização geográfica e social da população, incentivando o rompimento com situações estáveis.

Para MEDINA todo esse dinamismo tende a opor-se *"à vida familiar, justamente aquela que por sua própria natureza guarda como valor ações e comportamentos, tendendo para a permanência e a estabilidade"*.²²

As mudanças ocorridas em seu seio durante o processo de modernização da sociedade provocam e reforçam transformações sociais, da mesma forma que recebem influência de outras mudanças.

PUEBLA recorda a dificuldade em abordar esse tema. Não há uniformidade nem na mesma classe social; cada família reage diferentemente *"aos fatores sujeitos a mudanças: fatores so-*

*ciais, culturais, políticos, econômicos, religiosos, entre tantos outros".*²³

Nessa crise, revela-se um mundo construído para os homens que se surpreende com a crescente participação da mulher. Ela própria, em luta pelo reconhecimento de seus direitos de pessoa humana, também se encontra perplexa na conciliação de seus tradicionais deveres com as novas oportunidades e responsabilidades exercidas fora do ambiente familiar. A moderna postura feminina com amplas repercussões, sobretudo para a mulher casada, a profissional fora do lar e tantas outras manifestações de emancipação, interferem com impacto sobre toda família.

Constata-se a diminuição no tamanho, de extensiva a família se reduz e passa a conjugal. As relações entre as pessoas também se modificam, quer entre os cônjuges, quer entre pais e filhos.

A diminuição do tamanho da família, entretanto, não significa que a tarefa dos pais tenha se tornado mais fácil; pelo contrário, a complexidade da sociedade e seu atual dinamismo evolutivo acrescem sua responsabilidade.

CAMPOS afirma que *"é através da família que se perpetua a sociedade e ainda não se encontrou um grupo que possa substituí-la eficientemente no seu papel educativo"*.²⁴ A continuidade de uma sociedade humana harmoniosa requer muito mais que a reprodução e criação de filhos.

Com base em Mounier, recorda-se que assim como a família não se reduz a uma associação comercial, mesmo quando é unidade econômica de produção, como na sociedade tradicional, também não se reduz a uma associação biológica ou funcional.

"A família tal como a pessoa é encarnada: numa função

*biológica, dentro de quadros sociais, e numa sociedade. Não é apenas um grupo acidental de indivíduos ou mesmo de pessoas."*²⁵ Ela deve caminhar visando à construção da comunidade.

A encarnação da família, assim como lhe confere possibilidades, também lhe apresenta limitações e lhe exige certos sacrifícios, com uma única "*fronteira inatingível: aquela das pessoas e suas vocações*".²⁶ Estas devem contar com os serviços da família, até mesmo com o serviço da autoridade, necessário em toda sociedade.

As funções biológicas e sociais da família se enraízam numa matéria, cuja vitalidade depende de sua alma. Esta alma se revela na livre busca da comunidade, em que pais e filhos vivenciam a experiência da realização mútua.

Entretanto, esta comunidade de pessoas não é nem automática nem infalível. "*É uma aventura a correr e um engajamento a fecundar.*"²⁷

Essa aventura e engajamento na comunidade afasta a monotonia, manifesta a originalidade, confere fisionomia própria a cada família.

O ambiente familiar é o meio totalmente diferente de todos os outros. É o dado social mais inelutável da pessoa, ninguém escolhe o seu.

*"A família oferece a maior das aventuras humanas. Misturando ao acaso, como uma loteria, os caracteres e os destinos e pedindo a cada um para resolver o problema cada dia novo de suas co-existências."*²⁸

A pessoa se auto-revela pela aprendizagem na comunidade e, desde cedo, deve aprender os desafios da "*con-vivência*". A preparação à vida coletiva através de tentativas modestas con-

tribuirá a formar um conhecimento direto do homem e de si mesmo.

O ambiente familiar marca a pessoa pela hereditariedade e convivência e, quando a pessoa toma consciência de si, já está impregnada pelos valores e influências múltiplas do meio.

A vida particular é a zona de experiência da pessoa em que se dá o encontro da vida interior e da coletiva. "*Zona confusa, mas vital*",²⁹ onde essas duas dimensões da existência humana se enraízam. Essa dimensão interior da vida é ameaçada pela intoxicação, assim como a dimensão coletiva pela dispersão. A qualidade da vida particular depende da vida interior e da qualidade do meio; é tão importante para a pessoa como para a sociedade.

Sua importância capital decorre do fato de ser o campo de experiências o verdadeiro meio onde se forja, nas comunidades elementares, o sentido da responsabilidade.

Na família, pela convivência, seus membros aprendem a conhecer o outro em suas qualidades e limitações, experienciam a grandeza e fragilidade do ser humano. "*É a zona de provas onde toda convicção, toda ideologia, toda pretensão deve enfrentar a experiência da fraqueza e o despojamento da mentira.*"³⁰

Do ambiente familiar decorre a estabilidade dos filhos, a posição dos pais é fundamental, inclusive para o equilíbrio emocional das crianças e jovens.

Os pais, responsáveis pelo crescimento e **socialização** dos filhos, devem ajudá-los a viver o presente em mutação acelerada e questionadora e a enfrentar o futuro.

Por sua influência, a família poderá formar tanto indivíduos seguros, responsáveis, solidários, como perturbados, pas-

sivos, irresponsáveis.

A socialização na família, quando expressão de "*con-vivência*" livre e criativa, orientada para a solidariedade, a participação com direitos e deveres em relação a si próprio e aos outros, propiciará aos indivíduos progressiva integração à sociedade, como elemento atuante na construção de um mundo justo.

Entretanto, quando a socialização enfatiza apenas os bons hábitos domésticos, como prescrições de modelos, sem apelar para a participação responsável, criativa, integrará os indivíduos à sociedade, porém, desligados de sua atuação como elementos ativos e "*co-responsáveis*".

CAMPOS alerta para as privações materiais e espirituais que comprometem o desenvolvimento das crianças, impedindo e comprometendo a edificação de personalidades completas. "*Pessoas que terão dificuldades para desenvolver o pensamento abstrato, evidenciando falta de originalidade, ao mesmo tempo demonstrando dificuldade para a formação de juízos de valor próprio e incapacidade para a tomada de decisões.*"³¹

Este alerta sobre as privações e suas seqüelas refere-se ao tema da miséria das massas denunciada no primeiro capítulo.

Aqui, busca-se a atualidade e importância do papel educativo da comunidade familiar.

Desde que os temas são imbricados, questiona-se: como não viver em crise, quando a injustiça institucionalizada oprime a maioria da população?

Nesse contexto, as perplexidades, questionamentos, dificuldades comuns ao processo de edificação e manutenção da comunidade familiar, assumem dimensões desproporcionais. E como

recorda Mounier, não se pode exigir dos outros heroísmo o tempo todo.

Recorda-se a orientação de Mounier em relação à solução dos problemas práticos. Eles exigem soluções no plano das infra-estruturas biológicas e econômicas, considerando-se também as mais profundas dimensões do homem, pois "*o espiritual é também uma infra-estrutura*".³²

Concluindo, o sentido da família consiste em ser o ponto de articulação entre o domínio público e o domínio privado, de unir certa vida social com uma certa intimidade. "*Socializa o homem particular e interioriza os costumes. Pelo seu papel de mediação, é o centro capital do universo pessoal.*"³³

Impõe-se redefinir seu papel hoje, baseado em suas reais possibilidades e limites, assumindo sua historicidade, pois ela é insubstituível.

À medida que a família não mais atende a todas as exigências da formação da pessoa numa sociedade sempre mais complexa, surge a **escola**.

- Comunidade escolar

Os aspectos aqui levantados limitam-se a delinear a realidade escolar.

A política educacional sente-se desafiada a compreender e a buscar alternativas válidas para o momento histórico, a fim de orientar a escola em sua função social e política.

Na escola a transição pela qual passa a sociedade repercute na superação do tradicional, enquanto o novo ainda não se define suficientemente.

A instituição escolar deve atender a toda população par-

tindo da realidade concreta dos indivíduos e dos grupos, portanto diferenciada, mas mantendo sua meta - a formação para a cidadania, incluindo as dimensões intelectuais, culturais, políticas e profissionais.

RODRIGUES alerta para os desafios da instituição que deve desempenhar atividades desde as mais elementares como a alfabetização, até as que preparam os indivíduos para a pesquisa e desenvolvimento científico.

A sociedade espera que a escola prepare seus membros para a *"vida social e política, para o trabalho, para o desenvolvimento de suas habilidades individuais, que sistematize e organize o conhecimento universal, a produção científica, as conquistas da tecnologia e da cultura mundial"*.³⁴ A sistematização deve possibilitar novas conquistas e novos desenvolvimentos.

Portanto, a escola se caracteriza por uma atividade **sistemática, intencional e organizada**.

A preparação cultural dos indivíduos implica em capacitá-los à compreensão da nova cosmovisão, para que possam participar como cidadãos lúcidos e corresponsáveis.

Na sociedade atual a educação para o trabalho é uma das funções básicas da ação educativa. Entretanto, deve-se levar em consideração a experiência do educando em relação ao trabalho, seja sua própria vivência ou a dos pais. E trabalho em sua plena acepção, esforço do homem visando resultado intelectual, manual e também seu próprio desenvolvimento através da ação.

A atividade por excelência da escola é **ensinar** e o pressuposto fundamental da tarefa da educação escolar, do ponto de vista do ensino, *"é o de possibilitar ao educando acesso ao saber universal sistematizado"*.³⁵

O personalismo considera a escola como importante setor da educação total, embora sem a responsabilidade global da educação, mas colaboradora com as demais instituições, notadamente a família.

Inúmeros estudos abordam a educação formal e reconhecem os esforços, aspectos positivos, tentativas de acerto. Entretanto, a realidade é por demais preocupante, apresentando grandes limitações e impasses à escola.

O sistema escolar constitui uma rede de exigências burocráticas, administrativas, legais, entre outras, que tendem a tornar o aparelho escolar um dos mais complexos da sociedade moderna.

A escola se ressentir tanto do qualitativo, quanto do quantitativo. Apesar do crescimento, ela ainda não tem atendido à demanda populacional e termina por fomentar a discriminação de classes, voltada para a elite.

Mounier adverte, se a escola em seus diversos graus é uma instituição da nação, não pode ser "*privilégio*" de segmentos da sociedade, mas direito de todos.

A marginalização escolar na América Latina é evidente, grande contingente não tem acesso à escola, e muitos dos que ingressam logo a abandonam analfabetos ou semi-analfabetos, marcados pela frustração e com seqüelas para o indivíduo e a coletividade.

Como instituição, a escola é um subsistema do sistema social do país. E como tal, segundo MEDELLIN, é "*reflexo da estrutura desumanizante e veícula individualismo, consumismo, pragmatismo, alienação cultural*".³⁶

Escola-sociedade-vida estão dissociadas, reflexo da vi-

são compartimentalizada, onde cada setor é focalizado como se realmente fora autônomo, resultando que os poucos privilegiados que têm acesso à escola, participam e desfrutam de uma educação inadequada, abstrata, desligada da realidade social.

A escola ainda desenvolve mecanismo de submissão e não o senso crítico; privilegia a competição e não a cooperação e solidariedade; e o excesso de burocratização entrava a originalidade, reforçando o distanciamento da escola das reais necessidades dos homens e da sociedade.

O conteúdo programático quase sempre é dirigido a uma "*classe ideal*". Os métodos preocupam-se mais com a transmissão do conhecimento do que com o desenvolvimento do espírito crítico.

A relação pedagógica é fundamental. "*O educador deve ajudar o educando a encontrar sua justa situação.*"³⁷ Entretanto, é limitada a relação profissional, nem sempre atenta ao intercâmbio pessoal. Priva ambas as partes: o aluno, da rica experiência do diálogo com adultos fora do ambiente familiar; e o professor, da descoberta do mundo da criança e do jovem, seus projetos, valores, desvalores, questionamentos, dúvidas, manifestados por eles mesmos.

A relação educativa horizontal - de pessoa a pessoa, a que possui o conhecimento prestando serviço à que aprende, ambas engajadas e em processo, com diferentes funções e responsabilidades -, muitas vezes é substituída pela relação autoritária, fria, distante, esvaziando-se seu aspecto moral e enfatizando o poder.

Há professores cuja preocupação parece centrar-se na transmissão do conhecimento, sem demonstrar maior atenção com quem

a recebe. Como se fora possível ensinar sem considerar aquele a quem se ensina.

Entretanto, a presença desses pseudo-professores não deve colocar na obscuridade o testemunho de muitos profissionais competentes, responsáveis e engajados na causa do educando, da educação e do meio. Profissionais que, apesar de todas as limitações, num verdadeiro heroísmo, mesmo em condições adversas desempenham seu trabalho com dedicação incansável.

Mounier, ao refutar a **neutralidade** em educação, apresenta a escola como deve ser, ora destacando os aspectos positivos, ora criticando os negativos. Para ele "*a escola desde o primeiro grau tem por função **ensinar a viver**, e não a acumular conhecimentos exatos ou habilidades*".³⁸

Os conhecimentos são necessários e indispensáveis, mas devem estar integrados no dinamismo criador da pessoa.

A escola deve assegurar a todos um mínimo de conhecimentos, indispensáveis a um homem livre e ao exercício conveniente de uma profissão.

Mounier reconhece a necessidade da preparação profissional, mas esclarece que tal preparação não deve ser o centro da obra educativa.

O referido autor discorda dos que propugnam por uma neutralidade que implica abstenção completa da escola, em todas as matérias que engajam uma concepção de vida, portanto, em matéria de educação no sentido pleno. Tal posição crê que se pode separar sem prejuízo a instrução da educação.

Essa maneira de focalizar a educação impede a experiência pessoal do sujeito que a recebe, de integrá-la na vida, com envolvimento valorativo. Ignora por decisão que o fim úl-

timo da educação é o **engajamento vivo da pessoa**.

Tal neutralidade é impossível, afirmá-la é desconhecer a realidade humana e educacional, pois a própria abstenção já é um posicionamento.

Se a escola não dá à pessoa senão o sentido da liberdade vazia, prepara-a para a indiferença e não ao engajamento responsável. E a educação é **aprendizagem da liberdade**, conquistada gradualmente, pelas vias da experiência pessoal.

Em matéria de educação, para a criança e o jovem, a autoridade é a família, comunidade natural onde estes se encontram colocados desde o nascimento. A família delega esse serviço-poder aos seus colaboradores: professores e orientadores. Entretanto, o direito da família é subordinado ao bem da criança e depois ao bem comum.

Recorda-se o que já foi afirmado por Mounier, não basta desenvolver o máximo de consciência, de sinceridade, importa assumir o máximo de responsabilidade e de transformar a realidade à luz das verdades do Personalismo.

A educação não acontece no vazio. São indivíduos concretos, em sociedades concretas. O conhecimento dessa sociedade em que se vive e para a qual se está educando é condição imprescindível como ponto de referência da educação.

Relembra-se aqui a panorâmica da realidade atual: configurada no início deste estudo, ao mesmo tempo que condiciona, é o espaço onde a educação deve acontecer.

A reflexão-ação da escola deve partir da pessoa que ela tem diante de si, para conhecê-la e ajudá-la a desenvolver-se na dupla direção: individual e social.

Para Mounier a educação de seu tempo era *"em grande es-*

*cala um massacre de inocentes":*³⁹

- por desconhecer a criança como tal e impor-lhe perspectivas de adulto, e porque

- "*o discernimento dos caracteres e das vocações pode ser substituído pelas desigualdades sociais forjadas pelos adultos, e pelo formalismo autoritário do saber.*"⁴⁰

A reação a essa situação partiu da educação nova, que foi em parte comprometida pelo otimismo liberal. Impõe-se, portanto, a restituição da "*perspectiva total do homem individual e social*",⁴¹ na educação escolar.

O indivíduo, ao desenvolver suas habilidades e capacidades em comunhão com os outros e a natureza, está beneficiando a sociedade.

Para a consecução desse seu objetivo final, a escola conta com elementos mediadores, instrumentos de que a escola se serve, são eles: professores, prédios, equipamentos, currículos, programas, materiais didáticos.

RODRIGUES considera função da escola e missão mediadora dos professores a realização da síntese do antigo com o novo, integrando o aluno na construção da sociedade, tarefa comum de todos.

SAVIANI afirma que a escola para bem cumprir sua função de educar - **promover o homem** -, deve aprofundar o conhecimento do ser humano. E este, "*é ser situado, com capacidade para intervir na situação para aceitar, rejeitar ou transformar (liberdade)*".⁴²

A consciência da situação motiva e orienta a intervenção, pois "*a existência humana é caracterizada pelo trinômio: situação, liberdade, consciência*".⁴³

Para agir a pessoa indaga:

- para quê? e obtém os **objetivos**,
- com quê? e obtém os **meios**.

E os objetivos e meios, com implicações recíprocas, são referidos às reais condições do homem.

A educação, ao promover o homem através da realização de suas potencialidades, acontece **na e a partir da** situação concreta.

Entre os **meios**, porém sem esgotá-los, coloca-se o currículo. Este deve responder às perguntas acima referidas.

Currículo é tema bastante discutido, com grande variedade de conceitos.

Tradicionalmente, currículo é entendido como conjunto das disciplinas de um curso ou a relação dos temas de uma disciplina, o que coincide com programa.

Atualmente, o conceito é bem mais abrangente, incluindo todos os elementos relacionados com a escola.

Há uma tendência a considerá-lo *"o conjunto das atividades (incluindo o material físico e humano a elas destinado) que se cumprem com vistas a um determinado fim"*.⁴⁴

Segundo CORINA RAMOS, currículo consiste numa *"sistematização de conteúdos e procedimentos que a escola oferece ao educando para garantir o alcance de propósitos, que refletem uma concepção da ação do ensinar e do aprender e uma postura assumida como forma de intervir na sociedade"*.⁴⁵

Currículo, portanto, compreende o conteúdo da educação, numa dimensão espaço-temporal.

Objetivos-currículos-meios são condição e consequência do outro, contrapondo-se e compondo-se num processo educativo.

A organização curricular, para se constituir um instrumento de promoção humana, precisa ser confrontada com os objetivos maiores da educação.

Para JOEL MARTINS as expectativas do professor, quando realiza seu trabalho, convergem para um ponto comum - **a concepção que ele tem de educação**. E esta se expressa no currículo, compreendendo: alunos e professores; métodos e material; clima de trabalho e atitudes em relação ao mundo.

Para ANA MARIA SAUL toda concepção de currículo implica uma visão filosófica a respeito do homem, do mundo e da educação.

Decidir-se por um currículo é definir-se por determinada concepção com compromissos sociais e políticos. E a atualidade exige que se caminhe na crítica para as possibilidades de realizações concretas de transformação da realidade social.

Toda concepção expressa uma valoração, sua posição sobre a vida, o homem e o mundo. E a educação, não sendo neutra, como já visto, explícita ou implicitamente manifesta seus valores.

Na formulação teórica de currículo é importante determinar:

- os valores que dirigem seu desenvolvimento,
- e como o currículo deve estar relacionado com o contexto histórico.

Em relação aos componentes do currículo, ainda que não haja consenso em sua escolha, alguns especialistas de reconhecido valor, identificam os seguintes elementos:

- **conceitos**, que se referem à sequência da experiência,
- **habilidades**, capacidades que compreendem tempo para

serem adquiridas,

- **valores e atitudes**, ruptura da indiferença e posicionamento diante do mundo.

A real posição social e política da educação é veiculada através do que se convencionou chamar **currículo oculto**.

Em teoria de currículo, o **currículo oculto** ocupa, na atualidade, um lugar central e fundamental na pedagogia crítica.

GIROUX constata que são muitas as definições e análises de **currículo oculto**, mas há uma constante: *"normas, valores, crenças, imbricadas e transmitidas aos alunos, através de regras subjacentes que estruturam as rotinas e relações sociais na escola, na vida e em sala de aula"*.⁴⁶

Para esse autor, currículo oculto *"se refere no sentido lato à função social de controle que a escolarização exerce"*.⁴⁷

ELIZABETH VALLANCE justifica o uso do termo **currículo oculto**, para se referir às conseqüências não acadêmicas porém educacionais, significativas da escolarização, que ocorrem sistematicamente, embora não sejam explicitadas nas justificativas da educação assumidas pela escola.

A relação educação-sociedade é inquestionável, embora a discordância de interpretação seja muito variada.

FREITAG em seu texto *"Escola, Estado e Sociedade"*, citada por SONIA SILVA, ressalta a freqüente aceitação de que *"toda doutrina pedagógica, implícita ou explicitamente, sempre estará baseada numa filosofia de vida, numa concepção de homem e numa concepção de sociedade"*.⁴⁸

Entretanto, as divergências em relação a este tema são inúmeras. Podem ir desde a educação para a sociedade visando a mantê-la, até a educação como fator de mudança radical do *"status*

quo", passando por outras tantas concepções.

Currículo engloba um conjunto de decisões educacionais que se institucionalizam a nível de instância mais global da educação e se concretizam na sala de aula. O campo específico de currículo está altamente influenciado por um conjunto de valores educacionais.

O educador deve entender o intrincado conjunto de valores e as relações sociais. Ler a realidade de uma forma crítica, e a partir da crítica visar e alcançar realizações concretas de transformação da realidade social, mediante a formação de homens educados num enfoque global, abertos ao diálogo com os outros e o mundo, diálogo realizador implicando em responsabilidade social.

O importante é repensar ao mesmo tempo tanto a educação quanto a sociedade em suas bases axiológicas. **VALORES e avaliações** referem-se *"às realizações humanas dotadas de significação, no seio de amplas totalidades históricas em movimento"*.⁴⁹

Todas as transformações implicam em significativa mudança no sistema de valores.

O agir humano é sempre decorrente de sua visão avaliativa.

Para SEVERINO, a consciência humana atribui valor a tudo o que compõe seu universo. E em função desse valor o homem toma suas decisões, que o levam a optar e agir.

O homem, no processo-projeto de hominização vive a experiência de auto-revelação pela **consciência**, que é a manifestação do **espírito**.

Segundo GOBRY, o ser humano enquanto animal é dotado de consciência animal, tem percepção das coisas; enquanto espíri-

to, a consciência desabrocha numa tríplice operação: consciência universal - RAZÃO, de si - REFLEXÃO, e dos valores - APRECIAÇÃO.

A consciência permite a relação sujeito-objeto, conferindo ao objeto sua dignidade ou desejabilidade (Valor).

Para GOBRY a consciência dos valores depende do encontro da razão-reflexão-apreciação. *"Pela **razão** o espírito se orienta em direção ao **objetivo**, pela **reflexão** ao **subjetivo** e a **apreciação** reconcilia o objetivo-subjetivo, pois não há valor senão num objeto por um sujeito."*⁵⁰

Valorar implica em tornar alguém, algo ou situação desejável e apreciado por um sujeito ou comunidade. E comunidade pode ser tanto a escolar como a familiar, entre outras. O esforço de valoração está presente em todo tipo de comunidade. Na **escola** enquanto **movimento sistematizador** proposto pelas gerações adultas de uma sociedade, na **família-comunidade socializadora** e primeiro núcleo da pessoa.

O julgamento de valor é julgamento objetivo, quando a consciência atribui ao objeto (pessoa, coisa, situação) uma significação que lhe dá razão de ser.

CAMPOS afirma que as definições de valor podem ser agrupadas em três tipos:

- Valor - como **objeto** ou **bem** avaliado ou desejado;
- como **posição** diante de um objeto;
- como **critério** que orienta a ação e possibilita a tomada de decisões sobre as diversas maneiras de agir.

Portanto, no **valor** a imanência e a transcendência se encontram na **relação** sujeito-objeto.

Para MOUNIER os valores são personalizados.

O movimento de interiorização e exteriorização que forma a pessoa, não se fecha sobre ela mesma, "*mas indica uma transcendência que habita entre nós*".⁵¹ Movimento de ultrapassagem ou transcendência contínua.

E a vida pessoal deve enfrentar o desafio de inventar e manter a coesão e o equilíbrio entre estas três solicitações: interiorização-exteriorização-transcendência, que não são as mesmas para todos.

Há diferentes formas de ultrapassagem ou de transcendência. A atividade produtora já é uma manifestação da transcendência da pessoa.

A direção da transcendência "*não é somente projeto, é elevação (JASPERS), passar para além de. O ser pessoal é um ser feito para se ultrapassar*".⁵²

MOUNIER, ao definir uma escala de valores, afirma que "*a livre escolha é condição prévia de uma adesão sincera a esses valores (....) encarnados nas pessoas destinadas a viver numa comunidade*".⁵³

Por pertencer ao universo da liberdade, "*a transcendência não é objeto de provas. A sua certeza surge na plenitude da vida pessoal e esbate-se quando esta declina*".⁵⁴

MOUNIER procura distinguir os valores das mediações impessoais, das noções, das idéias gerais.

"*Os valores são fonte inesgotável e viva de determinações, exuberância, apelo irradiante (....) tendem invencivelmente à incorporação num sujeito concreto, individual ou coletivo*".⁵⁵ E os que permanecem por mais tempo adquirem existência histórica. Mas a história ainda apresenta os valores em generalidades, e eles para existirem necessitam das pessoas.

Os valores, como só existem em relação à pessoa, revelam-se na liberdade e são trabalhados pelo tempo.

A pessoa é *"movimento para um transpessoal, simultaneamente anunciado pela experiência da comunhão e da valorização (...). Este movimento do pessoal ao transpessoal é um movimento combatente"*,⁵⁶ pois não há valor que não nasça da luta.

O valor não pode ser abrangido nem comunicado em sua plenitude.

A descoberta dos valores é abertura, pois os valores são *"apelos"*, chamando sempre para novas perspectivas.

A vida pessoal é, pois, a tensão dialética da interioridade e exterioridade no movimento transcendente, em direção aos valores e ao transpessoal, *"pro-jeto"* que deve percorrer toda a existência.

Sintetizando, os valores são personalizados na vida pessoal e comunitária, como expressão de liberdade e comunicação, numa luta contínua da existência humana.

Na **comunidade familiar** os valores são assimilados mais pela *"con-vivência"*, inconscientemente.

Questiona-se a livre escolha dos valores para as famílias que sofrem privações de toda ordem, obrigando-as a uma batalha constante para sobreviver.

Infere-se a necessidade de estruturas sociais justas que assegurem as condições materiais a uma vida digna, para que a família possa realizar sua missão educativa de socialização dos filhos e criação da comunidade doméstica, laboratório primeiro de toda experiência de *"con-vivência"* na hominização e construção da sociedade humana.

A **comunidade escolar**, intermediária entre a família e a

sociedade maior, é dependente de vários fatores, desde as condições da escola: tamanho, organização, objetivos, professores, até a própria atitude da família em relação à instituição escolar.

Na escola, os valores são vivenciados através do currículo, especialmente do currículo oculto.

O espaço por excelência da atuação da escola é a **relação pedagógica**, onde acontece a individualização do educando.

Aliás, a interação educador-educando, quer aconteça na comunidade familiar, escolar ou outra, é a base da concepção personalista de educação, é a comunicação, experiência primordial da pessoa.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹FREIRE, P. Educação e mudança. Trad. Gadotti e Martin. 6 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. p.27.

²FURTER, P. Educação e Reflexão. Petrópolis, Vozes, 11 ed., 1982, p.69-74.

³PITTENGER e GOODING. Teorias da Aprendizagem na Prática Educacional. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária - EDUSP, 1977. p.41.

⁴_____. _____, p.41.

⁵MARTINS, Diamantino. Filosofia da Plenitude. Braga, Livraria Cruz, 1966. p.11.

⁶CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Para uma pastoral da educação. São Paulo, Paulinas, 1986. p.16.

⁷ESCALONA, S. Antropologia e Educação. Trad. Euclides Silva. São Paulo, Paulinas, 1983. p.54.

⁸PUEBLA. _____, p.287.

⁹PITTENGER e GOODING. _____, p.15.

¹⁰_____, p.16.

¹¹GOMES DE SOUZA, L.A. In: LIBÂNIO, J. Educação Católica. Atuais Tendências. São Paulo, Loyola, 1983. p.13.

¹²_____._____, p.13.

¹³MOUNIER. Qu'est-ce que le Personnalisme? In: _____. Oeuvres. Paris, Éditions du Seuil. p.242.

¹⁴_____._____, p.242.

¹⁵_____._____, p.242.

16 _____._____, p.243.

17 _____._____, p.243.

18 _____._____, p.243.

19 _____._____, p.243.

20 SMITH, L. In: MEDINA, C.A. Família e Mudança. O familismo numa sociedade arcaica em transformação. Petrópolis, Vozes, 1974. p.16

21 MOUNIER, R. Manifeste au Service du Personnalisme. In: _____. Oeuvres, Paris, Editions du Seuil. v.1. 1961. p.562.

22 MEDINA, C.A. Família e Mudança. O familismo numa sociedade arcaica em transformação. Petrópolis, Vozes, 1974. p.4.

23 PUEBLA. _____, p.214.

24 CAMPOS, M.C.S.S. Educação: Agentes Formais e Informais. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1985. p.7.

25 MOUNIER. Manifeste au Service du Personnalisme. p.566.

26 _____._____, p.566.

27 _____._____, p.566.

28 _____. Traité du Caractere. In: _____. Oeuvres. Paris, Editions du Seuil, v.2, 1962. p.95.

29 _____. Manifeste au Service du Personnalisme. p.557.

30 _____._____, p.559.

31 CAMPOS, M.C.S.S. _____, p.8.

32 MOUNIER. Le Personnalisme. In: _____. Oeuvres. Paris, Édition du Seuil, 1962. v.3. p.446.

33 _____._____, p.516.

34 RODRIGUES, N. Por uma nova escola. O transitório e o permanente na educação. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 4.ed., 1986. p.54.

³⁵RODRIGUES, N. Por uma nova escola. O transitório e o permanente na educação. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 4.ed., 1986. p.81.

³⁶MEDELLIN, p.47.

³⁷MOUNIER. Traité du Caractère. p.600.

³⁸_____. Manifeste au Service du Personnalisme. p.551.

³⁹_____. Le Personnalisme. p.521.

⁴⁰_____._____, p.521.

⁴¹_____._____, p.521.

⁴²SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1980. p.63.

⁴³_____._____, p.63.

⁴⁴_____._____, p.66.

⁴⁵RAMOS, C.L. In: SECRETARIAS DA EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL (PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL). Subsídios à elaboração do IV Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos. (PSSD), outubro, 1974.

⁴⁶GIROUX, H. Teoria Crítica e Resistência em Educação. Para além das teorias da reprodução. Petrópolis, Vozes, 1986. p.20..

⁴⁷_____._____, p.71.

⁴⁸FREITAG. In: SILVA, S. Valores em Educação. O problema da compreensão e operacionalização dos valores na prática educativa. Petrópolis, Vozes, 1986. p.124.

⁴⁹SILVA, S.A.I. Valores em Educação. O problema da compreensão e operacionalização dos valores na prática educativa. Petrópolis, Vozes, 1986. p.128.

⁵⁰GOBRY, I. La personne. Paris, Presses Universitaires de France, 1966. p.4.

⁵¹MOUNIER. Le Personnalisme, p.485.

⁵²_____._____, p.487.

53 MOUNIER. Révolution Personnaliste et Communautaire,
p.216.

54 _____. Le Personnalisme, p.487.

55 _____. _____, p.487.

56 _____. _____, p.489.

INTERPRETAÇÕES GERAIS A PARTIR DO ESTUDO

Pontos de referência para a educação da pessoa e da comunidade hoje, baseados no Personalismo de Mounier

Na tentativa de estabelecer alguns pontos de referência neste estudo para a educação nas comunidades, notadamente a familiar e escolar hoje, optou-se pela apresentação de um roteiro para planejamento da ação educativa.

A educação personalista é um posicionamento sobre o homem, a vida e o mundo, afastando a idéia de neutralidade.

O Projeto Pessoal de Educação está ligado ao Projeto Global de Civilização implicando a educação da pessoa e a construção da sociedade.

ASSUNTO: a educação segundo o Personalismo. (o quê?)

A educação é o **despertar** da pessoa livre e capaz de se **engajar** responsavelmente. A pessoa se autoconhece e se auto-realiza no movimento de personalização, construindo a vida pessoal.

A educação visa **despertar o homem total**, oportunidade que deve ser oferecida a todos, sem qualquer discriminação: social, econômica, política, religiosa, racial, etária, sexual, de saúde... *"Deixando cada um livre para suas perspectivas últimas, mas preparando a cidade comum dos homens equilibrados fraternalmente, preparados uns com os outros à tarefa de homem."*

A educação que humaniza e personaliza o homem deve ser proposta oferecida a todos, à qual ninguém pode ser constrangido; mas a recusa acarretará consequência para a vida pessoal e social como a vida inautêntica, impessoal, exposta à coisificação, à massificação, à manipulação.

Essa educação também exige reais condições à humanização e personalização com infra-estruturas que propiciem o despertar do homem total e da comunidade, pois *"não se pode exigir dos outros heroísmo o tempo todo"*.

O Personalismo é uma pedagogia da pessoa e da comunidade, uma só obra sob dois aspectos: **pessoal e comunitário**.

O indivíduo é o sujeito da educação e o responsável por sua realização pessoal, enquanto que a comunidade depende da colaboração de todos os seus membros, e cada pessoa só pode oferecer sua parcela e esperar a resposta de todos os outros.

O projeto personalista de educação permeia toda a existência da pessoa e da comunidade com características e acentos próprios, focalizando especialmente a infância e adolescência pela importância da fase de autoconhecimento e autoconstrução, sem descuidar das diferentes etapas da vida de adulto, que também deve encarar *"o acontecimento como mestre interior"*.

PROCEDIMENTO: a forma como acontece a educação. (Como?)

O despertar da pessoa se dá por apelos que ela escuta com todo seu ser; desde que a pessoa se manifesta nas **estruturas do universo pessoal**, estas podem ser trabalhadas na educação na tríplice dimensão interdependente: **vocação, encarnação e comunhão**, através dos exercícios de **meditação, engajamento e despojamento**.

A **MEDITAÇÃO** busca a **VOCACÃO**, a singularidade, a diferenciação qualitativa pela qual cada pessoa é única, irrepetível, distinta de todos os seus semelhantes. Singularidade que não é orgulho, mas tarefa e responsabilidade pessoal.

A **MEDITAÇÃO** na educação supõe condições para:

- **ouvir** no silêncio e no recolhimento, o chamado singular, fundamentando a originalidade, a criatividade, a personalização;

- **exercer** a liberdade que é sempre conquista e "*sob condições*", expressa na opção, envolvendo direitos e deveres. O exercício da liberdade pessoal deve levar ao conhecimento e à aceitação da liberdade dos outros;

- **relacionar** o educando e o educador na comunidade educativa, implicando esforço pessoal do educando e colaboração inteligente do educador. Este, ao prestar o serviço de **tutela** ao educando, é motivado a dinamizar seu próprio processo educativo, ultrapassando a dicotomia "*o que sabe e o que aprende*", estabelecendo-se a **relação pedagógica** em que ambos se educam mutuamente.

O educador deve colaborar para que o educando descubra e fecunde sua **vocação**, estimulando e ordenando o processo educativo. O ouvir e o responder ao chamado singular implica espaço para o esforço pessoal, a iniciativa, o risco calculado, o diálogo, a responsabilidade pessoal, o respeito ao próprio **mistério pessoal** e aos dos outros, aceitando-se e trabalhando conforme suas possibilidades e limitações, numa **relação pedagógica** em que educando e educador na comunidade aprendem com a experiência existencial.

A **MEDITAÇÃO**, em busca do ser singular que conquista sua

liberdade assumindo sua responsabilidade em comunhão com seus semelhantes, desperta a pessoa capaz de analisar a **mudança**, para aceitá-la ou questioná-la, na medida em que propicia ou não a humanização e personalização da pessoa e da comunidade.

Diante da sociedade consumista é consciente e responsável, não se deixando manipular; em face dos meios de comunicação social é receptor crítico e atuante direcionando-os numa linha informativa e formativa, cultural, artística, de lazer, de aproximação das pessoas, das comunidades e dos povos.

Ensina a "*con-viver*" com a **crise** dinamizando a dimensão pedagógica, e, em relação à injustiça institucionalizada, assume a denúncia-anúncio numa atitude lúcida e comprometida, expressa pela **conversão pessoal**, em luta pela transformação estrutural, combate que toda época enfrenta e nunca de maneira definitiva.

A dimensão da **ENCARNAÇÃO** exige o **ENGAJAMENTO**, pois a pessoa está submersa na natureza e inserida numa realidade social que devem ser personalizados.

A pessoa, "*existência incorporada*", volta-se para a natureza para "*a transformar e progressivamente lhe impor a soberania dum universo pessoal*". A exploração da natureza tem por fim garantir aos homens "*as mais altas possibilidades de humanização*" oferecidas à liberdade, que deve ser conquistada, pois é sempre "*liberdade sob condições*", de pessoas situadas, valorizadas, responsáveis.

Aceitar a condição humana é aceitar o **ENGAJAMENTO** nas situações limitadas, imperfeitas, e a abstenção é ilusória.

A ação humana deve visar: dominar e administrar a natureza conforme suas próprias leis, formar a pessoa agente da ação,

aproximá-la de seus semelhantes e enriquecer o universo de valores.

A validade e eficácia da ação depende da "*verdade que lhe dá sentido e da situação histórica*" que lhe dá condições de realização. Em consequência a educação deve:

- ser **total** sem ser totalitária, atendendo a todas as exigências do ser material, intelectual, social, afetiva, moral... pois em cada um de seus atos é o homem todo inteiro que se engaja, afastando qualquer dicotomia manual-intelectual, teórico-prático, trabalho nobre-trabalho servil, ação-contemplação.

Deve desenvolver o **homem todo**, mesmo quando focaliza determinado aspecto. A integração é desafio, mas desafio humano:

- ser **unificadora** num movimento constante, propiciando ao homem conhecer-se e dominar-se, conhecer a natureza e trabalhá-la conforme suas leis, humanizando-a;

- apelar à **conversão pessoal** e à **transformação estrutural** diante da miséria das massas, possibilitando a cada homem e a todos em geral as reais condições de humanização. Educandos e educadores nas comunidades devem buscar alternativas de solução, pois a vivência do processo-projeto personalista de educação é revolucionária, mesmo quando tenta transformações parciais, e não perde de vista o projeto. Enquanto não se alcançam as transformações sociais necessárias, pelo menos não se deteriora mais a situação, e o silêncio seria intolerável.

O **ENGAJAMENTO** total, unificador, em busca da conversão pessoal e da transformação estrutural focaliza o **trabalho** como unificador do ser espiritual, oferecido a todos como realização profissional e remuneração justa às reivindicações do tra-

balhador e de seus dependentes. Deverá também possibilitar o encontro dos homens que, ao produzirem, se constroem e administram o mundo, edificando a sociedade humana, justa e fraterna.

Considera a **técnica** dependente do sentido que o homem lhe confere; portanto, não sua concorrente, mas instrumento de libertação do homem das servidões naturais e conquista da natureza a serviço de todos, respeitando-lhe as leis próprias, fundamento da **ecologia**.

O **DESPOJAMENTO** é exigência da **comunicação** que visa à **COMUNHÃO**.

O paradoxo do ser humano também se expressa na dualidade de *"incomunicação-abertura"*.

A singularidade, manifestação da diferenciação qualitativa, compreende a solidão, por ser a pessoa única, irrepetível. Entretanto, esse ser solitário é também exigência de abertura. A **comunicação** é de tal importância que *"quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros e, em última análise, ser é amar"*.

A **COMUNHÃO** não é ponto de partida, mas ideal a perseguir durante toda a vida. À pessoa é dado somente experienciar momentos de **COMUNHÃO**, *"pré-anúncio"* da **COMUNHÃO** perfeita que não é deste mundo.

O **DESPOJAMENTO** é luta constante contra si mesmo e os obstáculos que se interpõem na comunicação, em vista da **COMUNHÃO**.

O diálogo exige abnegação, escuta, saída de si para compreender e aceitar o outro em sua singularidade, cuja originalidade enriquece o encontro pessoal e comunitário com diversidade de dons e carismas.

Atendendo a dimensão da **COMUNHÃO**, fruto da comunicação

que exige **DESPOJAMENTO**, a educação deve:

- propiciar ao educando **assumir-se** para **doadar-se**, na busca constante de unificação pessoal e comunitária;

- possibilitar à pessoa enfrentar **obstáculos** dinamizando sempre mais suas relações fundamentais: consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o Absoluto;

- orientar o **conhecimento** e a **vivência dialogal**, levando a pessoa a distinguir oposição de idéias de rejeição pessoal;

- visar ao **trabalho em grupo** que propicia encontro de pessoas empenhadas na construção de um mundo mais justo e fraterno;

- considerar os graus da **comunidade**, que é **construção constante**, a perfeita não sendo deste mundo; daí a necessidade da educação auxiliar o homem a viver nas imperfeitas, cuja edificação é responsabilidade de todos os seus membros.

O **DESPOJAMENTO** que implica a pessoa assumir-se para doar-se é a tensão entre a interioridade e a comunicação e visa à convivência, que exige equilíbrio e liberdade entre singularidade e abertura, entre vida pessoal e comunitária, e na relação pedagógica. Isto leva o diálogo do homem a visar à plenitude pessoal, unido ao apelo da humanidade em seu conjunto e todo problema humano deve ser focalizado nessa dupla referência.

Num mundo massificado, anônimo, a comunicação, estimulada pelo diálogo, motiva diversas formas de "*con-vivência*" em função da comunidade humana.

CLIENTELA: a quem se destina o processo-projeto educacional.

(Para quem?)

Todas as pessoas têm direito à educação que lhes asse-

gure sua humanização e personalização e que os capacite como agentes construtores da civilização humana, tarefa de todos os indivíduos em todas as épocas. Esse direito elimina toda discriminação de qualquer ordem: social, econômica, política, religiosa, racial, sexual, de idade, saúde...

Esse direito implica em **dever** para toda instituição, política, econômica, social, de assegurar as condições necessárias à realização do processo projeto educativo pessoal e comunitário, garantindo os recursos e os meios.

Decorre que todas as pessoas devem ser ajudadas à desbrochar sua vocação em suas possibilidades e limites, não excluindo ou esquecendo os portadores de qualquer deficiência física ou mental. A educação deve colaborar para que possam atingir o máximo de desenvolvimento pessoal que seus condicionamentos lhes permitem, colaborando para uma vida humana justa de acordo com suas reais possibilidades pessoais.

A esperança e respeito ao **mistério pessoal** deve motivar a educação das pessoas e grupos com marcas ou deformações humanas, ajudando-as adequadamente, levando em consideração suas experiências, propiciando-lhes ambiente necessário, pois até os fracassos e sofrimentos são componentes do processo educativo quando explorados pedagogicamente.

A educação personalista, mesmo abrangente, dá prioridade especialmente à criança e ao jovem.

ÉPOCA: em que fase da existência humana ocorre a educação.

(Quando?)

Desde que o processo de autoconhecimento e auto-realização permeia toda a vida da pessoa, a educação deve acompanhá-

la, pois cada nova fase ou etapa implica nova aprendizagem.

A educação personalista enfatiza a infância e juventude por serem etapas em que as bases do processo são enraizadas. Não exclui nenhuma ocasião, momento, acontecimento, até mesmo infortúnios, crises, que possuem aspectos pedagógicos e devem ser explorados.

A educação, processo permanente na existência humana e na das comunidades, envolve atitudes de fidelidade à **VOCACÃO**, buscando-a sem esmorecer, atenção à mensagem dos acontecimentos, humildade em aceitar e tirar proveito das dificuldades, até dos fracassos, criatividade diante dos obstáculos que se apresentam, descobrindo novos caminhos, criando alternativas e motivando o progresso e avanço na caminhada da humanidade.

CONTEXTO: em que ambiente ocorre a educação. (Onde?)

A educação sempre acontece na comunidade e desde cedo a pessoa deve aprender a conviver com seus semelhantes, preparando-se para a vida coletiva, através de tentativas modestas, que contribuirão ao conhecimento do outro e de si mesma, aberta à realidade social. Entre outras comunidades, sem ignorar a interdependência com todas as demais, focalizam-se a **família** e a **escola**, por sua importância em ajudar o homem a responder às exigências e desafios do mundo em crise.

A **comunidade familiar** educa pelo ambiente, convivência, testemunho, personalização dos valores, exercendo sua função de **mediação** entre o público e o privado, certa vida social e a intimidade pessoal.

A insubstituível missão educativa da **comunidade familiar** deve corresponder a todas as exigências da formação e manuten-

ção de comunidade atuante na sociedade. O contexto social deve ser o referencial para a "*con-vivência*" dentro e fora do ambiente familiar, dinamizando a função social da família, sempre atenta a horizontes mais amplos.

A experiência de **socialização** livre e responsável na família educa o senso comunitário, a consciência crítica, o compromisso sócio-político; orienta para a solidariedade, a participação com direitos e deveres em relação a si próprio e aos outros; propicia, ainda, a formação de indivíduos integrados e cidadãos atuantes na construção de um mundo mais justo, mais humano e mais feliz.

A **comunidade escolar** que, desde os primeiros anos, deve "*ensinar a viver e não a acumular conhecimentos exatos ou adquirir habilidades*", colabora com a família através da **educação sistemática, intencional e organizada**.

A expectativa em relação à escola se diferencia em função da clientela, pertencente às diferentes classes sociais existentes na sociedade, extra-muros. Em relação a este dado, a **escola** deve estar atenta para não reforçá-lo; pelo contrário, deve colaborar para superá-lo através da real preparação escolar, à medida que cria espaços para que todos os indivíduos tenham acesso efetivo e adequado ao acervo cultural.

A **escola** permite aos que a freqüentam uma introdução e familiaridade com as atividades intelectuais, com os conhecimentos e instrumentos de trabalho que serão requisitos para a atuação dos educandos no mundo fora da escola.

As **comunidades familiar e escolar** sentem-se desafiadas pelas multidões de famílias que vivem na miséria, sem condições dignas para a pessoa e a comunidade, exigindo transformações estruturais urgentes.

Concluindo, os pontos de referência, mais que conclusões definitivas, são pistas de reflexão-ação para enfrentar os problemas atuais da educação num mundo em crise. São mais princípios que respostas prontas, apelando à imaginação criadora e ao engajamento pessoal-comunitário responsável.

A pessoa é um chamado a ouvir, uma **exigência** a realizar, uma **unidade** a criar. A educação, ao desempenhar sua tarefa, deve possibilitar a **escuta** do chamado e a **resposta** a ele, sendo instrumento de transformação da realidade, criando a sociedade justa e fraterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma retrospectiva sobre o caminho percorrido atesta a veracidade da afirmação de MOUNIER: *"uma tese é mais um trabalho humano que intelectual"*. **Humano** em vários sentidos.

Pelo **encontro** com pensadores-educadores no diálogo pessoal ou através de livros, num corte diacrônico e sincrônico: diacronicamente, a caminhada de pensadores em busca de respostas e soluções para os problemas humanos, legando à posteridade um patrimônio incalculável; sincronicamente, pensadores separados pelo espaço ou por posições filosóficas, chegando a abordagens e propostas semelhantes, completando-se mutuamente, numa vivência de que *"o Espírito sopra onde quer"* e o homem não possui a Verdade, mas é possuído por ela.

Tese, trabalho humano, por perceber a **interação** no tempo-espaço dos homens de boa vontade, buscando, como que às apalpadelas, a edificação de um mundo melhor para todos, independente de denominações, fundamentando a esperança de dias melhores para a humanidade pela colaboração de todos.

Tese, trabalho humano na **dimensão pessoal**.

Uma dissertação obriga à revisão não apenas intelectual, mas de toda a vida do homem. A afirmação *"sei que nada sei"* não exime da tarefa, mas exige humildade e perseverança na busca continuada, desafio de descobrir, esperar a maturação, começar, revisar e novamente *"re-começar"*.

Experiência de ser o ponto de convergência de ajuda de muitos, sob as mais diversas formas. Descoberta de pessoas e seus carismas, que, de outro modo, talvez não ocorresse. Mais uma vez reafirmando MOUNIER - a interdependência da pessoa e comunidade.

Tese, trabalho humano, pensando concluir, sabendo que esse ponto de chegada é também novo ponto de partida, que as descobertas, por menores que possam ser, devem ser partilhadas, pois o homem se humaniza no contínuo movimento de recolher-se, para personalizar-se, engajar-se, realizando-se no despojamento da descoberta oferecida a todos, como contribuição às caminhadas pessoais que integram a marcha da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 ANDREOLA, B.A. Emmanuel Mounier et Paulo Freire. Une Pédagogie de la Personne et de la Communauté. Belgique, Louvain-La-Neuve, 1985. 505 p.
- 02 BECKER, L.S. A Escola ensina ou discrimina? EDUCAR, Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, nº 4(1):123-146.
- 03 BERMAN, L. Novas prioridades para o currículo. Trad. L. Valandro. 3.ed. Porto Alegre, Ed. Globo, 1979. 240 p.
- 04 BIGO, P. & ÁVILA, F. Fé Cristã e Compromisso Social. Elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da Doutrina Social da Igreja. São Paulo, Paulinas, 1982. 459 p.
- 05 BOLLNOW, T.F. Pedagogia e Filosofia da Existência. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1974. 208 p.
- 06 BOTTOMORE, T.B. Introdução à Sociologia. Trad. Otávio Velho. 5.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. 318 p.
- 07 BOURDIEU, P. & PASSERON, C.J. A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão, 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. 238 p.
- 08 BRANDÃO, C.R. O que é Educação. São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 11.ed., 1984. 116 p.
- 09 CAMPOS, M.C.S.S. Educação: agentes formais e informais. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1985. 109 p.
- 10 CASSIRER, E. Antropologia Filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- 11 CAUSSAT, P. Redefinir la Personne. Esprit, Paris, 6, 1251-1262, juin. 1973.
- 12 CECCON et alii. A vida na escola e a escola da vida. 5.ed. Petrópolis, Vozes, 1986. 93 p.
- 13 CIRIGLIANO, G.F.G. Fenomenologia da Educação. Trad. Isai-da Tissot. Petrópolis, Vozes, 1969. 233 p.

- 14 CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 2. Medellín, 1968. Conclusões de Medellín. 4.ed. São Paulo, Paulinas, 168 p.
- 15 CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 3. Puebla, 1979. A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. 5.ed. São Paulo, Loyola, 1979. 363 p.
- 16 CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. Campanha da Fraternidade 1982. "A Verdade vos libertará". São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1981. 96 p.
- 17 CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Educação Evangelizadora: Um desafio na América Latina. São Paulo, Loyola, 1981. 174 p.
- 18 CUNHA, L.A. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. 5.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. 291 p.
- 19 CURY, C.R.J. Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1985. 134 p.
- 20 DOMENACH, J.M. et alii. Presença de Mounier. Trad. Maria Lúcia Moreira. São Paulo, Duas Cidades, 1969. 168 p.
- 21 ESCALONA, S.L. Antropologia e Educação. Trad. Euclides Silva. São Paulo, Paulinas, 1983. 181 p.
- 22 _____. Humanização tarefa de todos. Trad. Euclides Silva. São Paulo, Paulinas, 1983. 101 p.
- 23 ETAVE, R. Uma pedagogia para o homem. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1972. 205 p.
- 24 FÁVERO, L. Elementos para encaminhar uma transformação curricular. Revista de Educação da AEC, nº 48:28-44, 1983.
- 25 FORACCHI, M.M. & PEREIRA, E. Educação e Sociedade. São Paulo, Editora Nacional, 1964. 450 p.
- 26 FREIRE, P. Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. Trad. D. Mello e Silva. 3.ed. São Paulo, Moraes, 1980. 102 p.
- 27 _____. Educação como Prática da Liberdade. 11.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 150 p.
- 28 _____. Educação e Mudança. Trad. Moaci Gadotti e L. Martin. 6.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 79 p.
- 29 _____. Pedagogia do Oprimido. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 218 p.
- 30 FROMM, E. Psicanálise da Sociedade Contemporânea. 5.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. 347 p.

- 31 FURTER, P. Educação e Vida. 5.ed. Petrópolis, Vozes, 1973. 191 p.
- 32 _____. Educação e Reflexão. 13.ed. Petrópolis, Vozes, 1982, 90 p.
- 33 GADOTTI, M. Educação e Poder. Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1980. 143 p.
- 34 GANDIM, D. Elementos para estabelecer uma metodologia transformadora. Revista de Educação da AEC, nº 48:11-26, 1983.
- 35 GILES, T.R. Filosofia da Educação. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1983. 114 p.
- 36 GIROUX, H. Teoria Crítica e Resistência em Educação. Para além das teorias da reprodução. Petrópolis, Vozes, 1986. 336 p.
- 37 GUTIERREZ, F. Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978. 106 p.
- 38 HARPER, B. et alii. Cuidado, Escola! 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. 118 p.
- 39 HEIDEGGER, M. Introducción a la Metafísica. Trad. Emilio Estiú, 3.ed. Buenos Aires, Editorial Nova. 240 p.
- 40 HESSEN, J. Teoria do Conhecimento. Trad. Antonio Correia. 4.ed. Coimbra, Editor Arménio Amado, 1968. 201 p.
- 41 HOVRE, F. Ensaio de Filosofia Pedagógica. Trad. Luiz D. Penna e J.B.D. Penna. São Paulo, Editora Nacional, 1969. 396 p.
- 42 JOÃO PAULO II, Papa. O trabalho humano. Carta Encíclica "Laborem Exercens". São Paulo, Paulinas, 1981. 97 p.
- 43 JORGE, J.S. A ideologia de Paulo Freire. São Paulo, Loyola, 1979. 87 p.
- 44 _____. Educação crítica e seu método. São Paulo, Loyola, 1981. 110 p.
- 45 _____. Puebla, Libertação do Homem Pobre. São Paulo, Loyola, 1981. 94 p.
- 46 _____. Sem ódio nem violência. A perspectiva da Libertação segundo Paulo Freire. São Paulo, Loyola, 1979. 88 p.
- 47 KNELLER, G. Introdução à Filosofia da Educação. Trad. A. Cabral. 16.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 133 p.
- 48 LADRIÈRE, J. La science, le monde et la foi. Belgique, Castermann, 1972.

- 49 LIMA, A.A. Comentários à Populorum Progressio. Petrópolis, Vozes, 1969. 158 p.
- 50 LIMA, L.O. O impasse na educação. Petrópolis, Vozes, 1969. 382 p.
- 51 _____. Mutações em educação segundo Macluhan. Petrópolis, Vozes. 15.ed., 1982. 64 p.
- 52 LIBÂNIO, J.B. Formação da Consciência Crítica. Subsídios Filosófico-Culturais. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1982. 107 p.
- 53 _____. Subsídios Sócio-Analíticos. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1980. 148 p.
- 54 LIBÂNIO, J.B. & CELES, L.A.M. _____. Subsídios Psico-Pedagógicos. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1982. 106 p.
- 55 LIBÂNIO, J.B. Educação Católica. Atuais Tendências. São Paulo, Loyola, 1983. 206 p.
- 56 _____ et alii. Educação para uma sociedade justa. São Paulo, Loyola, 1981. 125 p.
- 57 LORENZON, A. Personne et Communauté. Essai sur l'oeuvre d'Emmanuel Mounier. Paris, Université de Paris, 1972. 385 p. (Tese de doutoramento ainda inédita)
- 58 LUZIRIAGA, L. Pedagogia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953. 372 p.
- 59 MANNHEIM, K. Diagnóstico de nosso tempo. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. 208 p.
- 60 MARTINS, D. Filosofia da Plenitude. Braga, Livraria Cruz, 1966. 239 p.
- 61 MEDINA, C.A. Família e Mudança. O familismo numa sociedade arcaica em transformação. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, Ceris, 1974. 149 p.
- 62 MERLEAU-PONTY, M. La fenomenologia y las Ciencias del Hombre. Buenos Aires, Editorial Nova, 1969. 103 p.
- 63 MIZUKAMI, M.G.N. Ensino: As abordagens do processo. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 119 p.
- 64 MOIX, C. O pensamento de Emmanuel Mounier. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. 389 p.
- 65 MONDIN, B. O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica. Trad. Ferreira e Ferrari. 2.ed. São Paulo, Paulinas. 324 p.
- 66 MOUROUX, J. Vocação cristã do homem. Trad. Mendonça. São Paulo, Flamboyant, 1961. 239 p.

- 67 NOGARE, P.D. Humanismos e Anti-Humanismos: Introdução à Antropologia Filosófica. 5.ed. Petrópolis, Vozes, 1979. 290 p.
- 68 OLIVEN, R.G. Violência e Cultura no Brasil. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1982. 86 p.
- 69 ORO, P.A. et alii. Filosofia da Educação. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980. 136 p.
- 70 OZMON, H. Filosofia da Educação: Um diálogo. Trad. Marco A. Matos. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 190 p.
- 71 PAIVA, V.P. Paulo Freire e o Nacionalismo Desenvolvimentista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- 72 PAULO VI. A Igreja no Mundo de Hoje; Constituição Pastoral Gaudium et Spes. 11.ed. Petrópolis, Vozes, 1973. 127 p.
- 73 PAULO VI, Papa. O Desenvolvimento dos Povos. Carta Encíclica Populorum Progressio. Petrópolis, Vozes, 1967. 45 p.
- 74 PEREIRA, L.C.B. Desenvolvimento e Crise no Brasil. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. 230 p.
- 75 PINTO, L.A.C. Desenvolvimento Econômico e Transição Social. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 156 p.
- 76 PITTENGER, O. & GOODING, T. Teorias da Aprendizagem na Prática Educacional. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, EDUSP, 1977. 208 p.
- 77 PRADO, D. O que é família. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. 92 p.
- 78 RAMA et alii. Desenvolvimento e Educação na América Latina. Trad. Maura Iglesias. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1983. 120 p.
- 79 RAMOS, O.C. Les Elements Psychologiques et Philosophiques de la Notion de Personne dans l'Oeuvre d'Emmanuel Mounier. (Jalons pour une philosophie de l'education) Paris, Université de Paris, Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Nanterre, 1970. 191 p. (Tese de doutoramento ainda inédita).
- 80 REZENDE, A.M. O saber e o poder na Universidade: dominação ou serviço? 14.ed. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986. 88 p.
- 81 RODRIGUES, N. Lições do Príncipe e outras lições. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986. 111 p.
- 82 _____. Por uma nova escola. O transitório e o permanente na educação. 4.ed. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986. 120 p.

- 83 RUEDELL, A. Lições Políticas para a América Latina. Um estudo do pensamento político de E. Mounier. Canoas, Ed. La Salle, 1985. 141 p.
- 84 SANTOS, J.L. O que é cultura. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 89 p.
- 85 SAVIANI, D. Educação: Do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1980. 219 p.
- 86 _____. Escola e Democracia. 12.ed. São Paulo, Cortez: Autores Associados. 95 p.
- 87 SEVERINO, A.J. Educação, Ideologia e Contra-Ideologia. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1986. 106 p.
- 88 _____. Pessoa e Existência: Iniciação ao Personalismo de Mounier. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1983. 158 p.
- 89 SPEYER, A.M. Educação e Campesinato. Uma educação para o meio rural. São Paulo, Loyola, 1983. 145 p.
- 90 VANCOURT, R. A Estrutura da Filosofia. As origens do Homem. Trad. Glycia Silva. 3.ed. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1964. 231 p.
- 91 _____. A Estrutura da Filosofia. Filosofia e Fenomenologia. Trad. Glycia Silva. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1964. 231 p.
- 92 WOLF, M. Desenvolvimento: para que e para quem? Trad. João Maia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 284 p.
- 93 ZILLES, U. O Personalismo na Filosofia e a Filosofia do Personalismo. Revista VERITAS. PUC-R.G. do Sul, 1976. p. 204-223.